

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO Á MOÇIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 1

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Janeiro — 5

COIMBRA, JANEIRO DE 1866

O — ALBUM LITTERARIO — desenrola hoje a bandeira da sua existencia ao sol majestoso da civilisação.

Hoje que por todos os angulos da humanidade se ostenta brilhante a luz do progresso, e que ella parece haver-se diffundido por todas as camadas da sociedade, era para lastimar que a mocidade coimbricense não tomasse seu logar nos debates civilisadores, e ostentasse em toda a sua plenitude os recursos de que dispõe, prestando assim homenagem ás idéas do seculo, e curvando-se ante o esplendor do progresso humano.

A mocidade de hoje occupará amanhã os primeiros degraus da escala social. Precisa pois caminhar, precisa manifestar já os seus dotes, estabelecer seu credito, para que possa grangear os titulos sobre que funde a esperança da sociedade, e assente a confiança geral, que deve procurar.

Desde que a luz evangelica se diffundiu por toda a superficie do globo, desde que pelo seu brilho foram illuminadas todas as intelligencias, e se dissiparam as trevas que traziam involvido o espirito do homem, e que no Golgotha se hasteou o pendão sacro-sancto do progresso, as luctas terriveis da materia cederam seu logar ás luctas luminosas do espirito. Desde então, desde o bater d'esse momento angusto no relógio da vida da humanidade, se operou uma revolução geral na ordem moral das cousas, e a humanidade passou por uma nova phase.

Poderam ainda por algum tempo cerrar-se os olhos da razão á luz da verdade; poderam ainda fechar-se por muito tempo os ouvidos á voz celestial, ao impulso da propria consciencia, que chamava o homem a collocar-se em torno do pendão do progresso, hasteado por Christo no seio da humanidade. O Christo da religião é ainda o mesmo Christo da civilisação. Nelle vimos o genio reformador da moral e dos costumes; nelle o promulgador d'uma nova doutrina, mas d'uma doutrina toda inebriada, toda perfumada do verídico progresso social.

Pôde dar-se, deu-se mesmo o facto de sua doutrina ser por muito tempo desprestigiada por muitos; as luctas da materia conservaram ainda por muito tempo seu imperio desastrado na humanidade, e no passado seculo, só desperdiçado muito tempo, cederam seu logar ás luctas gigantescas do espirito.

Gloria dos tempos modernos! hoje a humanidade não caminha já para o seu engrandecimento sobre montões de cadaveres; não é já com o remechar de exercitos, não é com o brandir das espadas, que se decide o destino da sociedade; a consciencia d'isso depende hoje dos esforços dos genios illustrados e das intelligencias esclarecidas pelo estudo.

Neste auge a que havemos chegado era indesculpavel que a mocidade se não apresentasse de frente levantada a buscar sua posição e fazer valer sua dignidade, e respeitar seus direitos sociaes, mostrando-se credora da consideração publica, e digna

da esperança que a sociedade nella tem a depositar.

A imprensa, a nobre instituição de Guttemberg, é hoje por todos considerada a primeira alavanca do progresso, o motor principal da civilisação humana; precisavamos pois prestar homenagem a esta verdade, sendo os primeiros a lançar mão d'ella para o seu desenvolvimento.

Não era muito que a mocidade apresentasse á sociedade um jornal seu, onde fizesse valer seus direitos, e ostentasse seus recursos. Não pode ella preferir seu veredictum sobre os intrinsecos problemas sociais, que ora se debatem em todos os pontos da sociedade, mas pode apresentar sua opinião, á custa de seus estudos. Pode ella com o estudo ir illustrando sua intelligencia, ir desenvolvendo sua razão, e assim redobrar seus recursos, augmentar seus conhecimentos, e preparar-se para um dia occupar com dignidade o logar que lhe competir na sociedade.

É a isso a que a mocidade tem a aspirar; é isso que lhe cumpre procurar.

Avante, pois! estudae, que é com o estudo, que se decidem as mais elevadas questões sociais; estudae, que é com o estudo e pelo estudo que hoje o homem consegue o seu fim.

Nesse intuito esforçámo-nos por levar a effeito a publicação d'esta folha, publicação que, despida de todo o interesse material, só proeura o aperfeiçoamento moral da mocidade, só aspira á sua illustração.

Aqui lh'a ofertamos. Nada podemos, porque nos faltam os recursos necessarios, mas para supprir essa falta contamos com o auxilio de algumas pennas illustres, de alguns talentos, a quem o publico tem prestado já homenagem.

M. F. MARGALHO.

A ORAÇÃO DA NOITE

O meu amor anda errante
nas ondas do mar escuro,
a Virgem nossa senhora
m'o traga ao porto seguro.

Os ventos gemem queixumes
na ramagem do arvoredó,
os lobos uivam nos mattos,
até os lobos têm medo!

As c'rujas sobre o telhado
se adivinham gente morta!..
morte lhes venha que as leve,
p'ra longe da minha porta..

Já toda a gente descansa
só eu rezo em meu rosario:
a virgem, mãe dos afflictos,
me tire d'este fadario.

Nas ondas do mar sagrado
meu amor anda sósinho,
quem lhe acenara co'um lenço
e lhe mostrara o caminho...

À noite corre tão negra,
é tão medonho este vento!
virgem senhora, trazei-me
ao porto do salvamento...

Tres dias já são passados,
ao fim do terceiro dia
rezavam junetos, á noite,
aos pés da Virgem Maria.

J. SIMÕES DIAS.

A MUSICA E A EDUCAÇÃO DO POVO

Hoje que a humanidade pelas evoluções do seu movimento manifesta, mais que nunca, uma forte tendencia a constituir-se debaixo da sua forma caracteristica — a *racionalidade autonómica* — é forçoso confessar que a sciencia tambem hoje, mais que no passado, tem a seu cargo a ardua tarefa de estudar os meios mais conducentes á consecução d'aquelle fim.

Os trabalhos da sciencia, isto é, da verdadeira philosophia no dizer de Proudhon; as inspirações d'essa instituição, eminentemente philosophica e regeneradora — o christianismo —; as revoluções, que no meio dos seus clamores não puderam ver o punhal fraticida, que se lavava no sangue de seus fi-

lhos, porque o enthusiasmo d'uma causa sancta lhes vendava os olhos; tudo isto fez acordar no coração da Europa o sentimento da personalidade humana com todas as suas consequências.

Então disse-se ao povo — *estás livre.*

Até aqui não ha duvida. Mas poder-se-lhe-ha dizer — *toma as redeas, e dirige por ti a consecução do teu destino?*

Eis o que nos parece uma imprudencia na actualidade.

O povo é o unico soberano; porque além do povo só está a razão, que, incarnada nelle, em potencia ou em acto, é a lei reguladora da sua vida moral.

Mas o povo para ser soberano precisa:

I

Ser preparado pela educação. Quem se dirige, conhece e julga; o povo não conhece nem julga, porque não pode nem sabe; logo o povo não se pode dirigir. O senso commun é o tacto da alma. Unido a uma intelligencia esclarecida, e a uma vontade moralisada, é um guia seguro no caminhar da vida. Sem aquelles focos, que lhe dão luz e vida, é como a lanceta nas mãos do cego, que se corta a si, julgando picar a veia do doente.

Então é preciso educar o povo, e depois ir-lhe dando o uso dos instrumentos, que até então não sabia manobrar.

Para educarmos o povo, penetremos-lhe na alma pela parte mais accessivel, isto é, pelo sentimento. D'ahi á intelligencia é um passo, e bem facil. A vontade seguirá por si os impulsos dos seus motores. Depois o povo será tudo o que quizerem.

Não será uma familia de anjos, nem nós o queremos, nem o podíamos querer. Será uma familia de homens, com paixões sempre nas paixões nobres, que os exaltem. Terá tambem paixões ruins, mas ver-se-ha com os meios de as moderar, evitando na maioria dos casos os effeitos d'uma explosão.

É o que podemos esperar do povo, e talvez seja demais. Agora pertence-nos empregar os meios; e depois o futuro não é nosso. Não é uma questão de vidas de ho-

mens, nem talvez de gerações; porque tudo isto na vida da humanidade são insignificantes momentos na vida do homem.

Vejamos pois o que é a musica, e os serviços que ella pode prestar na educação do povo; visto ser ella um dos primeiros meios a empregar na consecução d'este fim.

II

Deixemos a musica pelo seu lado subjectivo, isto é, considerada como uma modificação do sentimento. Nesta parte appellamos para a consciencia de cada um, e ninguem, a não ser uma excepção extravagante, como ha poucas, deixará de sentir vibrar as cordas da lyra da alma, ás mais simples combinações d'essa arte divina, que o homem cultiva, e que toda a natureza realiza.

Deos é o grande maestro da orchestra universal, a que pertencemos, e a natureza é o seu grande musico e o seu primeiro sacerdote.

Estudemos a musica como arte, para em seguida lhe calcularmos as applicações.

Debaixo d'este ponto de vista costuma geralmente definir-se a musica — *a arte de combinar os sons d'uma maneira agradável ao ouvido.* — É porem evidente que uma tal definição diz respeito mais especialmente á parte technica da composição; pois apenas suppõe uma operação de calculo, em certo modo puramente mechanica.

A nosso ver seria por ventura mais rigoroso definir a musica — *a arte que tem por fim commover a alma por meio das modificações do som.*

Esta definição abrange a musica como sciencia e arte. — Com effeito a musica é tambem uma sciencia physico-mathematica, pois o som, que é o seu elemento constitutivo, é essencialmente do dominio da physica, em quanto os calculos e operações diversas, a que dão logar as vibrações sonoras, referem-se especialmente á Acustica nas suas relações com a mathematica.

Mas, em geral, não é debaixo d'este aspecto que ella é estudada pelos musicos de profissão; e os sabios, que se occupam

da parte physico-mathematica da arte musical, não entram na classe dos musicos. Da-se este titulo apenas aos artistas, que se entregam á composição, ou á execução da musica.

É assim que a antiguidade classificava a musica em *theorica* ou *contemplativa* e *activa* ou *practica*. Incluim na primeira a astronomia, ou a *harmonia do mundo*, e a arithmetica ou *harmonia dos numeros*.

O segundo reino abrangia a *harmonica*, que tractava dos sons, intervallos, systemas, especies, etc... , a *rhythmica*, que tractava dos movimentos; e a *metrica*, que ensinava a medir os versos; a *melopeia*, ou arte de crear melodias, etc...

As regras geraes, dictadas pelo gosto e pela experiencia e baseadas na natureza das cousas, forma a *Esthetica* da arte musical, que neste caso se constitue com principios proprios.

Seria com effeito menos rigoroso applicar á musica o principio constitutivo de todas as artes, fundadas unicamente na imitação da natureza.

Inquestionavelmente a musica pode ser imitativa, e não é talvez a de menos merecimento, mas isto é para ella apenas secundario.

A musica preexiste a toda a idéa de imitação. Ella é em certo modo innata em nós; pois na sua forma mais elementar não é mais do que uma transformação da palavra.

As primeiras leis que se lhe impõem têm por um lado a precisão dos accentos tonicos, principio de toda a melodia, e por outro a successão e periodicidade de certas cadencias, donde nasce o rhythm, outro principio da musica. A musica não é somente uma arte de imitação, como o desenho; ella é um dom da natureza. É para o ouvido o que são para cada um de nossos sentidos os objectos que os affectam agradavelmente. Eis por que todos os povos, ainda os mais selvagens, possuem uma musica qualquer, imperfeita é verdade, mas que assim mesmo lhes satisfaz plenamente o ouvido.

Continue.

A. C. A. M. CALLISTO.

NUM DIA D'ANNOS

Que dia formoso, brilhante sem par;
que meiga desponta tão linda hoje a aurora!
nas selvas, nos bosques; das aves, sonora
a voz se confunde num ledo cantar.

As aguas murmuram em manso correr;
o astro do dia refulge brilhante;
o zephro sopra, e não mui distante
a meiga rolinha so sente gemer.

Nos campos amenos, matizes de flores;
as nuvens perpassam ligeiras nos ceos;
gorgeios e hymnos, sentidos adeos,
repetem nos ares volateis cantores!

P'ra vir este dia tambem celebrar,
o mundo parece de galas vestido....
e eu, oh! donzella, este canto sentido
que a lyra desprende, te venho offertar!

Bem sei que é singela e mui pobre a canção,
mas quem tem pobreza... não dá diamantes;
acceta-a assim... e erê são constantes
flores que germinam no meu coração.

Que dia formoso, brilhante sem par;
que meiga desponta tão linda hoje a aurora!
nas selvas, nos bosques; das aves, sonora
a voz se confunde num ledo cantar.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

CASAMENTO CIVIL

Abaixo publicamos o protesto que um grande numero de senhoras de Lisboa fizeram contra o casamento civil.

Ha muito que pela imprensa se sabia que em Lisboa se andava assignando um tal protesto, e tinha elle já merecido differentes apreciações. Esperavamos ansioso que elle visse a luz publica, para podermos com conhecimento de causa formar nosso juizo.

O protesto, como era de esperar da cordura e illustração do bello sexo, vem feito em termos delicados mas enérgicos.

Seja-nos agora permittido tambem emit-

tir nossa opinião acerca do passo menumental, que as nobres damas acabam de dar, e que hoje, como devia ser, prende a attenção publica.

O projectado casamento civil toea mui de perto com o bello sexo, e é a elle a quem mais intimamente diz respeito, e é mesmo nossa opinião, de ha muito assentada, o já conhecida, que implica bastante com a dignidade feminil. Assim o entenderam ellas tambem; e esta consideração por si bastaria para tirar toda a extranheza a um tal procedimento das senhoras, e levar-as a fazerem valer por meios tão legaes como honestos, tão honrosos como delicados, as suas regalias socias, e lavarem toda a mancha lançada na nobreza de seus sentimentos. É o que fizeram; honra lhes seja.

M. F. MARGALHO.

Protesto contra o casamento civil

Só homens sem entranhas, nem coração, só homens cegos e descredos, e que talvez, (desgraçados!) não conheceram mãe, não têm esposa, nem filhas, nem irmos poderão approvar jámais o monstruoso projecto de legalisar a deshonor da mulher!

Nós que pertencemos a esse sexo, hoje tão indignamente ultrajado, protestamos contra o projecto de lei do casamento civil; regeitamos todas as pretendidas vantagens que elle possa prometter-nos.

Não reputamos como sagrados outros laços senão aquelles que Jesus Christo consagrou, não queremos outras cadeias, nem outra liberdade senão aquellas que a religião auctorisou.

Em nome dos nossos mais caros interesses, interesses de honra, interesses do coração, interesses de felicidade domestica e de dignidade social; em nome das nossas filhas, que hão de ser as mães da geração futura, e a quem procuram desde já manchar o berço; em nome de tudo quanto se possa invocar de mais sagrado e caro, religião, familia e patria, protestamos contra essa lei iniqua, e protestamos com todas as faculdades da nossa alma, com toda a energia do nosso querer.

Lisboa, 8 de dezembro de 1865.



NECROLOGIO

Exhalou o ultimo suspiro no dia 1.º do corrente, depois de um longo e acerbo padecer, o ex.^{mo} sr. dr. José da Encarnação Coelho, lente de theologia na Universidade de Coimbra.

As virtudes, que adornavam o coração do illustre finado, tornaram-no estimado por todos em quanto vivo, e respeitado e chorado ainda hoje depois de morto.

Sacerdote exemplar, eximio professor, soube sempre conservar-se á altura da sua missão. Todos souberam por isso prestar homenagem a suas excelsas qualidades; assim o vimos exercer, com dignidade e louvor, o importante cargo de representante do povo no parlamento, onde, por seus merecimentos e verdadeiro interesse pelo bem do povo, que representava, grangeou os justos titulos de honrado patriota e cidadão prestante.

A uma elevada inteireza de caracter juntava um acrisolado amor pela sua patria e pela sciencia, em que consumiu quasi toda a sua vida, e uma firmeza inhabalavel de principios, pelo que se viu sempre rodeado de amigos, que o estimavam, e que, não o desamparando no leito da dor, em que para tanto tempo geou, souberam tambem respeitar devidamente seus restos á beira do sepulchro.

Na quarta feira pelas 10 horas do dia se fizeram, no cemiterio da Conchada, as ultimas honras a seus restos mortaes, assistindo a este acto funebre grande numero de pessoas; uma grande parte de seus collegas do corpo docente da Universidade, e grande numero de academicos.

Resta-nos pois só prestar homenagem ás cinzas venerandas do illustre finado, e invocarmos uma prece pelo seu eterno descanso na mansão dos justos.

Coimbra, 4 de janeiro de 1866.

M. F. MARGALHO.

REVISTA

Grande foi por certo o meu arrojo, apresentando-me neste lugar ás attenções das minhas anaveis leitoras; está claro, vão passar por cima de mim, sem me ligar talvez tanta importancia como ao enfeite, que levaram á ultima recita, e que persiste em cahir debaixo das mãos de s. ex.^{aa}, pretendendo ainda uma vez concorrer para o magico effeito optico d'uns cabellos louros, ondeados.... ou pretos; a cor pouco importa, porque não estabeleço preferencia sobre tão melindroso assumpto.

Mas quo querem? o redactor insistiu, e eu resisti, ameaçou-me finalmente com um *degreço perpetuo*, tive medo e obedeci. A natureza humana tem ás vezes d'estas pequenas misérias; uma simples ameaça, meia duzia de palavras atiradas de repente á effervescencia de um projecto gigante fazem um effeito muito mais sensivel do que uma muralha de vinte pés de espessura, ou um rio caudaloso, que se offereçam inesperadamente aos bigodes de um pelotão de granadeiros.

Agourei muito mal d'este primeiro contratempo; o meu desapontamento porem, subiu de ponto quando passei á inspecção do meu modesto *guarda-roupa*, e realmente não vi coisa com que dignamente me apresentasse perante v. ex.^{aa}. Meditei, bati na testa repetidas vezes, e occorreu-me a feliz idéa de dar uma *batida* furiosa em qualquer composição litteraria, sabida ultimamente dos prelos nacionaes.

O *Poema da mocidade* foi a primeira que me lembrou; mas por outro lado a grande difficuldade que havia em obter o *unico exemplar*, que existe em Coimbra, segundo me asseveraram, desarmou immediatamente a minha *ira* contra o livro, contra o auctor, e em geral contra toda a *panelinha*, que se *insensa* mutuamente, pouca vergonha, que já por varias vezes tive vontade de *stygmatisar*, como merece.

Ainda estava meio decidido a mandalo vir pelo primeiro *expresso*, quando um amigo meu, entra de repente no meu quarto, e faz-me presente do n.º 2.º da *Revista de*

Coimbra. Passei em claro as *lendas de Virgilio*, fabricadas por os *eleitos*, fui voltando as folhas sobre aquelles *contos* o aquellas *historias*, e cheguei finalmente á *chronica*, que eu já sabia ser o cemiterio onde se *enterra* uma boa parte da nossa litteratura, e deparei logo com umas *pitadas*, não de incenso, mas de simonte, que deviam fazer espirrar horriavelmente não só o Pinheiro Chagas, mas toda a camaradilha do *bom senso* e do *bom gosto*.

Custou-me a tragar o desengano da minha desgraça, e procurei se seria possivel ainda abrir uma pequena brecha naquelle desmantellado baluarte.

Illusão! Toda a metralha da critica já tinha por alli passado. Estava encarado *didactica*, *philosophica*, *moral*, *critica* e *artisticamente*. Restava-me sómente o lado *sentimental*, que ainda não tinha sido explorado; consultei a este respeito o coração, vi-o duro como um fragmento de *silva*, frio como um monte de gelo, cahido no pinho do inverno nos pincares da serra da Estrella.

Desisti da empresa, e procurei uma taboia de salvamento no *casamento civil*, materia vasta, sobre que me não pareceu difficil poder apresentar duas columnas e meia de soffrivel erudição. Mas lembrei-me logo de que, sendo este assumpto o Adamastor, aos pés do qual grandes *ruídos* se têm submergido, nunca eu podia ver o Gama predestinado, para abrir um atalho sequer por entre aquelles formidaveis vagalhões de *canones*, *epistolas*, e *dogmaticas* e *infalliveis determinações* da nossa Sancta Igreja Romana.

Fui dar um giro até ao *Bairro Baixo*, entrei no *Castella*, procurei inspirações numa *meia collecção*, o perdi; fui subindo gradualmente até ás quatro, nada! Levantei-me indignado contra aquella tão limitada *sphera*, que, por mais que girou, nunca chegou a collocar-me no *horizonte* da minha felicidade, e pedi uma bebida qualquer.

Fallaram-me em licor de rosas, estive para me levantar, mas contive-me e pedi *absintho*, para ver se conseguia o fim que tanto desejava aquelle *descrente* que nos pinta o Carvalho, a proposito de umas *cha-*

gas que existiam num cadaver em putrefacção, chamado outr'ora — *Poema da mocidade*, e que ultimamente se tinha tornado o *poema da decrepitude*.

Pago, levanto-me, e vou tomar ar, dirigi os passos incertos para o *Bairro alto*, quasi decidido a ir encerrar-me no meu aposento, e a augmentar a minha parca provisão litteraria, ao menos com a leitura das obras de Klopstock, Hegel, Schelling, Reinhold e outros, que segundo me consta são os alicerces sobre que ha pouco se architectou uma *escola* cá na terra, e que já vai dando muito que fallar.

Achei depois que este modo de distrair espirito era philosophico de mais, e lembrei-me do theatro de D. Luiz, que em taes circumstancias nunca recusa uma cadeira a uma victima da samsaboria, que compra á porta o direito de passar uma noute agradavelmente, mas que na realidade se vê obrigado a acceitar o que lhe quizerem impingir, restando-lhe a irrisoria garantia do *tacão*, e da *assuada*, que estavam o corpo e não indemnizam o espirito do prejuizo que lhe causou a impericia dos artistas, ou o máo gosto da direcção.

Infelizmente o theatro não funcionava; está em ferias. Nestes ultimos annos seguiu as tendencias de liberdade e emancipação que caracteriza o seculo actual, e determinou que nunca mais o som da *Calva*, fosse um obstaculo serio, que lhe impedisse o caminho da celebridade. A idéa vertiginosa de prodigalisar as suas receitas, se o não matou, fel-o definhar consideravelmente. Das ferias não se livra elle; seria querer conseguir o impossivel.

A vista da escacez de novidades, pouco tenho a accrescentar. A insipidez, irmã gêmea da ociosidade, passeia nas ruas e estabelecimentos da cidade. Por toda a parte se fez um vacuo consideravel, de que foi um poderoso agente o caminho a vapor, que encurtando as distancias, deu um impulso tal á emigração, que não será muito facil estabelecer differença entre umas ferias grandes, umas ferias de Natal e tres ou quatro dias feriados.

Estou certo de que a segunda epocha, que

vai começar brevemente ha de ser fertil em acontecimentos notaveis, que, fazendo as delicias do espirito nas horas vagas do trabalho, virão em auxilio do mesquinho revisteiro, menos feliz que o folhetinista, a que uma *brisa*, ou uma *borboleta* dão assumpto para meia duzia de columnas no dizer do O. de Freitas, um dos nossos primeiros vultos *folhetinisticos*.

Sulpicio.

Em nossos prospectos haviamos prometido a nossos assignantes um jornal semanal, mas do formato dos mesmos prospectos; como, porem seguindo o parecer de algumas pessoas competentes, resolvemos augmentar alguma cousa o seu formato, publicar-se-ha o ALBUM LITTERARIO apenas tres vezes por mez.

Com isto não prejudicamos os srs. assignantes, porque nos tres numeros lhe damos a mesma senão mais materia, que nos quatro, que lhe haviamos promettido, o conseguimos uma vantagem — aformosear mais o jornal.

Tomou posse no dia 2 do corrente mez a nova camara municipal do Coimbra. Fez-se este anno este acto, que na maior parte dos annos anteriores passava quasi desaperecebido, com extraordinario apparato.

O ex.^{mo} visconde das Canas, como presidente da camara transacta, leu naquella occasião um tão extenso como minucioso e bem elaborado relatorio da gerencia municipal no biennio que findava. O povo não estava costumado a isto, mas o nobre visconde, com sua consciencia tranquilla, de que havia zelado com a honra e probidade proprias do seu caracter os dinheiros do municipio, quiz dar pessoalmente, e na presença de seus constituintes, uma satisfação ao publico do modo por que havia desempenhado sua missão para carregar com a responsabilidade de seus actos.

O ex.^{mo} sr. dr. M. Jardim, vereador eleito, pediu que fosse dado um voto de louvor ao ex.^{mo} visconde e a seus collegas, por não se haverem poupado ao trabalho

de apresentar um relatório tão minucioso, e pelos serviços feitos ao município. Este voto foi secundado por muitos dos assistentes.

Depois de tomar posse leu o sr. dr. Jardim um brilhante discurso, em que expoz um programma dos passos que havia de seguir no desempenho da sua missão, prometendo corresponder á expectativa geral.

À posse fizeram subir ao ar muitos foguetes, e tocaram as duas philarmonicas da cidade.

—*—
Chegaram no dia 30 pelas 4 horas da tarde a Lisboa, de seu regresso do estrangeiro, SS. MM. o sr. D. Luiz I, e a sr.^a D. Maria Pia de Saboia e o principe real, o sr. D. Carlos.

O povo prestou homenagem ás nobres qualidades de seus principes, e em grande numero esperou os jovens monarchas, manifestando-lhes quanto se interessava pela sua feliz vinda.

—*—
O cholera, cujo desaparecimento havia já feito socegar os espiritos timidos, voltou de novo a pol-os em sobresalto, com as ultimas noticias do seu incremento em varias da visinha Hispanha.

O povo de Coimbra, porem, confia tanto no patrocínio de S. Sebastião, que alguns devotos vão celebrar no dia 14 do corrente em S. Bartholomeu uma festividade pomposa áquelle Sancto, em acção de graças por nos haver livrado do terrivel flagello.

São oradores, de manhã o revd.^o padre Domingos Moreira Guimarães, estudante premiado do 3.^o anno theologico, e de tarde o revd.^o padre Manuel José das Neves.

—*—
Abriram-se no dia 2 as cortes, assistindo a este acto suas magestades.

ALBUM LITTERARIO

Semanario litterario e noticioso

Publicação dedicada á mocidade illustrada d'ambos os sexos

Alguns manebos, animados de nobre desejo de ver arvorada nas phalanges da

mocidade a bandeira do progresso, emprehenderam levar a effeito a publicação d'um jornal, a ella dedicado, e sob a direcção de M. F. Margalho.

Para esse fim mendigam hoje pelo publico o obolo de seu auxilio material, indispensavel para remover as difficuldades com que sempre se acham a braços empresas d'esta ordem.

A publicação do ALBUM LITTERARIO é um brado forte, é um incitamento nobre á mocidade, no intuito de a fazer tirar do estado de inercia e abatimento, e occupar o lugar que lhe compete nas luctas portuadas da sciencia, nas fileiras da litteratura, tão povoadas de intelligencias robustas, tão cheias de genios transcendentos.

Ao entrarmos no campo da imprensa, ao pormos o primeiro pé neste campo tão illustre, e em que militam os mais valentes soldados das milicias litterarias, que nelle manejam com exemplar habilidade as armas da sciencia, com que pretendem poluir a sociedade dos vicios que a corrompem, não apresentamos um programma pomposo, porque somos os primeiros a confessar nossa insufficiencia para nos collocarmos ao lado de tão afamados gigantes do mundo litterario.

Esforçar-nos-hemos apenas por saber repteitar a dignidade do lugar que ahi nos pertencer, e não desmerecermos do conceito publico. Eis ao que aspiramos; oxalá o realizemos. Para isso contamos com o auxilio d'algumas pennas illustres e já conhecidas do publico. Da mocidade estudiosa, das generosas damas conimbricenses, e do publico em geral, esperamos não saberão negar-nos o auxilio de que precisavamos, e a que proeuremos ser gratos.

Preços	Anno	1\$200
	Semestro	600
	Trimestre	300
Fóra de Coimbra	Anno	1\$440
	Semestro	720
	Trimestre	360

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO Á MOÇIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 2

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Janeiro — 15

A SAUDADE

Quem ha no mundo que não tenha já experimentado em si essa dôr profunda, que martyrizo a alma do homem, engolphando-a num doloroso sentir, num constante e cruel soffrer, que, além de fazer paralisar de todo a animação, desorganisa d'um modo completo todo o movimento regular da vida humana?

Desgraçado é sem duvida o homem, que no meio d'uma consternação geral, que lhe enluta a alma, se vê a braços com essa dôr horrivel, que lho despedaça uma a uma todas as fibras do seu coração!

Desgraçado, bem desgraçado o que se sente arrastado pelas terriveis garras da infelicidade para esse continuo padecer, o qual encontra apenas allivio abraçado á cruz saero-sancta, symbole angusto da redempção humana!

Infeliz aquelle que, vivendo no meio da felicidade, que tendo passado grande parte de seus dias no seio de mais vive prazer, se sente de repente, e quando menos o esperava, impellido pelo acaso, ou pelos vaivens da fortuna, sempre caprichosa, para o Oceano immenso das amarguras, onde só encontra por unica tábua de salvação — a fé, que se muitas vezes faz martyres, e prepara ao corpo e lume das segueiras, accensas pela impiedade, que se algumas vezes faz sacrificar em seus altares muitas vidas justas, e derramar muito sangue innocente, outras, não menos, dalcifica e soffrer de martyrie, fortalece o espirito, anima-o em sua adversidade, e lhe faz esperar que nes-

ses tempos que lhe vão succeder, que nesses dias que se lhe vão segair, despente majestosa alguma aurora mais feliz, em que um astro mais esplendido, uma luz mais brilhante, venha dissipar as trevas que o horror de infertunio havia preparado a seu espirito!

Mas quem, d'esses mesmos que se hão já encontrado nesse transe doloroso d'uma lucta desesperada com os penetrantes golpes da saudade, nos pedará explicar o que ella é?

Sente-a o homem em si; sua dôr cumpunge-lhe vivamente o coração; sua existencia não pode nesse momento negar-se, mas sua explicação excede as forças humanas.

É d'aquellas cousas que existem, mas não se comprehendem; sentem-se, mas não se explicam; conhecem-se, mas não se podem descrever.

Sua definição é inacessivel a todos os esforços do homem, superior a todas as forças humanas.

Não ha penna que possa descrever o que o homem sente em seu coração nessas horas de saudade, cuja lembrança por si só faz enlutar a alma; não ha cinzel capaz de pintar ao vivo, com as côres mais frisantes, o que se passa dentro do homem nesses instantes terriveis, em que, mergulhado num profundo horror, entregue a um constante e doloroso carpir, sente com a mais evidente saudade, em testemunho de gratidão, a perda d'un pac que estremece, d'uma mãe que adora, d'un irmão que ama, da esposa que chora, ou d'un amigo que estima?...

Procure muito embora o homem apropriar o mais possível suas palavras, e a moldar suas expressões para transmittir fielmente o que se passa dentro do seu coração, que será sempre impossível descrever realmente a dôr que lhe despedaça a alma nesses momentos dolorosos.

E essa dôr que não pode explicar-se, difficilmente encontra allivio nas cousas do mundo.

Entregue a um profundo padecer nada o pode animar a que espere um dia livrar-se das garras da infelicidade, a não divisar no horisonte da vida o clarão divino da fé, que, diffundindo em seu coração a esperança, lhe faça prevêr a aproximação de momentos mais apraziveis, em que veja pôr-se termo a seus cruezs soffrimentos.

Similhante ao escravo, que esperançado em ver um dia quebrarem-se os grilhões de sua escravidão e recobrar sua liberdade, torna-se-lhe menos pesado seu cativeiro, o homem que vê comprimir-se-lhe o coração de dôr, que se vê a braços com a saudade, achia lenitivo a seus soffrimentos, quando, fitando os olhos no céu, espera do Creator que lhe depare em breve alguns momentos de descanso para a alma.

E esta fé divina, imprimindo nelle uma verdadeira abnegação christã, faz com que se sujeite humildemente á vontade suprema, resista heroicamente á dôr que o compunge, na esperança de que os momentos que lhe vão succeder na vida sejam mais felizes, que esses de agonia por que passa.

M. F. MARGALHO.

A MUSICA E A EDUCAÇÃO DO POVO

(Continuado do n.º 1)

III

A prova mais solemne de que a musica, tal como nós a consideramos, não é uma simples imitação artificial da natureza, está em ser ella um puro *facto natural*, filiado nas leis do coração humano. A sua primeira manifestação é *espontanea*, ou antes *instincti-*

va, simples, imperfeita, mas pura e significativa.

Aqui a arte ainda não interveiu. O sentimento sae da alma em toda a sua nudez; a forma não o encobre, porque em fim o *estyl*o, variavel e imperfeito, corrompe e encobre muitas vezes o brilho e pureza do sentimento. Nem mesmo ha possibilidade de que a forma, essencialmente limitada, variavel, contingente, apresente em relevo qualquer sentimento, que na sua expansão sae sempre da orbita finita, para se lançar em procura do seu *primitivo ideal*, que jaz sepultado nos abysmos do infinito.

A perfeição da forma consiste em se aproximar o mais possível do seu ideal, mas nunca em o substituir identificando-se com elle. *O ideal do ideal é ser sempre o ideal*. Desde o momento em que se realise, o ideal desaparece, e com elle o ser; porque um ser sem ideal, é o mesmo que forma sem materia, palavra sem ideia, ser sem substancia. E tudo isto significa um impossivel.

Portanto a musica na sua primeira phase caracteriza-se mais pelo sentimento, do que pela forma. E esta como mais simples e menos opaca no seu principio, deixa transluzir melhor o pensamento.

Resta porem demonstrar a existencia do *facto natural da musica* na ordem evolutiva do ser humano.

Para isso torna-se essencial lançar mão d'alguns principios, donde se ha de deduzir a verdade da proposição.

IV

O *individualismo* na sua forma absoluta e exclusiva não é um systema. No homem, considerado como órgão *consciente* e realisador da *ordem* no grande systema de seres do universo, encontram-se dois elementos *complexos*, ou duas forças, que na sua lucta, ou antes attrito, mais ou menos violento, mais ou menos racional, mas sempre em constante oscillação, se manifestam sempre *distinctos* e ligados.

O egoismo e a sociabilidade são inquestionavelmente o *alpha* e o *omega* de todo o ser humano.

O egoismo, a que nos referimos, não é essa paixão baixa que obscurece o brilho da dignidade humana, mas esse nobre sentimento da *personalidade*, que é o nucleo de toda a vida moral do homem; e que, sendo o estímulo fundamental da sua actividade *livre*, é ao mesmo tempo a origem de tantos e tão nobres esforços, que hoje lhe têm conquistado os titulos da sua dignidade *juridico-moral*.

Em face d'esta força uma outra apparece, sempre em luta com ella. É a *sociabilidade*, que tende a produzir a *expansão* das forças individuaes, concatenando-as, como forças constitutivas e motoras do grande organismo da humanidade.

A lei harmonica, que produz e regula o jogo d'estas duas forças da humanidade, não é propria só d'ella, considerada pelo seu lado moral.

O equilibrio no mundo phisico seria impossivel sem a combinação de duas forças desiguaes e oppostas.

Uma força só por si, sem outra que lhe modificasse o impulso, e que a seu turno modificasse esta segunda, nunca poderia dar em resultado o *movimento harmonico* do ser, que é para nós o verdadeiro equilibrio, e não, como alguns querem, a *paralyção do movimento*, produzida da por duas forças *eguaes e oppostas*.

Isto na ordem absoluta da existencia é a negação da vida, e da mesma existencia.

A attracção e a repulsão, o fluido positivo e negativo, as forças centrifuga e centripeta, no mundo phisico; a paixão e a razão, as noções fundamentais de finito e infinito, de materia e espirito, no homem; a luta dos systemas na philosophia; a liberdade e o despotismo, o elemento progressista, e conservador, o povo e as classes na ordem social, provam exuberantemente a existencia universal da mesma lei, embora se revista do formas differentes.

Na ordem da humanidade, o seu fim ultimo é a harmonia do egoismo e da sociabilidade, realisada pela vontade racional.

Naquella parte do ser humano que é regida por leis necessarias e fatidicas, essa

harmonia reveste tambem o caracter de necessidade *finita*, e de certeza constante.

Aquell'outra parte, porem, que a natureza confiou á *livre* actividade do homem, a harmonia, realisa-se pela *variedade*, que no mesmo homem corresponde á *liberdade*.

Debaixo d'este ponto de vista a harmonia ha de ser a conquista de luctas, trabalho e constantes oscillações; elementos, que por si constituem uma nova belleza, necessaria á *variedade* do movimento da vida moral do homem e da humanidade.

Na ordem moral, principalmente, a monotonia é a negação da vida, assim como a *variedade* é a sua condigão fundamental.

De tudo isto podemos já concluir, que o *elemento social* no homem sendo a consequencia de leis universaes, que presidiram na intelligencia infinita á formação do grande systema, é *ipso facto* uma realidade.

Sendo a musica, como vamos ver, a primeira manifestação d'esta força real, é logico concluir que ella é um facto natural.

Continúa.

A. C. A. M. CALLISTO.

À EX.^{ma} SENHORA D. ANGEL.

SONETO

De pensar no meu lorto não desisto,
ó cecém delicada, ó virgem pura!
e, vagando no mar da desventura,
pareço duvidar de te ter visto.

Em vão relanço os olhos: como a Christo,
se me transforma tudo em margura,
tudo... até mesmo os sonhos de ventura,
que a ventura por fim se some nisto!

Em vão após um dia um outro abraço,
se sei que o mesmo sol então m'espera,
e mais por entre fragoas me confrango;

Só de ti o meu erer não desespera;
derradeira visagem do meu anjo,
não sejas tu tambem uma chimera!

Castêdo, 28 de dezembro.

J. MARIA P. DE MAGALHÃES.

A PROPOSITO DO FAUSTO

Ha tempos fallou-se em publicar a *Sombra do Fausto* e por certa se dava a publicação d'este livro. Tantos gabos porem vieram dos amigos do auctor, que elle julgou de prudencia e amizade recolher á gaveta o manuscripto (que já se estava compondo), até que os seus pesados trabalhos lhe permittissem voltar a corrigir seu livro, que ao certo não chegaria, tal como está, a merecer a protecção que os seus amigos agouravam. Não se quiz desmentir com a publicação os tantos encomios, que nimiammente temerarios, o anticiparam. Agradece-se todos e dá-se 'nesta secção o prologo, que estava composto, até que passados alguns mezes toda a obra se amostre ao publico. É como se segue a *ideia da obra*.

1. A revolução dos espiritos, operada no circulo legitimo da sua actividade, tem sido desde o genesis da humanidade um effeito das leis providenciaes do mundo, o começo de um cyclo novo, a iniciação augusta nos segredos do futuro. Por isso nas mais estre-meceidas convulsões sociaes ha sempre a dolorosa agonia de uma civilisação que morre, e uma estrella de mais a coroar-se de esperanças, a despontar no céu da humanidade.

E, caso notavel ! na alteração d'estes mares revolucionarios raro é que não balanceie o berço de um novo Moysés, de um salvador. É que as lagrimas fazem revirar as flores: para que um anjo suba para Deos é necessaria a provação da morte, o ter vivido 'neste Josaphat da vida.

Mas é grato chorar uma lagrima sobre um sepulchro aberto, quando se tem a certeza de que vaç ella reverdecer o lyrio das campas. O passado é o portico, por onde entramos no grande templo, na contemplação dos quadros grandiosos, que nos fazem esquecer da passagem e de nós mesmos.

O passado é o Egypto dos Pharaós: o futuro a Palestina, o sonho millenario, quasi que um conto de fadas. O passado é a recordação, a elegia, a saudade; o futuro é o hymno da alvorada, o canto do gallo a annunciar que é manhã. É como a inanición da alma e a profusão do gozo: a ancía e o complemento. Assim apparecia o christianismo e Plotino se levantava na penumbra da idade gentilica apertando contra o seio, desesperado e convulso, o ultimo pedaço da tunica pantheista de Parmenides.

É 'nestas grandes crises da humanidade que a febre do heroismo se transforma em aoréola se destacam os vultos, e os vultos se chamam heroes e os heroes se chamam apóstolos.

São estes a quem a posteridade enraia as fronteiras e lhes concede a gloria de terem personificado um seculo, ou muitos. Pouco importa que elles se chamem Christo ou Lutero, Moysés ou Confúcio, Hegel ou Platão. 'Nestas fermentações se desenvolveram a poesia do Helicon e do Sinaí.

É certo, porem, que um passado, embora moribundo e podrido, se não extingue ao primeiro arranço. Tronco robusto, muitos vendavaes passam por elle, sem que o tombem: rocha granítica, muitos seculos gastará a onda dos mares a hater-lhe as bases, primeiro que ella desabe.

Havia muito que os versos de Orpheu e de Homero se não cantavam nas cerimonias religiosas dos Gregos e Jupiter tinha ainda suas estatuas e templos. Os poetas cantavam em Roma ao som dos trisagions e dos hymnos de S. Gregorio o desaparecimento, e, porventura, exterminio dos Deoses do Olympo e elles ainda hoje formam o maravilhoso da Epopeia. O poeta ainda consulta a *Musa*. Os mysterios de Ceres-Eleusina morreram abafados no proprio cahos da superstição e todavia correm pela Europa, espectros errantes, os hiero-

phantos e toda essa tropa vagabunda de Egypcios e Bohemios dansando a dança dos padres de Isis, vendendo balsamos, lendo sinas, e roubando crianças.¹

Tem isto sua explicação na inflexibilidade do dogmatismo. A crença enraiza fundo a coberto das brisas matinaes, que em volta lhe vem cantando o hymno da partida. Póde o espirito insubordinar-se; mas a crença, o dogma não soffre modificações e, quando os soffresse, ficaria outra. A crença, podem arrancar-a um dia da alma do crente; mas ha de ir com ella um pedaço do coração.

E mais sobe de ponto a difficuldade d'esta especie de amputação, d'este despir da plumagem de alma, quando a crença se acha entalhada nos monumentos de pedra e nas legislações. O symbolo é a salva-guarda, o esteio das religiões. É tambem por isso que a religião foi sempre a grande Salamandra no meio dos turbilhões e linguas do fogo da sciencia. É sempre a ultima instituição, que desaba. É a cupola do grande templo social. Se as columnas fraqueiam ai! do povo; porque ficou esmagado.

É por serem filhos bastardos da religião ouropéis de fanatico sacerdocio, excrescencias informes e adulteradas do mysterio, que as superstições orientaes, nomeadamente a bohemia, a chiromancia, sibyllismo, preparações anaphrosidiacas, philtros, spagiria e outras preparações ridiculas se foram desenvolvendo, em vez de se extinguirem. Nas sombras da idade media acharam facil abrigo em toda a Europa e por muito tempo duraram longe da patria e do seio materno. Ainda que estas artes não eram novas, as formas, que tomaram, fizeram-lhes merecer a honra da novidade, e a novidade é como a primeira falla da creança, como o seu primeiro sorriso para a mãe que a traz ao collo — seduz, magnetisa.

Quando a moda envelhece, torna-se anachronica, ridicula: é necessario abreviar-lhe a sepultura ou metamorphoscal-a. É o que aconteceu ás formulas supersticiosas dos segredos do Oriente. Como a phenix, renascem das cinzas, revestem-se e reapparecem os velhos—com vestidos de meninos.

Os poetas heroi-comicos, fallando ou escrevendo ridicularisaram-nos, assim como tem gladiado as volharias e mesquinhezas do seculo. O espectro de Fausto apparece no principio d'este seculo, animado pelo genio de Goethe, e cava de novo a sepultura ao charlatanismo, ainda que vivendo na othmosphera d'elle.

A *sombra do Fausto* é uma fibra da criação de Goethe. É o filho, o aborto do Fausto allemão. É o sceptico a rir das tendencias illegitimas da sociedade: a fitar a torrente impetuosa do charlatanismo e a deixar-se ir arrastado por ella. É um imbecil, uma *sombra*. Poderá representar um elemento grotesco na paixão e na sciencia. A allegoria da *Sombra do Fausto* encontra-se realisada em Portugal.

Conitnua.

J. Simões Dias.



Se vejo Maria,
de neve o seu rosto,
de graças composto
p'ra mim a sorrir,
meu peito estremece
no vel-a qual rosa,
tão pura e formosa
com brilho florir.

Porem se eu em vez
de risos o galas,
de tão doces fallas,
só vejo seus prantos,
ainda estremeço
por ver descorados
por ver definhados
seus meigos encantos.

¹ Victor-Hugo, Notre Dame. Voltaire Essai, sur les mœurs, t. 1, pag. 88.

Ou triste ou alegre,
conforme ella esteja,
eu sempre que a veja
pura e meiga flor;
em meu peito sinto,
(oh! crê-o, Maria),
suave harmonia,
esp'rança d'amor!

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

Corre como certo que está nomeado Bispo de Beja o ex.^{mo} sr. dr. José Gomes Achilles, digno lente do theologia na nossa Universidade.

Todos que conhecem de perto a s. ex.^a fazem sinceros votos para que se realice o que hoje parece correr ainda como boato. Hoje mais que nunca precisa a Igreja de braços robustos que a defendam contra os ataques da impiedade; hoje que o racionalismo moderno se alevanta orgulhoso, e procura sujeitar ao seu dominio o que é propriedade da revelação, e que ella se apresenta de frente a tolher os passos á Igreja, precisa ella mais que nunca de valentes defensores, de sentinellas diligentes, de guardas fieis, que a defendam, que espreitem os mais leves movimentos da impiedade, e que conservem a doutrina evangelica com toda a pureza, que lhe imprimiu seu augusto e divino auctor.

No sr. dr. Achilles encontra-se um ingenho não vulgar, um superior talento, uma actividade inextinguivel, e sobre tudo uma vasta erudição e uma profundidade de conhecimentos, que facilmente se não encontra, e que o torna apto para occupar os mais elevados cargos da república ecclesiastica.

Na cadeira de professor tem elle ostentado os vastos recursos de que dispõe sua intelligencia, e ha alcançado os foros d'um dos ornamentos da nossa Universidade com bastante gloria da faculdade de theologia, a que pertence.

Os serviços por elle prestados á sciencia são um título justo sobre que assenta a consideração que a todos merece. Eximio

professor, grande é sua falta nas cadeiras da Universidade, que tanto tem honrado; mas essa falta, que deixa no magisterio, será devidamente recompensada com os serviços que ha de prestar á sociedade no desempenho de seus deveres episcopaes. Ah, estamos certos, ha de acabar de eingar sua frente com uma corôa de gloria immarcescivel.

E o que nos faz esperar a sublimidade de suas virtudes, a excellencia de suas qualidades e a probidade de seu character.

M. F. MARGALHO.

A FESTA DO TRABALHO

A aurora do trabalho acorda na officina,
o escuro do Occidente ao mar desee ligeiro,
da fênice sonora o raio, a luz divina
resalta ao som do malho — Encelado primeiro!

Rebenta á luz do Sol das arvores o pomo,
da terra — a grande Madre — a arvore rebenta,
dos laranjeas n flor, da primavera o assomo
em longa exposição a natureza ostenta.

Um Titan a revolve, e o trabalho a fecunda;
do templo do Universo ondeia alegre canto,
vapor leve de incenso e de alegria a iaunda,
abençoa-a de cima o Padre sacro-santo!

Em cada anniversario a festa do trabalho
ao ritual antigo ajuneta um culto novo; (lho,
o dogma é sempre um só, é sempre um mesmo orva-
bem que diverso eae na face a cada povo!

O trabalho commum, religião augusta!
façamol-a de Deos, do suor seja o baptismo;
venha lustrar-se aqui a geração robusta,
que indolente se estoree em longo paroxismo...

Os chorosos nebeis se atirem á corrente
do Cedron lamentoso, e um canto nunca visto
da nova Palestina ascenda, aéreo, ingente;
accorde um novo Lazaro á voz d'um novo Christo!

Coimbra, 8 de dezembro de 1865.

J. SIMÕES DIAS.

REVISTA

Terminaram no dia 7 as ferias do Natal, e com ellas a existencia aborrecida e pouco variada d'aquelles, que não quizeram ou não poderam acompanhar a torrente de emigração, com o fim de passar divertido o tempo que deixavam vago as lides de Minerva; uns

para ouvir o *Fausto*, outros para vêr a *exposição*, outros finalmente para se entregarem no seio da familia ao descanso e commodidades, que se não encontram facilmente fora d'alli onde tudo é egoismo e indiferença.

Dizer que tem havido abundancia de acontecimentos, que proporcionassem ao espirito uma distracção salutar, nas horas vagas do trabalho, não é isso verdade; no entanto a presença d'aquelles por quem sentimos sincera afeição de irmãos, as ruas e os centros de reunião cheios de gente em continuo movimento, não concorrem pouco para dar um aspecto agradável á nossa encantadora Coimbra, tornando além d'isso muito mais facil o volver dos dias e a chegada do momento feliz, em que se hão de realizar as nossas primeiras aspirações.

O Theatru de D. Luiz i abriu já uma vez as suas portas ao publico, levando á scena *Magdalena* no dia 10 do corrente; diremos unicamente que todos os artistas d'aquella excellente companhia desempenharam magistralmente os seus papeis; não fazemos elogios especificados, porque tendo sido feitos tantas vezes, e por pessoas entendedoras, repetil-os, seria fastidioso.

Devemos á obsequiosidade de um amigo o termos no dia 11 uma noute das mais divertidas no theatru da Graça, assistindo a uma récita de curiosos academicos, que frequentam com reconhecido aproveitamento o Lyceu d'esta cidade; e, que sem descuidarem o estudo das materias, de que depende o seu futuro brilhante, procuram preencher o tempo que lhes sobra, fazendo apreciar a farsa dramatica de que são dotados.

Depois de terem feito as delicias dos Aveirenses, e outros povos notaveis dos districtos limitrophes, onde consta que colheram innumerous louros, e uma celebridade digna de inveja, vêm agora fazer tambem admirar pelo publico conimbricense, bastante difficil de contentar, o talento excepcional de que dispõem, pouco vulgar em tão verdes annos.

O seu repertorio não é extenso, o que é, no nosso entender, uma grande vantagem; só com o estudo repetido é que se pode adquirir aquella certeza de gesto e declamação,

que tornam apreciaveis os grandes artistas; consta do drama em tres actos *Amor de redempção*, que nos disseram ser de lavra do sr. Cesar de Sá, um dos actores da companhia; houve quem dissesse, que aquelles nomes francezes dos personagens cheiravam a traducção. A comedia em um acto — *A chavena de chá*, completou brilhantemente o espectáculo, que esteve muito concorrido apesar de não se terem feito annuncios nos jornaes, nem affixado cartazes nas esquinas.

Passaram-se as coisas com a melhor ordem que é possível imaginar-se, havendo apenas uma graciosa scena de *pugilato*, entre dois meninos, em uma das galerias; os espectadores applaudiram, e a rixa terminou felizmente, sem a interveção da auctoridade competente, e sem a menor contusão de parte a parte.

O desempenho foi muito superior á nossa expectativa, tornando-se digno de especial menção o director da companhia, o sr. Cesar de Sá, que, com quanto exagerado em excesso, tem muito merecimento, e pisa o palco com bastante mestria; teve repetidas chamadas demorando-se sempre em apparecer; agouramos-lhes um futuro feliz, se continuar a applicar-se com affinco ao estudo dos segredos da arte.

O sr. Ricardo da Silva compreendeu perfeitamente o seu papel, divisando-se-lhe no rosto, desde o principio até ao fim, uma impassibilidade verdadeiramente doutoral. Uma peripecia desagradavel, quasi que nos ia privando de o podermos admirar; constou no principio da noute, que o seu illustre progenitor se appunha de uma maneira pronunciadamente hostil á sua estreia no palco da Graça; felizmente removeram-se todas as difficuldades, e não tivemos que lamentar-nos de uma tão cruel decepção.

Os srs. Conceiro e Alhuquerque tornaram-se notaveis por diversas circumstancias; andavam sempre encostados um ao outro, faziam poucos gestos e os mesmos; eram dois personagens perfeitamente identicos, excepto na caracterisação, sendo a do sr. Conceiro de um gosto muito original.

O sr. Gomes imitou com muito successo

um amante desgraçado, e o sr. Fino agradeceu, mostrando-se comtudo pouco condescendente, ou talvez excessivamente modesto, em não querer receber os applausos, de que se tornou eredor; uns princípios de pateada foram o signal de desapprovação da plateia pela pertinacia do sr. Fino, porém a ordem restabeleceu-se immediatamente, graças á policia conciliadora do sr. Lopes, que fez a um espectador menor de 14 annos um brilhante discurso, em que o chamava á ordem, ameaçando-o com uma quehradella dè cara.

Fallaremos, em ultimo logar da dama, o sympathico Pessoa, não por menospreço do seu talento, mas porque não quizemos interromper a lista masculina dos actores. O menino Pessoa tem, no nosso modo de ver, um grande defeito: é ser agradável de mais. Aquelles olhares tão demasiadamente fascinadores, aquellas palavras tão accintosamente amorosas, tudo isto juncto com uns vestidos, que não davam logar á menor illusão, faziam despertar o sorriso da parte de alguns mal intencionados.

Hontem houve novamente récita no theatro da Graça, repetindo-se o mesmo espectáculo. O theatro estava litteralmente cheio, o que não era para admirar em razão de ser gratuito.

Terminaremos pedindo com instancia aos esperançosos mancebos que continuem a convidar os seus numerosos amigos, e as ovações não lhes faltarão.

A questão litteraria ainda não acabou e falla-se que o C. Castello Branco promette metter tambem a sua colherada; veremos o que d'aqui sae. Já ha alguém que compara esta contenda com a do Alecrim e da Madgerona, e não é sem fundamento.

Tem sido assnstadoras as noticias de Hespanha; ateou-se alli o facho da revolução, e a guerra civil vai assolando a nação visinha.

Tem-se já derramado sangue hespanhol, e a humanitaria lei dos fuzilamentos lá está, segundo dizem alguns jornaes, em execução castigando aquelles que, quem sabe?

arrastados talvez pela seducção levantaram o grito de revolta, suppondo com isso beneficiar sua patria, e hoje a desgraça leva ás mãos de seus inimigos.

Deus illumine o governo hespanhol para obrar com juizo e moderação, não arrasando assim sua patria á perdição, e evitando o abysmo que se antolha, e o povo para que se não deixe levar para o abysmo, que alguma mão obscura lhe está preparando.

As ooticias que de lá vêm nada podem adiantar, por que nada se deixa saber.

Houve hontem a annunciada festividade a S. Sebastião, em S. Bartholomeu, a qual se fez com a pompa e a decencia, que sempre devem acompanhar estes actos solemnes da nossa religião, para maior respeito do culto divino.

Oraram, de manhã o sr. dr. Joaquim Cardoso de Araujo, o de tarde o reverendo Domingos Moreira Guimarães, e não os que no numero anterior dissemos, porque houve inconvenientes.

Temos em nosso poder alguns escriptos que agradecemos, mas que neste numero não podemos publicar; irão no proximo numero. Pedimos por isso desculpa a seus illustrados auctores.

Na terça feira passada o curso do segundo anno theologico assistiu na Sé Velha a uma missa, que alli mandou dizer, pelo eterno descanso do seu eximio professor o sr. dr. Encarnação Coelho.

Correspondencia tanto da redacção como de administração ao director *M. F. Margalho*, rua Larga, n.º 2.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.º 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	360

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO Á NOBILIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 3

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Janeiro — 25

IBERIA

Continúa a revolução em Hespanha, tantas vezes dada como soffocada pelas participações officiaes.

Prim, que se dizia em retirada, depois de haver abandonado os revoltosos, acha-se cercado de maior numero de seus concidadãos, que a todos os momentos adherem á sua causa e procuram alistar-se em suas bandeiras. O nome d'este celebre general é proferido hoje com enthusiasmo em toda a Hespanha, e recebido com sympathia por todos os hespanhoes.

Ignora-se ainda qual seja ao certo o grito da revolta ou, se já se sabe, occulta-se por ora, ao conhecimento do publico. Para uns a revolta de Prim é apenas anti-ministerial, e assim implica apenas mudança no regimen interno d'aquelle paiz; n'este caso somos estranhos á contenda, e só fazemos votos pelo socego da nossa vizinha, pelo seu engradecimento, pelo seu bem estar. Para outros as vistas de Prim vão mais longe, a revolta é iberica, tem raizes em Hespanha e Portugal; tende á fusão dos dous povos da península. Sendo assim protestamos contra essas tentativas revolucionarias, nascam donde nascerem, porque preferimos a independencia da nossa patria a todas essas grandezas que se nos prommettem, mas que importam consigo a perda de nossa autonomia.

Somos pequenos, podemos pouco, mas nossa historia está recheada de feitos illustres, nosso nome é glorioso como nenhum pelas suas brilhantes tradições.

Queremos ser pequenos mas livres; queremos poder pouco, mas conservar as gloriosas tradições de nossos avós, que em mil combates se hateram com denodo e derramaram seu sangue pela independencia da sua patria; não queremos a Iberia, porque não queremos abjurar ao nome de portuguezes que nossos paes tanto ennobreceram.

Não queremos a fusão dos dous povos, porque queremos deixar a nossos vindouros, intacto e incolume, esse legado precioso que herdámos de nossos maiores — a independencia nacional. Viveremos pobres mas socegados.

São intimos os vinculos que nos unem á nação vizinha, reciprocos os interesses dos dous povos; mas para viverem amigos, para serem grandes, para a felicidade da península é escusada essa fusão.

A historia pode mostrar-nos as conveniencias que d'isso nos proviriam. A experiencia do passado justifica os receios que temos no futuro. Que ganhou a Hespanha, que ganhou Portugal, nos 60 annos que viveram unidos?

Os sacrificios de nossos avós que em 1610 proclamaram nossa independencia, e a fizeram valer em continuos combates, em que a sorte das armas e o capricho da fortuna decidiram a nossa causa, não merecem ser por nós esquecidos.

Os esforços empregados então por nossos maiores devem ser secundados hoje por seus descendentes. Portuguezes, devemos todos amar a independencia da nossa patria; assim protestamos todos contra as ideias ibericas.

M. F. MARCALDO.

A PROPOSITO DO FAUSTO

Continuado da pag. 13

II. A doutrina de Goethe moldura-se na mais sublime e engenhosa criação, que a patria de Hegel e de Kant ultimamente tem admirado.

'Nessa *poesia titanica*, atrevida, inimizavel do Fausto palpa-se a impaciencia do genio, o delirio do enthusiasmo, a vertigem de uma lubricidade insolita, a ancia do saber, a agonia da duvida, o murmurio do epigramma suave, o idealismo da Allemanha, a alma de Goethe.

Um biographo de Salomão Gessner começa o seu trabalho dizendo que desde Duclos em vezes se disse e repetiu, que a vida dos homens de letras está nas suas obras. Esta proposição é, como elle nota, susceptivel de ser demonstrada falsa ou verdadeira conforme a elasticidade da exegesis e consoante o affiamento do escafpello. Entretanto ha obras que retratam o auctor, nomeadamente o Fausto de Goethe. O heroe do drama é o proprio poeta: vê-se alli o pae vasando a sua essencia, o todo suippistico no filho consubstancial. As feições do Fausto são as do Goethe. Vai 'nesta especie de encarnação a franqueza do genio. Childe-Harold, encostado silencioso e triste á amurada de um navio, com as pontas da sua capa desfaldadas á mercê dos ventos e os cabellos soltos remexidos pela aragem maritima, é o proprio Byron na hora da inspiração, elevando-se na poesia da vaga até ao sublime do Empyreco. Schiller confunde-se com os heroes que elle canta. Com razão d'elle se diz que o homem domina o artista: «são as lagrimas de Schiller que tremem nas palpebras de Tecla, é a voz de Schiller que sae do peito de Joanna de Arc. Á força de lyrismo a verdade falta. Os caracteres de Schiller são todos feitos á sua propria imagem.»¹

¹Harie-Bfare, Étude sur Goethe, pag. 16.

Não transparece em todas as obras de Voltaire aquelle seu sorrir maligno e olbar satyrico e penetrante?

O Fausto é o transumpto de Goethe. Com a serenidade de Nero contemplando do alto do Capitolio o incendio que elle mesmo ateou, Fausto fulminava a escolastica pela gargalhada, ainda que mais delicado do que Cervantes em lucta com os romances cavalleirescos. As subtilezas de Aristoteles jazem nos livros empoados, que o poeta da Allemanha não abre. É pelo seu lado epigrammatico e satyrico que elle mais se recommenda. Wagner, o estudante, emprehende criar o *homunculo* pelos processos da spagiria, Fausto affronta-se com a loucura do alchimista, e, não obstante, na ebullição das retortas pensa ouvir o segredo da *Matter*. Para Goethe nada se pôde vir a saber de util. «É por isso, diz elle, que eu me entreguei á magia por ver se pela força e palavra do espirito os segredos da natureza me seriam revelados, a fim de ver se é possivel conhecer de que força mysteriosa nasce o mundo: qual é o principio de toda a vida e de toda a actividade.»²

O *Velho das Catacumbas* é o homem que lucta com a força impetuosa da sciencia humana. A onda do seculo arrasta-o até ao mar do scepticisimo. Desde este momento o estudo é uma inutilidade, ou, se muito quizerem, um passatempo. É verdadeiro discipulo do nosso maior philosopho, Francisco Santhes: nada se pôde saber com certeza. Pelas palavras do mestre perguntou á sciencia: «Os livros são a fonte sagrada, onde se possa matar a sede do saber?» Nunen seras desalterado se não fôres beber á fonte do teu proprio coração.»

Mephistopheles, o demonio, chama-o á realidade sensivel; procura o tangivel, a mulher, o seio onde possa encostar a face esbraseada pela febre, a fonte que o des-

² M. Willm. Chassay. Défense du Chr., tom. II, pag. 157.

sedente. Quer Margari das, as pombas dos Alighieris, encontra Canidias na sua aldeia. Não lê Paracelso³ nem Rutland, desespera de encontrar o *anodinum summum* e todas as chimeras; mas sonha no amor de Platão e de Dante. A sombra do Fausto, o *Velho*, sente-se enregelado pelo frio do Herminio, falta-lhe o ar no cimo do seu Brokner; desce um pouco á cidade, e lá palpa com os dedos as misérias da vida e a vaidade da sciencia. Não vai á Thessalia ouvir os cantos de Erieto e fallar com os sabios, mas segue com os olhos os *homunculos litterarios*: vê-os cahir no mar Egeu, esses *Petros igneos* do seculo e volta a face para que lhe não descubram as lagrimas. No manto de Mephistopheles tambem elle corre o mundo, revistando o seculo, o povo, as mulheres, os estudantes e feiticieras, o seu sabbado vergonhoso, no *microscrome* onde se reflectem o comico, a loucura, o terror, a agonia, a piedade, a dor⁴ e milhares de paroxismos a que a sociedade se entrega hoje.

O *Velho das Catacumbas* vai caminho do Fausto. «Abre os braços no espaço, invocando com todas as suas forças uma creatura que o sustenha e o console, e, quando acredita tel-a encontrado, sente o desgraçado que não estreita senão o vacuo. Fausto cae da altura da fé no abysmo da dúvida.» O *velho* foi-se por esse mundo, com o Fausto em uma das mãos e a lanterna de Diogenes na outra, em procura de um homem; encontrou cynicos a tripudiarem sobre a mesa do trabalho, a cuspirem no Evangelho; uns sentados á porta de um livreiro decorando um catalogo; outros apostolisando o stoicismo. E elles, os doidos Savonarolas, passavam incolumes pelo meio do fogo — da policia. As feições infanziraram-se-lhes mais desde então. Occultos philtros lhe coaram veneno nas arterias. Queria morrer,

mas devia primeiro beijar a lama do chão. Enlouquecen.

O charlatanismo temperado pelo azedume do sceptico baloiçou-o no ar, para onde a imaginação o arrastava. Ilolou de escaleira em escaleira até encontrar um unico refugio — o elemento mythico-burlesco na *Canidia* de Horacio.

A *sombra do Fausto* desce á deformidade do aborto, e' nesta phase da sua vida ainda transparece o subjectivismo de um pudor, que elle não pôde repellir de si, um certo ar de sibyllismo, e alguma coisa de um plano de regeneração, que não chegou a vingar. A minha allegoria é o Fausto. Portuguez objectivado em Zacharias, na capa andrajosa do charlatão. Tentei retratar o scepticismo pelo seu lado comico-grotesco.

Continúa.

J. Simões Dias.

AMOR E MARTYRIO

... no meu peito
Tu sempre, ó virgem, só vélas.
J. COELHO RAMOS

Eil-a triste chorando desditosa!
Flor mimosa, quem fez verter teu pranto?
Oh! não chores; martyrio é só a vida,
Filha q'rida, visão de imago encanto.
Rôla triste, não chores passado amor,
Teu fulgor que não murche o sofrimento;
Oh! não chores, que o meu peito desfallece,
Qual a messe, que açoita rijo vento.

Tambem soffro como tu, pobre donzella,
Meiga estrella que assomaste ao firmamento,
Tua imagem me segue em toda a parte,
Pra deixar-te jazer no esquecimento.
Nunca, nunca, meu peito, ó virgem linda,
Pôde ainda deixar de estremecer-te;
Eu só amo esse rosto tão gentil,
Flor d'Abril, só feliz quizera ver-to!

Tem esp'rança no Deos que tudo vêla,
Que sem ella no mundo ha só pezar;
E o orvalho que enverdece a murcha rosa,
Que ditosa começa a fulgurar.

³ Paramirum.

⁴ D'Ekstein.

Tem esp'rança no Deos que tudo vêla,
Que sem ella só resta a camp'a fria;
Mas esp'rança na terra é sonho vão,
É visão que se esvae á luz do dia.

Mas ao menos não caia essa esperança,
Que a boança succede á tempestade,
Seja sonho, visão, ou puro nada,
Filha amada, depõe tua saudade.
Eu te adoro, é infundo o meu amor,
Teu fulgor deslumbrou os olhos meus;
Só aneio colher a rosa bella,
E com ella ajoelhar aos pés de Dens.

J. FERREIRA MACHADO.

A REVOLUÇÃO

É hoje, em pleno seculo XIX, no seculo que se appellida da sciencia, do progresso, da civilisação! É hoje, que só se ouvem as melifluas mas venenosas palavras: liberdade, egualdade e fraternidade; exactamente hoje, que a humanidade inteira se vê a braços com essa hydra sedenta, que lhe corroea as entranhas, e que já soltou o primeiro rugido: a revolução.

Se grandes genios d'este seculo têm dado um grande impulso ao desenvolvimento material e moral da sociedade; não têm todavia podido encontrar um novo Hercules, que impavido afrontasse as myriades de braços d'esse monstro horrendo e voraz, que derruba dos thronos os monarchas legitimos e que, á custa do sangue de milhares de victimas, pretende estabelecer seu satânico dominio, e que, calcando aos pés os deveres ainda os mais sagrados, os direitos mais inviolaveis, pisa altiva o chão juncado dos cadaveres d'aquelles que, seduzidos pelo seu harmonioso canto de sereia, lá foram perder a vida no campo da batalha, combatendo a pró de uma causa que julgavam sancta, mas que só na hora derradeira do passamento reconheciam ser a revolução. Tardio desengano. Aos céos prouvera, que tantos outros, que ainda vivem, talvez na mesma convicção daquelles, fossem desenganados e illuminados por um raio do brilhante sol

da verdadeira civilisação, do verdadeiro progresso.

Não precisamos remontar a edades muito remotas para manifestarmos os terriveis effeitos da revolução. Abramos a historia de nossos dias, e lá encontraremos as linhas ainda ha pouco gravadas pela bronzeeada mão do tempo sobre as suas ultimas paginas, tintas com o sangue ainda fumegante de tantas victimas; lá encontraremos immensos factos, que attestem aos povos vindouros os effeitos da revolução.

Lanceemos os olhos sobre os Estados-Unidos. Essa republica, que mal havia sido libertada do jugo da soberba Albion pela espada immortal de Washington, já erguia altiva a fronte entre as demais nações do Universo, que admiradas contemplavam a assombrosa rapidez com que se desenvolvia; similhantemente a uma pequena nuvem, que mal se distingue na immensidade do firmamento, e que, bem depressa, ao sopro do rijo vento, quasi cobre a extensão infinita dos céos ante os quaes ha pouco tão pequena era; assim se tornou essa republica a respeito da famosa Grã-Bretanha. A escrava de ha pouco, já imperiosa ousa levantar um brado contra aquella que a martyrisara. Arma sua marinha, a primeira talvez do globo inteiro, e não se recia das ameaças d'aquella, a quem expulsára do solo da patria.

Vejamus hoje em quo estado está essa republica tão florecente d'outr'ora. Uma guerra d'exterminio devastou seus fertilissimos campos, paralysoou seu commercio universal, sobrearregou-a com uma divida espantosa, ceifou-lhe milhões de vidas, entre ellas a do seu presidente e habil politico o grande Lincoln, morto ás mãos do Boot, e..... para que enumerar mais factos, que todos succederam ha bem poucos dias e que ficaram gravados na nossa memoria?!

Perguntamos agora: qual foi a causa que produziu este cataclysmo politico nos Estados-Unidos?

Não é difficil a resposta. Foi a revolução, inimiga da ordem social, da prosperidade das nações; foi a revolução, animada

por aquella que soltava ainda um rugido de raiva contra a que havia recusado o seu dominio, o a quem olhava já como uma poderosa rival; por aquella, que, sequiosa de vingança, semeava a discórdia no seio d'uma familia do 30 milhões d'almas, para satisfazer sua crueldade vendo correr o sangue de seus filhos. UM AÇORIANO.

Continúa.

III.^{mo} Sr. — Um album é uma especie de alegrete cultivado por diversos jardineiros que alli vão dispôr as suas flores, umas mais odoríferas, outras menos matizadas, mas todas como a natureza as cria.

O seu mimoso jornal ostenta esse titulo. Á sombra de semelhante estandarte affeito-me a exorar-lhe se digne permittir que esta fragil, inculta e ignota *planta*, possa lançar uma pequena raiz no seu — *Jardimzinho*. —

Talvez que alentada pelo prolífico fogo da imprensa pudesse brotar algumas vergonteas viçosas e transpor o intorpecimento que produz a sombra. Não sou escriptor nem a tal nome aspiro, não sou conhecido nem o desejo ser; não supportarei pois a critica publica ou o elogio. Juncto remetto dezeseis linhas rimadas, pobres notas da minha lyra sem aureos atavios.

V. r.^a, apostolo do evangelho, como demonstram seus fecundos escriptos, seguirá essa lei divina e não espaneirá por isso o mendigo que podera ser nobre, nem será deshumano que esmague a florinha incoactiva que desponta. — Do v. s.^a admirador e attento. — Um assignante do seu jornal.

Escuta, virgem: quando em noite placida Mil soes buliçam nos longiquos céos, Não sentes a'alma um murmurio mystico Que vai no espaço repetindo — Deos?

E em tarde amena o seidal translucido Que mostra phebo de um fictil pallor, E a brisa solta, que divaga tepida, Que vem dizer-te? que te ensina? — Amor!

E após, a lua que se arvora limpida Desenrolado seu argenteo véo; N'essa hora doce de poesia, magica, Não foge a alma remontando ao céo?

Assim, as aves, luz, odor, favonios, O brilho aéreo d'esses olhos teus, A terra, o mar, os campos, fragas, arvores... Respira tudo — amor, poesia e Deos! Janeiro de 1866 — Coimbra.

DESESPERANÇA!

(No album da ex.^{ma} sr.^a D. R. G. de M. Pinto.)

« Que negra sorte, malfadada e triste, « que desesperança ao despontar da vida, « que duro gêlo me definha o peito, « que visão lêda jaz no chão perdida!

Amci!.. Foi sonho; mas dourado e lindo, que na infancia — aureos os sonhos são; do qual jamais despertar eu queria, pois meiga esp'rança me sorria então!

Era d'amor a fagueira esp'rança, presagiando-me um feliz porvir; mas d'amor sancto... o mais casto e pudico, qual ontro assim não poderei sentir!...

Mui joven era, e tão formosa a virgem, por quem meu peito latejou d'amor; dir-se-hia ao vél-a, com meiguice tanta, da primavera boninosa flôr!

Amci esse anjo, que sorria alegre, seus olhos candidos fitando em mim; amci seu rosto, tão suave e meigo, fulgida estrella, lá d'un eó sem fim!...

Amci-a muito, nesse sonho bello, dourado e lindo, como os sonhos são; alfin accódo.... o mil dores trocaram a esp'rança meiga que fruía então.

Foram-se as creanças que meu peito tinha, illusões lêdas d'um feliz viver; hoje só resta de ventura tanta, uma dor contínua, um cruel soffrer!..

« Que negra sorte, malfadada e triste,
 « que desesp'rança ao despontar da vida,
 « que d'aro gêlo me definha o peito,
 « que visão lêda jaz no chão perdida.

Janeiro de 1866.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

O REMORSO DO BANDIDO

À tarde, já ao pôr do sol,
 Quando canta o rouxinol,
 Dirijo-me á solidão:
 E pensando na existência
 Sobresalto a consciencia,
 E perturbo o coração.

Lá entre o arvoredor,
 Assentado num penedo,
 É que eu gósto de pensar:
 Mas ás vezes fico a dormir;
 Outras parece-mo ouvir
 Irado um vulto fallar.

Um dia, e sanctificado,
 Quando o impio atterrado,
 Pela solidão vagueia,
 Vejo para mim dirigir,
 E quasi como ragir,
 O vulto que a voz alteia.

Escondendo-me com o arvoredor,
 E de trás do meu penedo
 Com medo fico a escutar:
 Elle o meu logar occupou,
 E depois que se assentou,
 Estas queixas ouvi soltar:

« Negro remorso maldieto,
 « Que assim trazes afflicto
 « Este meu pobre coração;
 « Já não sou filho de Christo,
 « Trago no rosto escripto
 « O ferrete da maldição!

« Trago no rosto estampado,
 « Um risco ensanguentado,
 « Que o traçou o meu punhal!
 « A uma mulher tive amor,
 « Por ella sinto hoje a dor
 « De bayer morto o meu rival.

« Perseguido da justiça
 « Combati sem ser na liça,
 « Combati com o meu punhal;
 « Matei o rico, matei o pobre,
 « Matei o plebeu, matei o nobre,
 « E em combate desigual.

« Mas hoje não sei quem falla
 « A voz, que somente cala
 « N'esta alma de desgosto!
 « Não sei tambem quem fez isto,
 « Que aqui sinto escripto
 « Neste meu pallido rosto.

« Negro remorso maldieto,
 « Que assim trazes afflicto
 « Este meu pobre coração;
 « Já do Christo não sou filho,
 « Por não ter seguido o trilho,
 « Que seguiu sempre o bom christão.

« Calou-se aqui o bandido,
 « E como que arrependido,
 « Cahiu em longa prostração:
 « E eu fegi quasi sem medo,
 « Porque o leão do rochedo
 « Tornou manso o coração.

J. J. DE SOUSA CAVALHEIRO

REVISTA

A escacez de acontecimentos, que mereçam ser consignados nesta secção, é de veras lastimável.

O capitulo das *banalidades* já todo o mundo o sabe de côr, e mal parece estar a repisar as mesmas idéas, ainda que por differentes palavras. A *Revista de Coimbra* pode-se considerar muito feliz sobre este objecto, por ter deparado logo á nascença com um assumpto inesgotavel, qual é a *questão litteraria*. Poucos se julgam dispensados de escrever o seu pamphleto, inspirado pela *satyra mordaz*, e pelo *epigramma sentencioso*, que são outras tantas flechas ponteadas, que vão ferir sensivelmente o coração do adversario.

O chronista lança mão de todos estes monumentos de espirito, apresenta-os aos

seus leitores com um elogio conciso, mas significativo, e termina fazendo salientes os trechos de mais merecimento, para servir de amostra de *fazenda*, se nos é licito expressar-nos d'esta maneira.

Os theatros continuam mimoseando o publico, quanto cahe nas suas forças; podem reccamos bastante que venham a succumbir a final nesta guerra incarnizada que lhes move a empresa dos caminhos de ferro, levando-lhes uma boa parte dos capitães outr'ora destinados religiosamente a darem entrada nos seus cofres.

O theatro academico estreiou-se com uma concorrência, como talvez ainda não tivesse theatro nenhum da cidade n'este anno lectivo; na platêa não havia uma cadeira vazia, e dos camarotes podemos dizer o mesmo, acrescentando que as primeiras bellezas de Coimbra se achavam todas ali.

Os tres artistas que tomaram parte no concerto dado na noite de 20 do corrente são na verdade de primeira ordem, e como taes foram applaudidos.

Disseram-nos que o sr. Fino, um dos distinctos artistas que tomaram parte nas récitas ultimamente dadas no theatro da Graça, inserira um *communicação* n'um *jornal*, declarando que não fizera parte da *companhia academica*, que andou por essas terras vizinhas a fazer as delicias dos amadores de *comedia*.

Das nossas palavras julgamos, que tal cousa se não podia deprehender; no entanto estamos promptos a dar a sua senhoria *milhares* de satisfações, acrescentando que esta circumstancia não pode deixar de multiplicar o seu merecimento, porque se n'uma estreia se mostrou *artista consummado*, não será muito para admirar, se dentro em pouco o vimos fazendo parte d'alguma *companhia dramatica* de primeira *categoria*.

Terá emfim logar no dia 30 do corrente mez, se alguma ordem não apparecer ainda em contrario, o encerramento da exposição industrial do Porto.

Segundo se diz, passará na proxima semana para aquella cidade S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz a fim de assistir á distribuição dos premios.

Tem sahido a arêna da publicidade algumas cartas mais sobre o já bem fastidioso assumpto do casamento civil.

Ultimamente publicou-se uma outra carta do grande historiador o sr. Alexandre Herculano, em resposta ao folheto que o sr. D. Antonio havia escripto, refutando a doutrina que aquelle sr. expendera na sua primeira carta. Diz-se que o sr. D. Antonio responderá ainda, e que a questão continuará acalorada entre os dous escriptores.

Está igualmente impresso um folheto do insigne juriconsulto o sr. Antonio Luiz de Seabra, illustrado auctor do primitivo projecto doCodigo Civil, onde se propõe demonstrar que a doutrina do casamento civil, que ultimamente appareceu noCodigo, não é sua, e se declara abertamente contra ella.

Esta opinião de tão abalizado escriptor e respeitavel juriconsulto, será de grande peso na questão, porque todos respeitam o talento e profundos conhecimentos juridicos de s. ex.ª

Espera-se com algum fundamento que os srs. Ferrer e Alexandre Herculano sabirão a campo para responder ao folheto do sr. Seabra, e d'esta forma a questão promete continuar ainda por muito tempo, cada vez mais animada.

No dia 31 effectuar-se-ha a inauguração solemne da estatua de D. Pedro v, na invicta cidade do Porto, ao qual acto assistirá S. M. El-Rei.

Foi espantosa a emigração do povo de Coimbra para o Porto e para Lisboa, na noite de sabbado para domingo ultimo. O comboio de recreio com seus preços reduzidos, atrahiu aquella cidade do Porto um grande numero de visitantes, tanto d'aqui como da capital.

Calcula-se em mais de mil o numero das pessoas que na segunda feira de noite chegaram á estação d'esta cidade na sua volta do Porto.

Diz-se e parece que com fundamento, que no domingo temos um outro comboio de recreio para o Porto, o que attrahirá ainda grande numero de concorrentes á exposição nos seus ultimos dias.

Temos em nosso poder algumas poesias de varios individuos, que nos mimosearam com ellas, e que não podemos publicar hoje, como desejavam alguns de seus illustrados auctores. Pedimos a todos desculpa pela demora na publicação d'esses seus escriptos.

No nosso ultimo numero esqueceu-nos mencionar alguns erros que appareceram no primeiro numero d'esta folha, de que tambem pedimos desculpa. Entre elle avultava um na 2.^a columna que era: onde se lê — só no passado seculo — deve ler-se — só passado seculos; e na columna onde se lê — irmos — leia-se — irmãos — além d'outros que facilmente se conhecerão.

Ha bastante tempo que a imprensa tem annuciado a proxima publicação do *Guia do Viajante em Coimbra*, e que se acha já nos prelos d'esta cidade, devido á penna do nosso amigo e patricio o sr. Augusto Mendes Simões de Castro.

Até hoje debalde havemos todos esperado que esta obra, a qual temos ouvido elogiar por pessoas competentes, veja a luz publica. Diz-se que ella está já bastante adiantada, mas que seu auctor esmorecêra alguma cousa na confecção de tal trabalho, que tanta honra lhe dá.

Não sabemos os motivos que o levaram a isso, mas sentimos deveras um tal acontecimento, e desejamos bastante que o nosso amigo leve por diante sua empresa, porque estamos certos que seus amigos e o publico em geral lhe não recusarão o auxilio de que carece, e de que se torna merecedor.

No dia 17 subministrou-nos o empresa do theatro de D. Luiz uma noite agradável. Foi alli pela segunda vez á scena o drama *Magdalena ou o infanticidio*, em cinco actos, o qual, apesar de ter já subido á scena naquella theatro, agradou bastante, porque o

drama em si prendo bastante a attenção dos espectadores e recommenda-se muito pelo seu enredo, que attrae.

Para que elle cabisse no agrado geral concorrer em grande parte o bom desempenho que todos os actores deram a seus papeis, tornando-se todavia dignos de especial menção Alves, Apollinario e Carlota Velloso, que no paleo de Coimbra tem grangeado um logar distincto e merecido a sympathia do publico coimbricense, difficiloso como é de contentar. Tanto Carlota Velloso como os outros dois actores mereceram repetidas chamadas. A concorrência era regular.

Temos já em Lisboa a insigne actriz portugueza Emilia das Neves, que voltou a Portugal depois de se ter coberto de louros no paleo do Rio de Janeiro.

Assevera-se que tomará parte na empresa do theatro do Principe Real.

Hontem e hoje (24 e 25) defendeu theses na faculdade de Theologia o sr. Custodio Nunes Borges de Carvalho.

Segundo noticia o nosso collega o *Tribuna Popular*, deu-se ha dias um conflicto entre o sr. Dr. Silva Gaio, lente do 5.^o anno de medicina, e o sr. Costa Alemão, estudante do mesmo anno d'aquella faculdade.

O general Prim, chefe dos revoltosos de Hispanha, entrou no dia 20, pelas 3 horas da tarde, em Barrancos (Portugal) com seu estado maior e 800 soldados de cavallaria. Restituiu ás auctoridades hespanholas os envallos e armamento.

Correspondencia tanto da redacção como de administração ao director *M. F. Margalha*, rua Larga, n.^o 2.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.^o 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	360

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À NOCIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 4

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Fevereiro — 5

A PROPOSITO DO FAUSTO

Continuado da pag. 19

III. Ainda um outro typo tivemos em vista destacar do grupo social, objecto do presente estudo. É o elemento mythico, o maravilhoso popular pelo seu lado ridiculo.

Na infancia da thaumaturgia indiana e no seu dilatado incremento no Egypto o mysterio occultava-se no véo sacerdotal; a *gnose* não transpirava fóra do templo. O povo era profano. Nunca elle foi ao menos o cathecumeno. Aquella especie de sciencia de *arcano* desenvolvia-se no sanctoario a portas fechadas.

Era util á sciencia, á politica e ás artes; mas tão enigmatica e tenebrosa e em parte tão futil, que Debay não duvida chamar-lhe o resultado de profunda superstição. ⁶ Nesta confusão de dogmas monstruosos de involta com milhares de chimeras se foi preparando o sortilegio. No tempo do captiveiro dos Hebreus a magia estava no seu esplendor. O sortilegio data da mais escondida antiguidade; de forma que seria impossivel, ao pelo menos muito difficil dizer ao certo as origens d'elle. Nem admira, visto que mais e mais se correm os véos á proporção que subimos ás infancias das artes. É certo, porém, que desde Jannés ou Mambrés até á desgraçada d'Ancre, que, segundo Voltaire, foi queimada em Paris por

* Debay, Sciences occultes, pag. 6.

ter morto um gallo, a feiticeria tem atravessado as fogueiras, os anathemas e dolorosas provações, que se não contam, até ao meiado do nosso seculo. Foi um contagio que não poupou Catharina de Medicis nem a mulher que mendiga uma esmola.

Foram feiticieiros (*sortiarii*) os homens, que em si tinham a chave do futuro: os que se entregavam á magia negra, fazendo maleficios e sortilegios, e finalmente aquelles que ás horas silenciosas da noite se levantavam do leito, se preparavam com a *uncção magica*, e se apresentavam em dias e horas determinadas á beira do mar, em occulta floresta, em charneca deserta, noma encurvilhada á luz da lua. Este bando de demonios assalariados pelo principe das trevas devastou a Europa. Menos lubrica, mais recatada no seu principio, a magia negra, a thenrgia dos neo-platonicos, por um excesso de exaggeração e abuso foi mais tarde a creação mais escandalosa, que produziu a phantasia delirante do povo. A *missa negra* e o *sabbado* horrorisam.

Foram preparadas pelos filhos do Norte as scenas mais hediondas que a humanidade tem visto. Logo depois de Constantino estrondeam na Europa as armas barbarescas. As acções e reações surdem. Todos os elementos se confundem. A agitação era o primeiro canto d'um grande poema heroico. Os sonhos ardentes, o delirio, o fogo de imaginação dos espiritos selvagens influenciam muito na feiticeria. Dá-

se ao philtro, á mandragora, ao aconito a sua applicação cabalistica. Levam-se as noites a decorar a Pharmaceutria de Virgilio. De toda a parte surdiram Moeris.

*Hic ego saepe lupum fieri et se condere silvis
Mocrim saepe animas imis exire sepulchris.*

Horacio censura os sortilegios da sua Canidia, e na sua pessoa todos os delirios magicos. Segundo o auctor da Henriada, os primeiros chefes da republica foram infectados d'estas imaginações ferventes. Ainda n'esse tempo a jurisprudencia não tinha legislado sobre uma superstição, como ao depois se fez. Ainda Malebranche, Thiers e Bingham e a inquisição não tinham apparecido. Em França não haviam sido ridicularisadas as *Manifestações fluidicas dos espiritos* e muitas composições demoniacas da idade-media, que não tinham mais valor, do que os versos sibyllinos encontrados em Erythrés.

Os terrores da idade-media deram azo á rapida propagação da magia e suas mais variadas formas. É no meio das grandes crises e na effervescencia das exaltações fanaticas que uma sombra nos parece um esqueleto, o ranger das folhas dansa de demonios, o gemit da fonte o soluçar plangente de alguma alma penada, que Deos não quiz nem no inferno. A phastasmagoria confunde-se com a realidade, o impossivel com o possivel; o absurdo com a realidade. A idade-media, periodo perigosissimo para os espiritos mais intrepidos, foi a melhor epocha que a feiticeria podia encontrar para estender seu dominio. No meio da desesperação as almas acreditavam-se dominadas pelo espirito máo: não recorriam á penitencia, que não lembra ella no paroxismo. A idéa da salvação funde-se no abandono da individualidade a Satan. Nas maiores afflicções um cabello nos pode salvar do naufragio. O maravilhoso porisso abriu o seio aos amedrontados com o real.

O impossivel pareceu lindo. Nos horrores do *in pace* ninguem abjurava da idéa que para alli fizera marchar o feiteiceiro. Michelet chama um refugio a feiticeria.

No meio do fanatismo d'aquelles tempos a mulher foi-se purificando das suas illusões monstruosas, em que vivia, para mais tarde em melhor dia se mostrar tal qual é — a mulher forte. Os demonographos podem censurar Selena, a mulher de Simão Maggo, essa herdeira dos segredos theurgicos do Egypto, a *sabia* que appareceu em vinte janellas ao mesmo tempo, podem zombar da pallida figura da velha Rutila, involta num lençol, a tripudiar em torno de um monte de ossos; mas nunca da desgraçada Eleonora Galigai, «que se serviu do poder que têm as almas fortes sobre as fracas» ⁷ para salvar Maria de Medicis: da pobre que em sonhos se vê em forma de borboleta voando por cima de toda a folha e encontra-se em presença do demonio por força do seu fadario. Bem lhes basta a ellas verem cair a sua tunica em pedaços rasgada pelos seus algozes!... Quantas penas não adormeceram com a feiticeria depois da *uneção magica*! Que importa o pezadelo de uma noite, se elle nos faz esquecer os tormentos de todo um dia? A *uneção* religiosa, que entre os antigos era um meio hygienico, foi-o tambem, na idade de Balsanio, para os espiritos fracos. A allucinação e o esquecimento eram prodigiosa panacea.

Ainda se nos transmittiu a receita de que usavam os magicos da antiguidade e as feiticieras da idade-media. Transcrevo de Debay:

*Larmes de pavot et de mandra
Suc condensé de cigüe
Semences de jusquiame
Lie de vin
Ajoutez un peu de musc.*

De tudo isto resta hoje a mal segura creença nas sinas e nos feitiços de alguma

⁷ idem, pag. 400

velha, que se aleunha de bruxa. O que as fogueiras não poderam queimor dissolveu-o o sol da instrução. Qualquer se envergonharia de erer no predomínio das feitiçearas; entretanto a crença não se apagou de todo no povo das aldeias. É necessario sustigar essas velharias. Longa vida têm vivido Sagana e Canidia. Têm de morrer; que a velhice é doença que não têm hygiene. O seculo ri-se do Ismeno de Tasso e dos encantamentos de Ariosto. A feitiçeira de Horacio é hoje reechida, como o poeta a recebeu, sorrindo. Explicar a sua inutilidade presentemente, surprehender as suas machinações infamantes foi o pensamento da *Sombra do Fausto*. Será *Canidia* a ultima descendente da raça bohemia?

IV. O desenvolvimento da idéa na realisação artistica não é como a germinação d'uma flôr. Tem esta o orvalho do céu a humedecer-lhe as folhas; a viração a embalar-lhe o colix, a primavera a depositar-lhe graças. É para mais rescender que a brisa lhe murmura em volta. Um perfume, que lhe rouba, paga-lho em canticos e em beijos. Para o pronunciamiento do verbo, generalisação d'elle e sua reprodução no mundo esthetico, molduramento no melhor quadro artistico, na imagem que melhor espelhe a idéa, tudo são ventos encontrados, tufões desabridos. Individualisar a lenda do Fausto tantas vezes reproduzida e modificada na Allemanha não é nosso intento; que melhor do que nós o poderamos fazer, já se tem feito. Ha um lado, porem, e talvez o mais difficil, que não sei que se haja tentado. É o lado comico.

Pondo de parte o respeito devido ao Fausto de Goethe, livro sagrado como a melhor creação de Homero e de Eschylo, cremos que se abre campo largo tractando o scepticismo do Fausto pelo lado da sua graça comica. O genero comico é na arte como o scepticum em philosophia. Um e outro nascem d'uma reacção do espirito. O

heroe de Goethe foi-se pela sciencia em busca da verdade, mil sonhos o embalaram, deixou-se ir na corrente adormecido. Quando foi a cahir no mar da duvida, accordou levantando-se entre a verdade e a incerteza. Era impossivel a reconciliação entre estas. Daqui a reacção, daqui a descrença. O espirito colloca-se entre o sublime e o ridiculo. Daqui uma realisação, um choque, a arte comica, a filha do contraste. No poema, como no romance e no drama, o encontro de dois sentimentos oppostos é a maravilhada arte, o sublime objectivo. Nesta grandeza está a difficuldade toda. Não é o lyrismo, a lithaia, a soltura do dithyrambo, a onda a enovelar as conchas da praia, os dedos a enfiarem contas, é a onda a quehrar-se na rocha, o cedro a loctar com u vento. É por isso que o comico só achou digno interprete em Henri-Heine, no sceptico que não poupa uma gargalhada ás coisas mais sanctas.

Era apenas conhecido dos antigos o baixo comico. As primeiras comedias, que conhecemos, tinham o mesmo defeito, que a poesia «não sabiam abstrahir.» Eram os louvores de Baceho, a lascivia, a grosseria dos cantos phallicos. Os que vieram depois de Suzarion e Aristophanes temperaram-na pelo gosto didactico suave e delicado. Assim apparecem as obras de Thilemon e Menandro.

Apparece tambem no comico o elemento epygrammatico esatyrico: e tanto maior importancia elle tem, quanto mais universal. É por isso que o Hyssope é muito inferior ao D. Quichote; Nicolau Tolentino a Juvenal. Não obstante os poetas heroe-comicos, ainda os que menos souberam generalisar, têm curado muitas pustulas, e inflloenciado no circulo estreito das soas relações, fomentando o desenvolvimento e actividade justa dos encadeados Prometheus de gesso. Têm-nos suppliciado no inferno do ridiculo. O reagir contra a torrente de

um seculo é sempre operação perigosa, mas aonde ha ahí rosa, que ao colhel-a nos não rasgue os dedos?

Bacon e Descartes «os auctores da maior revolução philosophica, que o mundo moderno tem comprehendido»,⁸ lutam, quanto podem, para não succumbirem. Soffrem affrontas innumerables. Tertulliano e Hermias vêem-se obrigados a fulminar o ridiculo, quando se falla em christianismo platónico: Juvenal necessita da gargalhada contra a superstição da sua idade.

Byron escreve os *Bardos inglezes*.

Depois do labutar vem o fructo, assim como depois de uma revolução, que vinga, se coroam os heroes. Haja vista aos resultados do Lutrin na França, e a escholastica e romances cavalleirescos na Hespanha depois de publicada a obra de Cervantes.⁹ Não foi por certo nestas creações que se empregou a linguagem delicada e severa de Goethe para a descripção do grotesco: melhor a meu ver descreveu Gracian.¹⁰

*Este largo edificio que sustentam
Com delgadas columnas de missanga.*

Reconhecendo as vantagens do genero comico e aproveitando-me das lições de Henri-Heine, Lesage, Cervantes e Diniiz tentei fazer um painel comico do *Velho das Catacumbas* e da *ultima Canidia*.

Continua.

J. Simões Dias.

Sr. redactor — Desculpe-me, se ousou pedir-lhe, entre os matizes do seu *Album*, lugar para essas flores sem viço e sem belleza: nascidas entre as sombras, que envolvem a mão que as acalentou, são como ella debeis. Levantaram-se innocentes, e desfolhar-se-iam seccas no pó, se v. s.^a, cul-

⁸ Guizot, Histoire de la civilisation.

⁹ Saint-Evremond escreve ao marechal de Crequy «de todos os livros que li D. Quichote é aquelle que eu mais desejaria ter feito.»

¹⁰ Lorenzo Gracian, El criticón.

tivador do jardim primoroso da adolescencia, lhes negasse abrigo lá num cantinho do seu jardim, onde modestamente recebessem um raio de luz que, como orvalho do céo, as vivificasse.

Seu Admirador e Dedicado

A. FERREIRA DE FREITAS

MARIA?

« Quien no ama no vive. »

Trás o immenso lutar da vida humana

« Não vem um só prazer:

E como viveria então na terra

« O homem sem morrer?

O dia lá s'esvae, com elle a luz,

A vida vai tambem,

E o astro que no céo brilha e seduz:

Maria... foge além...

E eu vivo aqui tão só! co'a saudade,

Saudade d'amor;

E tu, linda, não vens trazer-m'a calma?

Vem: vem furtar-m'a dor.

Coimbra, — 1866

A. FERREIRA DE FREITAS

A REVOLUÇÃO

(Continuado de pag. 21.)

São estes os fructos deliciosos, que pelo orbe inteiro a revolução espalha a mãos largas. Muitos exemplos mais poderíamos apresentar, que comprovassem que os fins politicos da revolução são: completa anniquilação dos poderes legítimos; substituição d'estes pelos governos, *eleitos popularmente*; numa palavra o *socialismo*. Limitamo-nos a apontar o de Italia, esse paiz tão rico de recordações gloriosas, séde de Roma, que outr'ora dava leis ao mundo todo, e que hoje ainda é a séde do chefe do catholicismo. Esse paiz, que presenciou as lutas gigantes de tão grandes generaes, e que em quasi todas entoava alegre os

hymnos do victoria em honra de seus filhos, que se tinham batido como heroes; cil-o hoje a braços com a revolução, que lhe asarregará talvez a sua morte moral! A chamada « Italia unida » já não é a Italia, que dava leis aos maiores potentados do universo, e que se não receava do poder das Gallias! A Italia de hoje, decalada, como está não pôde resistir ás pretensões desenfreadas e ambiciosas do neto do desterrado de Saneta Helena!

O estado em que se acha a Italia de Victor Manuel, já não é aquelle em que estava no reinado do grande Carlos Alberto. Ha já mais de quatro annos que o fumo da artilheria não tem deixado de cobrir de nuvens tenebrosas seu céu d'anil! Ha mais de quatro annos, que o brado de — Italia unida —, soltado talvez, quem sabe, contra vontade do actual rei é sustentado pelas armas, foi intrduzir a anarchia naquello reino, talando-lhe os campos e incendiando-lhe villas e cidades!

A união faz a força, é verdade; mas a Italia, apparentemente unida, tem perdido toda a sua energia, todo o seu prestigio por causa da differença de tendencias, que se nota em cada um dos innumerados partidos, em que está infelizmente dividida. A Italia altamente enfraquecida, e a passos agigantados caminha na senda, que a dirige ao sepulchro, cuja profundidade é o infinito, e cuja lousa será o esquecimento; se um braço potente a não detiver na carreira, lá se irá infallivelmente precipitar; e do reino de Italia, do reino de Victor Manuel, só restará então uma triste memoria. Uma lembrança ligão!

Examinando a causa de todos estes desastres, que se hão de realizar, se continuarem as cousas seguindo a marcha, que tem até aqui seguido, que encontramos? Revolução. Só revolução.

Temos até aqui a revolução considerada pelo lado politico, exminemol-a agora pelo lado religioso.

A revolução por esta face é abdicção formal de tudo o que o homem tem de nobre e sublime; é a negação absoluta d'aquelle, cuja sabedoria eterna poderia

um simples fiat—anihilar seus loucos e infernaes esforços.

Sem receio de sermos vencidos em luta leal pelo mais habil contendor, porque o campo, em que combatemos, é o da verdade, ousamos dizer bem alto; o fim da revolução é a proscricção do catholicismo de sobre a face da terra; o fim da revolução é protestantizar os povos: porque, talvez ainda mais astuta que a serpe infernal, cujas inspirações executa, sabe, que a verdade do protestantismo é a que a melhor satisfaz ao seu ultimo fim: O paganismo com todos os seus hediondos vícios e crimes abominaveis:—

As harmoniosas palavras civilisação e progresso de que para conseguir seus fins se serve a revolução e que a tantos e tantos incautos tem seduzido, ali as vemos postergadas a cada instante.

Pois será progresso, a volta do estado actual ao tempo, em que quasi a humanidade toda adorava os falsos deoses, ao tempo em que a corrupção era a moral pagã? ao tempo em que o ente, ainda o mais desprezível era um deos? Será por ventura progresso aquillo, que quem tem o ouvido para escutar vossas melodias e olhos para admirar vossas obras, chama retrocesso?

Será isto tambem civilisação?

Continua

EM AÇORIANO

PRIMEIRAS FLORES

*At regina gravi jamdudum saecia cura,
Vulnus alti venis, et caeco carpitur igni.*

V. AENEIDA IV. V. 1, 2.

A men mano A. C. A.

Pela tarde d'um lindo dia
divagava a phantasia
nas flores do meu jardim.
Era meiga a natureza
Com toda a sua belleza
a sorrir-se para mim.

E eu perdido alli; só,
Tanu triste, fazia dó,
engolfado a meditar.

Sem penar sentia dor
e num insano estertor
uma voz senti bradar:
 vae passear,
e espalha a melancolia
que te some noite e dia.

Fui saber da minha bella
e dizer-lhe só a ella
os segredos do amor.
Não coroti, nem teve pejo,
inda mais deu-me um beijo,
em troca de uma flor.

Estava a meiga donzella,
das flores a mais singela,
á sombra do alecrim.
Sem sentir os passos meus,
fitara os olhos nos céos;
esperava só por mim.

— Inda agora, meu amigo —
Disse a virgem lacrimosa.
— Os suspiros que hei dado
cil-os aqui nesta rosa. —

« Toma, guarda, tem cuidado,
nunca d'ella separado
um momento debes 'star.
Se chorares, também chora,
se sorrires, também adora
os afagos teus sem par. »

— « Escuta, meu anjo, escuta,
és como a mariposa;
Com afagos e caricias
recebo em mil delicias
os perfumes d'essa rosa » —

— Segue-me — disse a virgem
entre soluços e prantos.
— Se souberas quanto soffro!
ao ouvir os teus cantos?!

— « Oh! quanto sou feliz
por ouvir os prantos teus.
Ai! e tu, meu anjo, — diz
não t'agradam os cantos meus? —

.....
.....

— « Dá-me um beijo, filha, dás??
nelle sorvo a tua vida. —

— Outro,
inda outro, minha querida;
bem sabes um beijo teu
quando está sereno o céo
a ventura que me tras.

— E tu que me dás
em troca do beijo meu! —
« Eu? »

— Sim. —

— « Dou-te o retrato teu,
« Queres? »

— Quero —
« Pois bem, é assim :

« Esse rosto é de neve,
e o collo de marfim;
são os olhos diamantes,
que se fitam rutilantes,
quando olham para mim.

Purpureas são as faces;
são de ebano os cabellos;
os labios são de rosa,
da cor a mais mimosa,
que me espiram os anhelos,
se imitam da mariposa
esses sorrisos tam bellos.

Dei do beijos mais de mil
nesses olhos de donzella.
Era linda, estava bella,
tam mimosa, tam gentil,
como nos prados de abril
se não encontra uma flor.
que tem do carmim a cor.

.....

Brilharam-te os olhos.
D'espinhos, escolhos
não vias o trilho.
Cingiste-me o peito,
votci-te um preito,
 guardei o brilho.

.....
.....

Nessa faces purpúreas,
onde vecejam as boninas,
mais beijinhos impremi.
Senti dor, senti prazer,
sem saber o que fazer,
deixei-te só! — e parti —

Coimbra, 26 de janeiro de 1866.

J. C. AGUIAR

NECROLOGIO

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseriis..... JOB.

No dia 24 de janeiro foi sepultado no cemiterio do Castêdo do Douro o ill.^{mo} sr. Bento José Pinto de Queiroz. Seguiu de não longe as pisadas da esposa querida, que no enflorar da edade cahira do thalamo na obscuridade do sepulchro.

Liberal convicto tinha valentemente arriscado a vida em defesa da liberdade. Pelos seus relevantes serviços fora elevado á patente de capitão. Homem abastado tinha empenhado serios esforços em promover liberalmente o esplendor do culto. Pac e marido extremo desvelara-se em fazer a felicidade de todos aquelles de quem se tornara natural e valioso amparo.

O corpo, que tinha sido templo do espirito tão preclaro o virtuoso, suniu-se para sempre, num sepulchro, em cerca do qual a desolada Thia confortará caridosa o enternecidamente os orfãos lacrimosos, que, no raiar da sua aurora, e no despontar da sua manhã, já só escutam o echo frio dos tumulos em resposta ao doce nome de pac e ao sancto nome de — mãe.

O irmão extremo dê allivio á sua entranhada saudade, tornando-se o verdadeiro defensor dos orfãos, que a natureza, a religião, o pac, e a sua reconhecida bondade não cessarão de recommendar-lhe vivamente.

Morreu. Agora, comemorada a existencia de tão grandes virtudes, resta endereçar preces ao Altissimo pelo eterno descanso do justo, e reflectindo com o poeta das dores no nada das grandezas humanas repetiremos:

O homem que a mulher poisa no tumulto
antes de lá baixar o vasa a dor:
floresce um momento, e como a sombra,
como o aroma s'esvae, e como a flor.

Coimbra, 31 de janeiro de 66.

J. J. LOPES P.

REVISTA

Fomos hontem ao theatro de D. Luiz ver o *Casal das Giestas*, drama em 5 actos, traducção do sr. Conego Soares Franco.

A escolha d'aquelle drama revela, segundo o nosso entender, um gosto pouco apurado da parte da Direcção; com quanto tenha cousas bem boas, especialmente o 3.º acto, não podemos deixar de rir no ultimo, que desde o principio até ao fim, desculpem-nos a expressão, é uma *serie de disparates*.

Aquelle egoismo do pac, que presando unicamente a sua honra alcançada nos campos de Wagram e Austerlitz, diz á filha; *que da sua (d'ella) visto que lhe pertencia podia muito bem fazer o que lhe approuvesse*; aquelle machado que tão infelizmente se achou ao alcance do sr. Alves para lhe comprometter o merecimento de actor, aquella veneranda espada que fez nas mãos do sr. Matta o mesmo effeito que fez a roca nas mãos de Hercules, ajoelhado aos pés de Omphale; tudo isto produziu nos espectadores impressões muito pouco favoraveis, impossiveis de descrever.

E o desfecho? Que desfecho! Imaginem na penultima scena meia duzia de pessoas, que vêem escapar-se uma fraca mulher, levando gravado no gesto a desesperação do suicidio, e que apesar da precipitação da fuga, se lembra de fechar á chave a porta, que acaba de transpor.

Os parentes e amigos vão seguindo não sei por que buraco as manobras da infeliz, e começam todos a gritar: *corro a salvar-te, corro a salvar-te*, mas ninguém se meche.

Exactamente como no *José do Capote*.

A final viram precipitar-se a mulher em questão, ficam desorientados, — lá bouve um que sempre conseguiu arrombar a porta

com um pequeno pontapé, e em lugar de correrem todos em soccorro da infeliz, ficam do lado de dentro á espera de *novidades*, que a final sempre chegaram.

O Marquez de Montelen conta que a mulher precipitada era uma outra, que procurou no suicidio, o que parece incrível, o termo da sua existencia recheada de aventuras, machinações e ladrocinhas; reconcilia o pae com a filha tornando-se manso como um cordeiro, de furioso e intractavel que minutos antes se achava, arranjam-se dois casamentos num abrir e fechar d'olhos, e assim terminou o *enterro* d'aquelle desgraçado drama.

O desempenho em geral não foi máo. O general foi o que mais nos agradou, e Queroan exaltou-se a ponto, que transpoz os limites do natural.

Em relação á companhia dramatica ambulante tinhamos escripto umas observações, um pouco mais circunstanciadas, que as antecedentes, que nos vemos obrigados a retirar por falta de espaço; mas para se não perder tudo, sempre lembramos ao sr. C. de S. que aquella historia do *Torniquete* não passa de uma boa *historia*.

Houve hontem reunião nos Paços do Concelho d'um grande numero de cidadãos, presidida pelo sr. dr. Jardim, onde se deliberou enviar a Lisboa uma grande commissão, para representar ao governo no sentido de mandar construir um ramal do caminho ferro da Estação actual até ao caes das Aneias.

Na sexta feira houve eleições na associação dos artistas, ficando de novo eleito presidente o sr. Olympio, a quem por este modo os seus consocios pagaram uma divida de gratidão pelos beneficios que este cavalheiro ha prestado áquella associação, que a elle deve o existir.

Hontem houve assembleia geral, para resolver certas duvidas suscitadas nas eleições, acerca da reeleição do sr. Fino, um dos socios. A associação tem recebido bas-

tantes serviços d'aquelle sr., mas parece-nos que da sua parte estava não levantar agora questões, que tão ruinosas podem ser á mesma associação, e com as quaes ninguém aproveita. Estamos certos que a exclusão do seu nome na escolha dos reeleitos, não foi para o desconsiderar, o que não merece, mas porque assim o pediu o resultado da eleição.

Foi por equivooco que no numero antecedente nos referimos ao collega do *Tribuna*, quando noticiámos o conflicto havido no 5.º anno medico.

Na terça feira (6) recebe o baptismo na Sé Nova o segundo filho do ex.^{mo} sr. José Antonio Leite Ribeiro e da ex.^{ma} sr.^a D. Clara Candida Loito da Rocha.

É padrinho o ill.^{mo} sr. Fructuoso José da Silva, e madrinha a ex.^{ma} sr.^a D. Quiteria Rosalina Leite da Rocha.

Damos os mais sinceros parabens a toda a sua ex.^{ma} familia.

Nos dias 7 e 8 do corrente defende theses em theologia o sr. Garcia Diniz.

Temos recebido varias poesias, com que nos hão mimoseado, e que sentimos não poder publicar com a brevidade que querem.

Passou na madrugada de domingo, de volta para Lisboa, S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz.

Correspondencia tanto da redacção como de administração ao director *M. F. Margallo*, rua Larga, n.º 2.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.º 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	360

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À NOBILIDADE DE AMBOS OS SEXOS



N.º 5

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez



Vol. I

1866 — Fevereiro — 15

O CASAMENTO CIVIL E SEUS DEFENSORES

Nos artigos que havemos escripto ácerca do codigo civil na parte que diz respeito ao matrimonio, havemos mostrado que tal doutrina é impia e immoral. Agora temos a provar quo ella é anti-social e impolitica, verdade que ninguem desconhece, e que só a má fé pode occultar.

Ninguem que tenha sua razão um pouco esclarecida pelo estudo, ou illuminada pela experiencia da vida, deixa de conhecer os inconvenientes que hão de resultar á sociedade da promulgação d'uma lei, que sem errarmos podemos dizer o maior aborto do uosso seculo, seja qual for o lado pelo qual ella se encare. Isto mesmo se pode inferir já do que a tal respeito temos escripto.

Quando se reconhece em toda a sua plenitude a verdade que ninguem contesta, de que é preciso acabar d'uma vez com os continuos conflictos, que a cada passo se estão dando entro o estado e a egreja; quando somos d'accordo em que se devem assentar d'un modo definitivo as raías que separam estes dous poderes, é para lamentar que a sociedade civil, ou antes os mais acerrimos propugnadores das regalías d'esta, se lembrem de invadir com mão tão sacrilega os incontestaveis direitos da egreja.

Seus mais dedicados defensores não se esquecem de dizer que o matrimonio civil é mais uma conquista da liberdade, um passo mais para a emancipação da sociedade civil, mas, se não ignoram, não se lembram pelo menos, de que elle vem levantar

novos conflictos, avivar os antigos, que deviamos sanar, e perturbar a ordem social estabelecendo a mais completa anarchia.

Quem não vê já a confusão que se levantará, os conflictos que suscitarão, a anarchia e as duvidas que apparecerão, quando se converter em lei a doutrina do Codigo relativa ao matrimonio? Demais: ou o matrimonio fica reduzido a um puro contracto civil ou não; ou é contracto ou é sacramento; entre estes dois extremos, na materia sujeita, não conhecemos mais termo. Se elle é um contracto civil, deve necessariamente estar sujeito ás condições de qualquer outro contracto olhado pelo seu lado juridico, e assim é o maior e o mais descarado absurdo dizer que o matrimonio é um *contracto perpetuo e indissolúvel*.

E admiravel o modo por que se condemnam os impugnadores do matrimonio-sacramento! Querendo negar-lhe o seu caracter sacramental junctam-lhe uma propriedade que só se encontra no sacramento — a sua perpetuidade. Querendo consideral-o apenas um puro contracto civil, negam-lhe uma propriedade dos mesmos contractos perpetuos — a sua dissolubilidade — quando se dê *mutuo dissenso* nas partes pactuantes. Assim o ensinam os mais triviaes principios de direito, que os illustrados defensores do matrimonio civil não podem por forma alguma ignorar.

Portanto, se o matrimonio é um contracto civil, como o querem nossos adversarios, deve como todos os outros contractos ser dissolúvel, dada a reciproca vontade dos pactuantes, e neste caso quem porá em

duvida os innumerados inconvenientes d'uma tal doutrina?

Quem, possuindo um pouco de critica, se deixará illudir pelos enredos e sophismas dos defensores de tão absurda doutrina, que, sendo aos olhos da razão esclarecida altamente retrograda, a alcunham falsamente de civilisadora e progressista?

Continúa

M. F. MARGALHO.

A MUSICA E A EDUCAÇÃO DO POVO

(Continuado do n.º 2)

A primeira modalidade d'um ser, na ordem evolutiva da sua existencia, caracteriza-se sempre pela generalidade e simplicidade. A complicação no jogo das forças, e a *especialização* dos elementos constitutivos são a consequencia demonstrativa do desenvolvimento e perfeição do ser.

Fazendo agora applicação d'esta lei da ordem universal ao ser humano, resulta que a primeira evolução da vida do mesmo ser, constituido *conscientemente*¹ como parte activa nas relações sociaes, deve caracterizar-se pelo dominio do *sentimento*.

Durante a vida propriamente individual (até á puberdade) a *sensibilidade* é sufficiente para prevenir a satisfação completa e prompta das mais urgentes necessidades. Mas desde o momento em que o homem insensivelmente se vai elevando á altura d'um ser social, é pelo sentimento que elle dá o primeiro passo para o seu semelhante. Dizer isto não é afirmar que a intelligencia esteja de todo no estado latente; mas não é de certo esta a faculdade que predomina na primeira idade do homem.

Na familia predomina o sentimento nas relações de pai e filho. Nesta parte a mulher exerce ou deve exercer *convenientemente* toda a sua influencia.

¹ Alludimos á epocha em que o homem estende as suas vistas além da familia.

Saído da familia, ao menos na *aspiração*, o homem encontra-se n'um mundo de impressões novas. Estas, despertando ou excitando a alma, n'uma epocha em que o sentir é a vida, e a illusão o seu ideal, fazem accordar no coração essas palpitações nobres e sublimes, que se chamam amizade, amor, gratidão e generosidade, abnegação, e mil outras, que se sentem, mas não se explicam.

As paixões que se assimilam no charco das miserias sociaes ainda não mancharam a alma na sua pureza; é por isso, que o sentimento se reveste com todas as galas, ostentando com ingenuidade todo o seu brilho e energia.

A linguagem ordinaria não se presta as mais das vezes á manifestação d'um sentimento, que se sente, mas não se comprehende. A nota é de fogo; a tela é de carne. A palavra só por si é fria e muda para a expressão do sentimento. A melodia, a expansão da voz, e as suas modulações aproximam-se mais do sentir da alma na sua alegria entusiasta como na tristeza saudosa; no sublime e doce extasi d'uma crença, como nas terriveis torturas do desespero.

E ninguém deixa de sentir que a musica é sem duvida o meio mais proprio para communicar aos outros as impressões de nossa alma.

Aquelle pois, que, ao pé d'um objecto querido, procurou para representar o estado da sua alma uma linguagem mais accentuada, mais pathetica, e mais apaixonada, esse empregou a melodia, e foi o primeiro musico.

Estes primeiros rudimentos não eram sem duvida mais do que interjeições confusas, accentos desordenados, emittidos, pelo impulso da alma, que se expandia por um sentimento confuso e ingenuo, mas vivo e por vezes tempestuoso.

Se applicarmos o mesmo processo d'observação, no exame de quaesquer verdades que por si constituem o elemento objectivo do systema *serial* em qualquer das suas *orbitas*, havemos de concluir necessariamente, que na *ordem chronologica* o *facto* precede a *arte*, e esta a *sciencia*.

Na ordem subjectiva, é verdade que a evolução *logica* do pensamento constitue-se por uma ordem *inversa*. — O *principio* surge pa abstracção para tomar uma forma sensível concreta na lei; e esta *incarna-se* no *facto*.

Estamos porem convencidos, que o primeiro processo, fundado na observação do *eu* pela consciencia, e do *não eu* pelos *sentidos e razão*, é o processo por excellencia, fundamento de toda a sciencia e de todo o conhecimento.

O systema das *noções à priori* é um engano. É uma especie d'aristocracia intellectual, em que a razão parece envergonhar-se, de que arvore genealogica dos seus conhecimentos se vai prender nos factos, que ella julga seus satellites.

Nas evoluções do sentimento pela musica, que constitue a materia sujeita, a applicação do processo d'observação produz o resultado que já notámos, isto é, o *facto* é a primeira evolução *chronologica* da musica.

Hermes entre os Egypteos, Brahma entre os Indios; Fo-hi entre os Chinezes; Jubal entre os Hebreus; Apollo, Orpheu, Amphion...etc. entre os gregos eram tidos como os inventores da musica em toda a sua extensão. O proprio Pithagoras, como so sabe, gozou das mesmas honras.

Espiritos, porem, mais observadores, aceitando estes personagens como os pais da arte musical, suspeitaram uma origem natural da arte no ruido das ondas, no canto das aves, no som do vento sibilando nas cavernas, ou gemendo por entre as arvores...etc.

Pela analyse que ha pouco fizemos torna-se evidente o pouco ou nenhum alcance de taes ideias.

Para nós a musica tem por berço o coração do homem. É a manifestação da primeira força organica do *elemento social* do homem. É a *incarnação* do sentimento nas primeiras relações do homem para com o seu semelhante, para com a natureza, ou para com Deos.

Continúa

A. C. A. M. CALLISTO.

POESIA

OFFERECIDA

Ao sr. Francisco Augusto Martins de Carvalho¹

Embalou teu molle berço
Carinhosa a poesia;
Era ella quem na infancia
Pela mão te conduzia.

Ensinou-te a olhar o mundo
Pelo prisma seductor:
Vendo um anjo — em cada homem
Em cada espinho — uma flor.

Adejou-te sobre os labios
No teu primeiro sorrir;
Desceu-te em per'las ás faces
Vaticinando o porvir.

Ao transpor com pés mal firmes
O jardim da juventude,
Mostrou-te o genio curvado
Ante as aras da virtude.

Esecondeu-se no teu seio,
Entre as roupas da candura;
Ensinou-te a umar a estrella,
Que em céo d'esperança fulgura.

Percorreu contigo o espaço
Em casto vôo d'amor,
Quando á voz do sentimento
Ás rosas roubaste a côr.

Mostrou-te o quadro da noite,
Quando a rainha dos céos
Distribue pelo Universo
O fulgor dos raios seus.

Por entre densa floresta
Pensativa te cimbrenhon;
E sobre teus debeis hombros
Harpa formosa pousou.

¹ Esta linda e graciosa poesia da gentil dama e excellente poetisa do Mondego, a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Jamy, é transcripta da *Harpa*, jornal litterario publicado em tempo por um dos collaboradores d'esta folha, F. A. Martins de Carvalho.

Mal teus dedos a vibraram
Sentes a alma estreinecer,
Ergues a fronte radiosa
Palpitando de prazer.

Dobrado em terra o joelho
Os olhos fitos no céo,
Abrasa-te a mente o fogo
Que o genio nella accendeu.

Desde então tiveste sempre,
Companheira n'alegria,
Na tristeza, no desgosto
Sempre a teu lado a — POESIA. —
Janeiro — 1862.

AMELIA JANNY.

A REVOLUÇÃO

(Continuado de pag. 29.)

Respondei, presumidos sabios da revolução. Respondei, sabios, que adorais essa estatua colossal, cuja altiva cabeça se esconde entre as nuvens; mas que tem de argila os pés, e a primeira pedra, que despenhando-se da montanha, lhe tocar o *invulneravel* calcanhar, faz a-ha balancear primeiro, porque está *no ar suspensa*, e baquear depois, acompanhando a queda d'um estampido mais forte que o do trovão, que ferindo os ares vai seu rolar estrondoso propagando ao longe. Respondei, sabios pagãos, que queimais incenso ante as *aras-sagradas* d'esse Pantheon olympico-terrestre! Sabios, que negando a existencia da Sabedoria Inercada, não vêdes que negaes a vossa, pois sem aquella o que serieis? Pó, o nada mais.

Vaidosos! que, pretendendo elevar-vos, vos niveiaes ao nada! Que não usando do que Deos negou ás feras, e que a vós tão profusamente concedeu, vos tornaes dignos de reprovação universal, tentando talvez, quaes outros Titans, escalar o Céu para de lá derrubar aquelle que, mallogrando todos os vossos planos pueris, vos impede de os pôr em practica.

Abandonae vossos projectos, que, sacrilegos como são, os vereis, beni a vosso pesar, serem frustrados.

São mais poderosos os recursos dos que vos atacam. Embora apparentemente mais fracos não recêam medir as suas armas com ns vossas, em quanto sobre elles tremular a bandeira, que tem gravada a palavra, que elles gravada tem no coração — Deos. —

As vossas armas só saciam quando tem derramando sangue, porque sanguinaria é a causa, que seguis. A unica arma de vossos adversarios é a sciencia, tendo a Deos por base. É a verdade.

Sabios do seculo XIX! Alistados todos sob o mesmo estandarte, ousados marchai ao encontro do infernal dragão que, tentando devorar a humanidade inteira, quer primeiro arruinal-a destruindo-lhe o que ella tem de mais sagrado! É desigual o combate, bem o sabeis; as armas porein que manejaes feril-o-hão mortalmente, o cantando então hymnos de victoria o vereis estorcendo-se nas agonias da morte soltar enraivecida o rúgido *derradeiro*.

Tenho quasi concluido o trabalho, que comeei; tenbo-mo occupado dos effeitos e fins politicos e religiosos da Revolução, sem ter ainda dado uma definição d'ella.

Fal-o-hei agora. Revolução, em geral, é a revolta erigida em principio e em direito; é a apologia, o orgulho, a consagração legal do principio da revolta.

Foi esta idéa de Revolução que me propuz combater. É a Revolução, que teve principio na revolta do espirito das trevas contra Deos; é a Revolução, que pela bocca infernal da suprema venda revolucionaria ousou dizer: « *É a mocidade que é necessario seduzir, é a ella que devemos arrastar para debaixo das nossas bandeiras sem que ella o pense.* » É a Revolução, que diz que para destruir a auctoridade legitimamente constituida, que para proscrover o catholicismo todos os meios são bons, ou se empregue a violencia e a astucia, ou o fogo o o ferro, ou o veneno é o punhal, porque o fim sanetifica os meios, é a esta Revolução que eu detesto, é contra esta que empreguei termos em mim improprios tal

vez, mas que eram dietadas por uma consciencia ainda não manchada por idéas partidarias.

As idéas que expuz são as minhas; penas habilissimas se têm já occupado d'esta materia, e provado até á evidencia o que eu tão mesquinhamente defendi, rastejando por um campo ainda para mim deserto e inhospito, encontrando aqui espinhos, alli descobrindo venenosas aspides, que levantavam irado o collo, tentando morder-me. A isto accrescia a falta d'armas intellectuales, que com quanto não encontrasse, ainda assim tentei tomar essa fortaleza, que se me apresentava diante. Se venci, não é minha a gloria, mas da causa que defendi. Se perdi, foi não porque fraca fosse aquella causa, mas porque fraco era o defensor; assim, apenas houve um soldado do menos nas fileiras em que eu militava.

É a primeira vez que appareço na arena da imprensa, e bem de proposito escolhi este artigo. Bem sei que as idéas que expuz não agradarão a muitos; a estes direi como o fundador do catholicismo—«Pater, «dimitte illis, non enim sciunt quod faciunt.» Se me arguirem por defender este campo, que talvez chamem, mas que importa? jesuitico, que o não é, será isso um motivo mais para que mais acrysoladamente continue na sua defesa.

UM AÇORIANO.

SE EU PODESSE...

Se eu podesse sósinho viver
lá no meio das lindas campinas;
ver as rosas mui frageis erescer,
ver as meigas tão puras boninas:

Se podesse num monte escarpado
ver as vagas no seu batalhar;
ou na praia, entre a areia sentado
ver as conchas co'o vento brincar.

Ver o céu cravejado d'estrellas,
ver a pallida luz do luar;
ver as aves tão ternas, tão bellas,
nutrição para os filhos levar.

Se eu podesse ver isto sósinho
sem do mundo os espinhos colher,
morreria de todo p'ra a terra
para em eden tão lindo viver.

F. A. MARTINS DE CARVALHO

VISÃO DA TARDE

Ao meu amigo Urbano Castanheira de Paiva

Urbano—Visto ser producto
d'um cavaco esta minha poesia,
vou offerecer-t'a.

Terá erros; galas, porem, não
as tem; mas recebe-a como a
primeira producção de minha
imaginação.

Plaignez son innocence!..

Em formosa e fresca ramagem
Das aves o canto só ouvia,
Quando a suave e branda aragem
Em mil pensamentos m'infundia.

Levantando a cabeça divisei
Um vulto trajando manto branco
Não posso descrever o que pensei
Pois que em fraqueza sou mui franco.

Apenas de meus labios sahín
A pergunta mais simples, singela:
—Quem do chêro dos anjos te banniu,
Pois que suspiras, ó rosa bella?...

Fofa rosinha em botão fechada,
Dize-me quem t'ousou desabrochar?
Quem, vendo-te d'olor perfumada,
Teu brilho e fulgores foi manchar?..

II

Ai!.. vi-me em jardim de flores!
Entretido em canções amenas,
De passarinhos meus cantores
Ao cahir de noites serenas.

Eu vivia bem contente;
Porque o susurrar d'as aguas
Cahindo em lago scintillante
Me occultava tristes magoas.

Veiu um dia mui bello
Em que a natureza floriu
Minh'alma em doce anhelos
Toda d'amor puro se vestiu.

Ail agora desgraçada
Vivo aqui nesta floresta,
Em continuo pranto banhada
E só a virgem mãe me resta...

Em breve o ar se nevoou,
As rosas d'amor se murcharam,
A vida alegre terminou,
Cantos, lyra se calharam.
Seminario de Coimbra, 21 de outubro 1866.
LEOPOLDO TEIXEIRA ALVES MARTINS

O PASSADO NO PRESENTE

Ao meu amigo A. Fernandes da Silva

É bem triste neste mundo
Melancólico penar,
Sempre de trevas coberto,
Sempre dor a respirar:
É a sina do destino
Que sobre mim vem pairar.

Desditoso na saudade,
Que sou, amigo, bem sei,
Martyr da dor e de abrolhos,
Que da orphandade acceitei;
Pois sou o alvo das turmas
Sem piedade e sem lei!...

Dos bellos dias passados
Só me resta uma lembrança;
Era só nelles que eu via
Da minha vida a bonança!
Depois nelles se finaram
Toda a fé, toda a esperança.

A mulher que tanto amara
Hoje de mim se esqueceu,
Olvidou suas promessas,
Promessas que eram do céu!
Agora sentirei sempre
Da sorte audaz o escarcé!...

Dessa patria idolatrada,
Se tudo p'ra mim morreu;
Dos amigos té o nome
So d'ba muito feneceu,
Prasa a Deos que um astro novo
Refrigere o peito meu!...
Coimbra, 17 de junho de 1864.
J. MARIA P. DE MAGALHÃES

ADEOS

Sinto rasgar-se-me o peito
Ao partir dos braços teus!
E. COELHO.

Adeos, anjo idolatrado,
ndeos, mulher que hei amado
neste mundo a vez primeira;
de quem jurei ser amante
mui fiel e mui constante,
té á hora derradeira!

Vou partir...deixar-te aqui...
a outra terra vou sem ti...
oh! cruel separação!
Que martyrio quo vai ser
d'ora avante o meu viver,
anjo do meu coração.

Sósinho... noutra eidade,
sem pessoas de amizade,
vou carpir... chorar de dor;
chorar por ti, anjo querido,
por quem só tenho vivido
a quem só cansagro amor!

Não mais verei teus cabellos,
nem teus olhares tão bellos,
e teus labios de carmim;
tuas mãosinhas nevadas,
tuas faces tão rosadas,
e teu collo de marfim:

Mas embora... teu retrato,
tral-o-hei com mui recato,
bem juncto ao peito meu;
e beijando-o com delirio,
adogarei o martyrio
que me causa — o não ver-te eu!

Adeos, anjo idolatrado,
adeos, mulher que hei amado,
neste mundo a vez primeira;
de quem jurei ser amante
mui fiel e mui constante,
té á hora derradeira!

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

REVISTA

O carnaval terminou como havia principiado, insipido e sem saborão. A maior parte da academia, presagiando o que tinha de succeder, e em presença d'esse grande motor da civilisação e do progresso, o wagoa a vapor, que, encurtando as maiores distancias, nos transporta rapidamente ao ponto almejado, emigrou com o fim de se distrahir das fadigas do espirito, para as cidades de Lisboa e Porto, deixando-nos a morrer de *spleen* nesta nossa Coimbra que, embora linda e pittoresca como poucas, é comtudo a menos divertida. O carnaval, pois, que em Veneza e nos paizes meridionaes é tão festejado; este extraordinario costume que so devo considerar uma imitação ou resto das remotas festas populares dos antigos, como eram as *bacchanaes*, as *lupercaes*, as *saturnaes*, a festa dos loucos, a do *burro*, etc., limitou-se a alguns *bals masqués*, onde com espirito mascara algum apparecia, o a duas duziãs de perfeitos *lourrenços*, divagando pelas ruas e incommodando os transeuntes com a sua fastidiosa conversação; ou molhando, empoando e fazendo outras peças a que o vulgo chama jocosas, mas que eu appellidarei de irrisorias.

Porem finalmente terminou, e eu rendo graças ao Altissimo, por nos desamparar o carnaval este anno sem factos lamentaveis de que dar conta e que fossem amplificar os annaes da nossa policia.

Hontem foi dia de quarta feira de cinza appellidada antigamente *caput jejuni*, ou começo de jejum. Os primeiros christãos faziam neste dia as suas penitencias publicas, trazendo em signal de afflicção a cabeça coberta de cinzas. Hoje já não ha semelhantes penitencias mas costumam os fieis concor-

rer á egreja, e alli o parochio lhes faz uma cruz na testa com cinza, repetindo este versiculo da Biblia:

Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

Lembra-te, ó homem, que és pó, e em pó te has de tornar.

Num dos ultimos numeros do bem elaborado jornal do Porto o *Diario Mercantil*, vem uma correspondencia de Coimbra, firmada pelo sr. S. C., que por nome não perca, que diz respeito a este jornal, e a que vou responder. No meio de dois ou tres eventos d'esta terra, o tal nosso amigo arroja d'improviso ás *bochechas* de seus leitores com a noticia do passamento immediato do *Album Litterario*, acrescentando, que nem podia deixar de acontecer assim em razão do redactor principal do *Album* ter num dos ultimos numeros tecido um elogio a um dos seus lentes...

Em primeiro logar agradeço a perspicacia do amigo e a presteza com que deu publicidade a tal acontecimento, pois se não fosse assim não saberia eu que a existencia do *Album* corria tanto risco.

E em quanto á segunda parte da sua noticia, declaro-me desde já a seu favor; e como preconisar uma pessoa qualquer não é crime que deva ficar impune—aplique-se a pena de morte ao redactor, e já que ella não se põe em practica no nosso Portugal, embora! lá está O'Donnell, e por consequencia Madrid com elle...

Ora o sr. S. C. tem muita graça, mas eu exoro-o de que para a outra vez não impinja *canards* de tal natureza aos seus leitores, que, se o sabem, facilmente acreditarão aquelle popular rifão — Cesteiro que faz um cento... — não queira tão mal ao nosso pobre batel, que apenas começa a sulcar as mansas aguas, e já o amigo lhe agoura d'essa maneira um tão horrivel naufragio.

Termino rogando ao sr. S. C. que, se já tiver algum panegyrico funebre relativo á morte anticipada do nosso jornal, o queira iutilisar, pois nunca o *Album Litterario* teve tantas esperanças d'uma vida prospera e duradoura, como presentemente.

Não querendo causar aborrecimento ás minhas espirituosas leitoras, ponho ponto n'esta revista, que já vai alguma cousa extensa. F. A. MARTINS DE CARVALHO.

Está gravemente enfermo, resultado de uma queda que em sua casa deu, o ex.^{mo} conselheiro vice-reitor da Universidade. Sentimos os incommodos de s. ex.^a, e fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

Está também gravemente doente o ex.^{mo} Bispo desta cidade, a quem os medicos aconselharam para beneficio da sua saude, recolher-se por algum tempo á sua terra natal.

Para que nossos leitores melhor possam ajuizar a *delicadeza do illustrado* correspondente S. C. do *Diario Mercantil*, nesta cidade, transcrevemos para aqui o periodo da sua correspondencia, em que se dirige a nós. É o seguinte:

«O *Album Litterario*, jornal d'aqui, está a morrer; assim devia acontecer desde o momento em que seu redactor principal não teve mais que elogiar aos lentes da faculdade em que anda.»

Basta lêr-se e saber-se quo é do sr. S. Couto.

Regressaram as comissões, que desta cidade foram a Lisboa representar ao governo a necessidade de se construir o ramal do caminho de ferro, que ligue a estação do Padrão com esta cidade.

Vieram penhoradas da infabilidade com que foram acolhidas por todos os ministros.

Os srs. Cesario e José de Moraes empenharam-se quanto puderam pelo bom exito destas representações.

Num dos nossos passados numeros fallámos do *Guia do Viandante em Coimbra*, obra que ha muito se espera que saia dos prelos d'esta cidade, devida á penna mimosa do nosso amigo e patricio o sr. Augusto Mendes Simões de Carvalho, lamentando por

essa occasião que este nosso amigo tivesse esmorecido na concepção de tão util obra.

Hoje porém temos a satisfação de dizer que o sr. Simões de Castro não desanima neste seu trabalho, antes continúa nelle com assiduidade, procurando findar em breve seus esforços.

Regosijamos-nos com esta noticia, que pessoa de credito nos confiou, e oxalá a vejamos em breve realisada.

O PANOPAMA

Semanario de litteratura e instrucção

Publicou-se o 7.^o numero. Contem: — A bananeira (gravura) — A gravura em madeira em Portugal, por Nogueira da Silva — Epistola dedicatoria de Gil-Vicento a D. João III — O lapidario e o diamante, fabula de José Maria da Costa e Silva — Hogarth (gravura), biographia por Pinheiro Chagas — A Galatea Moderna, por Osorio de Vasconcellos — Joaquim José Domingues — Beatriz, poesia por E. A. Vidal — o Espelho Magico, poesia por Candido de Figueiredo.

Em Lisboa — Subscreve-se no Escriptorio, Typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro velho n.^o 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscriptada — á Empreza do Panorama.

Assignatura

Por anno 1\$300 — estampilhado 1\$560
Semestre 650 — " 780
Trimestre 340 — " 400

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero no acto da entrega ou avulso 30 réis.

No Porto — Assigna-se o vende-se em casa da Viuva Moré.

Correspondencia tanto da redacção como de administração ao director M. F. Margallo, rua Larga, n.^o 2.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.^o 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$300
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	300

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À MODICIDADE DE AMBOS OS SEXOS



N.º 6

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez



Vol. 1

1866 — Fevereiro — 25

O CASAMENTO CIVIL E SEUS DEFENSORES

(Continuado do n.º antecedente)

É hoje um costume de que ninguém se admira. A sombra d'um falso progresso, cujo brilho cega os olhos dos philosophos de nossos dias, ensinam-se e propagam-se doutrinas que melhor caberiam entre as celebres instituições dos antigos pagãos, embrenhados na superstição ridícula d'um culto grosseiro, que entre homens d'uma razão alumada pela luz do Evangelho, e d'uma intelligencia robustecida pelo sol benéfico d'uma religião divina.

Acobertadas no manto d'um fingido progresso se procura entranhar na sociedade doutrinas as mais erroneas, idéas as mais absurdas, que dão um triste indicio da civilização do nosso seculo.

São porem filhas do progresso, é mister que se sustentem e que se vinguem dos ataques de seus adversarios. Não se olha se ellas vêm perturbar a ordem social, se vêm deturpar a gloria do nosso seculo, se repugnam aos mais firmes principios da razão, ou vão de encontro aos mais nobres sentimentos da humanidade; attende-se apenas ao principio d'onde dimanam, nada mais. Logo que se diga uma conquista liberal, merece os encomios de nossos progressistas, embora seja retrograda e ridicula.

Sustentam suas doutrinas com tanto empenho, defendem-nas com tanta dedicação,

que em cada adversario que se levanta contra ellas, parece-lhes ver um *inquisidor* que ameaça a humanidade de hoje de atear em seu seio as fogueiras em que nos seculos passados se queimaram os apostatas das verdadeiras crenças. Em cada voz que se levanta a protestar contra essas suas idéas, clamando bem alto que ellas, apparentemente progressistas e bellas na forma, são altamente retrogradadas e perniciosas na essencia, lá surgem os apóstolos d'esse fementido progresso, que só tende a perverter a sociedade, apodando seus adversarios traiçoeiramente de inimigos encarniçados do verdadeiro progresso da humanidade.

É o que acontece com o casamento civil.

Conquista da liberdade não pode combater-se sem que seus inimigos renunciem os foros de progressistas, e como taes de verdadeiros liberaes! O progresso, a civilização, o amor social só se encontram ao lado dos defensores da *luminosa invenção* do casamento civil. Nós porém, prestando homenagem ao progresso social, amando a civilização e querendo do coração o bem estar da sociedade, combatemos essa doutrina, que, sendo a toda a prova immoral e impia, apezar dos disfarces e artimanhas de seus propugnadores, é além d'isso inimiga do bem social.

Combatemos o casamento civil, não porque é filho do progresso, não porque é inovação do espirito do homem, incansavel em suas descobertas, mas porque não podemos pensar d'esse modo, sendo filhos d'este seculo em que vivemos e a que pertencemos.

ceмос, abraçando suas idéas e amando a civilisação; combatemol-o, porque é anti-religioso, e o que está em opposição com os principios da nossa religião não pode ser progressista, nem merece as honras de civilisador; combatemol-o porque é anti-social, estabelecendo a mais completa anarchia em todas as camadas sociais, e só reconhecemos e accetamos como progressista aquillo que promove o engrandecimento social, e leva o homem á sua maior perfeição.

Não queremos o casamento civil, porque vai de encontro ás mais nobres aspirações da humanidade; mas nem por isso somos pregoeiros de idéas velhas, porque nos curvamos ante o progresso indefinido das cousas humanas. Não queremos o casamento civil, não porque seus defensores o julguem uma idéa luminosa do espirito humano, que busca por suas constantes lucubrações adquirir o maximo gráu do desenvolvimento, e aspira á sua maior perfeição.

Se nelle encontrassemos os caracteristicos de verdadeiro progresso, se com razão lhe podessemos applicar o titulo pomposo d'uma idéa civilisadora, se elle fosse um passo mais que o espirito humano desse na carreira da sua perfeição, seríamos os primeiros a prestar-lhe homenagem; nenhuma duvida poríamos em abraçar a doutrina que combatemos. Mas numa doutrina que só se recommenda pela sua novidade, e pelo espirito anti-religioso de seus auctores, como se deprehende de seus escriptos, que nos dá apenas a esperanza de estabelecer em todas as camadas da sociedade a mais completa e ruinosa anarchia, e nos offerce para o futuro um chaos perfeito de immoralidade, não podemos divisar indicio algum de progresso.

Não se cansem por isso nossos adversarios em teer encomios á sua doutrina, o em cobrir seus vicios com o manto do progresso, que quem tiver uma razão illustrada facilmente verá para onde se dirigem os seus passos, e preverá o futuro funesto que nos preparam.

Continua

M. F. MARGALHO.

AOS ANNOS

DA EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. AMELIA JANNEY

25 DE FEVEREIRO

Amelia, cantar quizera
o dia dos annos teus,
quizera mostrar que és meiga
estrella pura dos céos!

Comparar as tuas faces
de rosa a niveo botão;
e mostrar toda a meiguice
do teu doce coração.

Imanar as tuas fallas
das aves ao seu trinar,
confrontar o teu sorriso
com a brisa a murmurar.

Comparar-te ás lindas flores
da viridante campina;
á perpetua mui singela,
aos encantos da bonina.

Porem a lyra é tão fragil,
tão debil o seu cantar,
que se partem suas cordas
sem uma nota vibrar.

Se pudesse eu cantaria
o dia dos annos teus;
diria que és virgem casta,
lucida estrella dos céos!!

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

A PROPOSITO DO FAUSTO

Continuado da pag. 28

V. A arte, individualisação da idéa, ou noção abstracta no objecto pela faculdade imaginativa¹ tem a seu cargo a união plastica do subjectivo e objectivo na imagem.

¹ Arhens, pag. 129.

O sentimento brotará d'esta união, como a espuma resalta do encontro das aguas. Nesta dualista abstracção concretisada na forma, a allegoria muitas vezes se eleva á unidade mystica, á belleza typica. Assim Goethe cria a belleza grega em Helena, personifica o amor em Margarida. Algumas vezes a interptração allegorica é um véo, que mais encobre um defeito, do que uma belleza, quando a imagem não retrata plenamente o sentimento do artista. Foi por isso que alguns criticos censuraram o prefacio do Tasso, em que elle generalisa os typos da sua *Jerusalem*, torcendo a exegesis. Por differente caminho seguiu Dante. A allegoria não necessita do commentario para se descobrir. Retrata-se por si; e feio deve ser o rosto, que se esconde, para que o não vejam: que accessita que os outros lhe levantem o véo.

Quiz tambem eu individualisar em *Maria* a idéa vaga e indeterminada do proximo futuro da mulher, sem descurar a sua precedencia.

É incontestavel a influencia magnetica do seu poder em todas as creações litterarias e artisticas. Em todos os Evangelhos sociaes ella occupa a melhor pagina. Nas antiguidades homericas a mulher é a arbitra dos povos. Disputam entre si o dominio do mundo. Juno e Venos são dignas rivaes na hierarchia olympica. Na familia, Aretea é uma providencia domestica. A fidelidade de Penelope é um dos melhores quadros da infancia heroica. A paixão luxuriante da rainha de Carthago é contraria aos fados. A mulher é como um oraculo, é chamada Sibylla. É ella que faz quebrar com um sorriso todos os furores do guerreiro, e rende com uma lagrima as forças de Achilles. «Como tu és linda, chorando» diz Marcial. Plutarcho no capitulo do *Amor* immortalisa a dedicacão e amor conjugal de Epopina, sujeitando-se a viver muitos annos em um subterraneo por fazer

companhia a seu marido. O adulterio é um crime, que se lava com sangue juncto dos muros de Troia.

Nos povos onde a mulher é rainha os heroens são semi-deoses. Os artistas gregos foram copiar as bellezas das suas mulheres para representarem no marmore ou na tela a belleza das deosas do Olympo. Mais tarde a belleza moral alcança um triumpho sobre a plastica.

A mulher christã regenera o mundo: attinge á perfeição que eleva para Deos. Maria é o seu ideal. Tem sua grandeza no coração. Arrasta aos altares os mais rebeldes a Christo,² e salva a idade-media.³ A mulher christã inspira Dante, Petrarcha e Tasso. O sadi da Persia seria muito superior ao amante de Laura, se no Oriente houvesse a delicadeza, que o genio raras vezes cria, mas a convivencia das mulheres ensina. Poucos poetas têm imitado a doçura de Herminia.

Não obstante a mulher é desconsiderada. Proudhon define-a deshonrosamente. *La femme*, diz elle, *ne peut être que menagère, ou courtisane*. «A revolução franceza fez a mulher a mais rica do mundo. Dando-lhe fortuna, sem lhe dar educação, fazendo-a rica sem a fazer esclarecida, sem a pôr ao nivel das luzes do tempo; a lei lhe poz na mão armas para destruir a lei.» Rousseau foi injusto deprimindo as mulheres,⁴ e todavia têm sido ellas o braço direito do homem, a fonte que o desaltera da sede. É o lenço da mulher que apanha as lagrimas do marido. São os dedos d'ella que lhe fazem em coroa de rosas a coroa de espinhos.

Só o riso da mulher adoça o travor da vida. Uma lagrima sua divinisa-a e dulcifica-nos. «Como tu és linda chorando!»

Um elemento falta á mulher, é a instruc-

² Martyres de Chateaubriand.

³ Michelet-Sorcière.

⁴ Lesguillon-Les femmes dans cent ans.

ção. Os espartilhos da cintura, os cosmeticos das faces, o voluptuoso do seio, o desalinho adoravel da cabelleira podem fazer d'ella uma Nioon de Lençolos, ou uma estatua grega, mas nunca a heroína de Alexandria, a desgraçada Hypathia. A mulher será uma flor num vaso, hão de parar na rua os olhos que a virem á sua janella, hão de ladeal-a os Lovelaces, como raios que circumdam uma estrella: ninguem se descobrirá de respeito, se o seu espirito estiver em relação inversa á sua belleza exterior. Quando a mulher representar o papel, que por certo lhe hão de distribuir as edades venturas; quando ella se for sentar conjunctamente com o homem á mesma restea de sol, vereis cada recinto domestico convertido em eschola, o estado numa academia. Roma admirou Voluminas, a idade-media Marozias, e por que não hão de os seculos por vir admirar Joannas de Napoles?

Creio que os monopolistas do saber humano hão de abrir um dia os seus mysterio eleasinos a este bando infantil de mulheres, e elles hão de morrer contentes, quando, novos Simões, tiverem abraçado tantas mulheres redemptoras d'um mundo que lhes cospia. Se o systema de reforma popular de Rosely de Lorgues, exposto no seu livro das Communas, se vulgarisar, como muito bem merece, muitas almas vingarão para Deus e para a familia humana.

Não sei se este dia vem longe; mas creio que *Maria, a stella matutina*, que presenti num arrobamento augusto da minha alma, surgirá das suas faxas, como um anjo d'entre nuvens. Entoará uma boa nova, que ha de ser a escriptura da emancipação da sua raça!

Sobre os tumulos das *Genoveras*, as mulheres do passado, ha de assentar-se um anjo, e na sua aureola de luz as gerações pasmadas hão de soletrar reverentes o grande letreiro — *a mulher forte!*

Ao longe, nos Estados Unidos, o Archânjo

fôcon a rebate. A mulher encostada á sua roca dormia sobre a lousa; fitou o sol a chorar, correu louca e foi accordar na academia.

Quando sahia, brincava-lhe a poesia nos olhos, o fogo da sciencia illumina-lhe o rosto, na fronte ennastrava-se-lhe uma grinalda. Era rainha; porque era sábia.

Que todas olhem para lá.

Se as mulheres da idade-media se distinguem pelo seu character passivo, se não tomam parte nas grandes revoluções philosophicas, se não questionam sobre Aristoteles, se andam, como os forasteiros, vizitando as bibliothecas sem descerrarem um livro, é que as circumstancias lhes eram adversas. Em tempos de guerra cavam-se vallas, não se levantam altares. Os louros vêm depois.

O meu *Lyrio da manhã* é como que a primeira toada do hymno do resgate. É a primeira estrella, que apparece no céu depois da tempestade. Maria é linda, como a restea de sol de inverno. Olhar para ella é como que deixar-se a gente adormecer num sonho muito doce e accordar no céu. Sol que agrada, mas não queima. Presa pelo saogue a uma procedencia indigna d'ella, a filha de *Genovera* estende os braços para o sol e pede para si um raio de luz. Que os horisontes se lhe acclarem, e o céu lhe seja limpo de nuvens.

Conceda-se-lhe a egualdade de raça, tão apregoada por Condorcet. O lyrio necessita do orvalho do céu e da seiva da terra.

1864

J. Simões Dias.

PODER D'AMOR

A * * *

Era tarde, já sol posto;
A mão encostado o rosto,
Os olhos fitos no chão,
Sciismava eu na magia

Que um coração podo ter,
Quando a mão do deos Morpheu,
Minhas palpebras cerrando,
No sonhar d'um sonno brando
Esta visão me fez ter:
Vi a minha alma perdida
Em vasto abysmo de dor,
Minha vida, consumida
Por chamma immensa d'amor,
E, por fim a minha'strella,
A 'strella do meu porvir
Do firmamento a cahir!
E eu a buscar sustel-a,
A qu'rer correr após ella,
E sem a poder seguir!

.....
Foi-se a medonha visão!
Accordei! impressionado,
E com o peito angustiado,
Os olhos volvi ao céo:
Lá vi a 'strella a brilhar;
Nem já tinha o denso véo
Que m'a soia velar.
E essa luz fulgurante
Com que m'apparceu então
Vi que era magico effeito
Do amor do teu coração.

E. A. F. DA C.

A MUSICA E A EDUCACÃO DO POVO

(Continuado do n.º 5).

As breves considerações que acabamos de expor por si bastam para nos levarem á convicção da existencia do *facto natural da musica* na ordem evolutiva do ser humano.

Para já agora seguirmos a ordem das idéas, debaixo do seu ponto de vista chronologico, vejamos muito brevemente ainda como a arte succedeu ao *facto*.

V

Era natural, que depois do apparecimento dos primeiros impulsos do sentimento na sua força expansiva, a intelligencia em virtude da sua lei progressiva se esforçasse por descobrir e ensaiar algumas regras ru-

dimentares, em ordem a constituirem um systema methodico, mais ou menos regular.

No ser, cujo character é a *racionalidade autonómica*, é consequencia necessaria, que os elementos constitutivos se vão desprendendo successivamente da sua forma instinctiva, para revestirem o character racional.

Relativamente á musica esta lei não soffreu excepção. Isto, que a philosophia demonstra, confirma-o a historia.

O que descobriu, e applicou as primeiras regras da arte musical, devia ser escutado pelos povos com respeito, e admirado com enthusiasmo.

Julgal-o-hiam dotado d'uma virtude sobrenatural, visto que a Divindade parecia descobrir-lho o mais intimo de suas almas, pois que elle movia a seu grado as paixões, que alli jaziam adormecidas.

Não tardou que os primeiros cultores d'essa arte divina fossem com preferencia chainados para celebrarem os felizes contentamentos, cantando os dons das divindades bemfazejas, ou as proesas d'um povo heróe.

Estes primeiros cantores foram ao mesmo tempo os primeiros sacerdotes, porque o character divino, que revestem quasi todas as instituições sociaes, no seu principio affectou a arte musical no seu rudimentar desenvolvimento.

É na Grecia, que a musica toma um desenvolvimento mais regular e intenso. A tendencia especial d'este povo para a cultura das bellas artes, justifica aos olhos do observador a significação d'esses combates da musica, poesia, e arte dramatica, que elevando por um lado a arte ao incremento compativel com as circumstancias da epocha, dispunha pelo outro os sentimentos d'um povo, que devia tornar-se illustre pelas mais heroicas virtudes, em que o enthusiasmo não cedia á pureza do sentimento.

Dentro em pouco appareceram os recursos do genio, e os sublimes vôos da imaginação do artista.

Os proprios philosophos, para se recrearem no meio dos seus fastidiosos e serios estudos entoam ao som da lyra hymnos aos deoses, ao amor e á sabedoria.

A Grecia constitue-se um vasto concerto.

Roma, que, vencendo a sua rival pelas armas, tinha sido vencida pela sciencia, não a aceita no gremio das suas instituições a arte musical. Assim era de erer, porque a antiga rainha do mundo, conservou sempre, no meio da civilização da republica, como na mais espantosa corrupção do imperio os vestigios da antiga rusticidade alimentada pelos seus gostos guerreiros, e caracter verdadeiramente positivo e material.

Foi necessario que o christianismo, sentando-se victorioso no throno ao lado de Constantino, amaciasse um pouco a rudeza d'um povo, em que o sentimento parecia adormecido, ou refugiado todo na alma de meia duzia de heroes.

Os primeiros adeptos da doutrina do Salvador commum, parece terem feito uso do canto no culto, que celebravam nas suas piedosas assembléas.

Apesar d'isso a antiga musica dos templos, e as instituições musicas do paganismo, tinham sempre subsistido.

Não tardou, porem, que o christianismo, longo tempo perseguido, se tornasse perseguidor. Os tempos das divindades fecham-se, ou recebem um outro destino, e os hymnos antigos são mutilados ou esquecidos.

A musica theatral é abolida; e a austeridade da religião christã levou seus excessos até aos cantos populares, proscrivendo como inconvenientes as canções de amor, graças depois de comer, e outras. A dança foi condemnada, e com ella as arias, que lhe dirigiam os movimentos. D'este modo a arte musical retrograda, e quasi que morre.

Começam porem a abrir-se os mosteiros, e vêem-se então nestes retiros homens de piedade e virtude celebrarem a gloria do Senhor dos mundos em cantos eminentemente expressivos.

É a elles que devemos essas melodias, tão ingenuas na expressão, e d'um pathetico verdadeiramente inimitavel.

A candura da alma, a unção religiosa, a crença, a confiança, e a supplica, eis as feições caracteristicas d'esses transportes da alma, que se embalava no doce extasi da adoração.

Foi a estas fontes puras, aonde a arte quasi que se encobre por entre a naturalidade, que os papas Gregorio Magno e S. João Damasceno, ordenaram, que se fosse buscar uma collecção de cantos, que devia ser usada no culto de toda a egreja.

É d'este modo que a arte musical, chegando ao periodo d'uma nova infancia, se reveste outra vez da nova forma religiosa, que operava na humanidade uma completa reforma.

A musica toma agora, como as mais instituições sociaes, uma direcção mais regular. O espirito da nova civilização arrasta consigo as instituições que o devem manifestar para um caminho mais harmonico.

A. C. A. M. CALISTO.

REVISTA

Oh! minhas senhoras; v. ex.^{as} não fazem uma pequena idéa das atrapalhações em que um revisteiro se encontra, quando ao lançar mão da penna, com o intuito de escrever a sua revista, obrigação a que se impoz, observa que não tem nada que dizer....

É é bem verdade, que nada ha!

Visita um homem tudo o que ha de notavel na cidade, e no fim de um dilatado e infructifero passeio volta a casa fatigado, e sabendo tantos eventos e successos como quando havia sahido.

Em Lisboa, Porto e outras terras de grande movimento, não succede assim. O folhetinista tem sempre para que appellar; ha invariavelmente noticias diversas, factos importantes, que elle tracta de angariar para velozmente dar á luz da publicidade, satisfazendo assim a justa curiosidade dos leitores.

E se por ventura acontece haver carencia de noticias, e elle receia a não publicação da sua revista, lá tem ainda os theatros ou modas, portos estaveis, onde o revisteiro, qual outro nauta em risco de sossobrar, encontra subitaneo a salvação.

Em Coimbra, nem modas, nem theatros.

De tempos em tempos lá se abrem aos amadores da scena as portas do D. Luiz, mas desgraçadamente sempre succede haver pouca gente nos camarotes, e ninguem na plateia !.

Que os actores se esforcem por agradar, pessoa alguma o duvida; mas que a sala está constantemente deserta, ninguem pode contestal-o. Lá o motivo não sei eu.

Mas proseguindo, amaveis leitoras; — é esta minha Coimbra, ainda que gentil e pittoresca como ponceas, tão despecuniada de novidades, que o revisteiro não tem absolutamente nada que referir, entretanto que nas outras terras vêm sempre os folhetins repletos de noticias diversificadas.

É que não temos cá o general Prim, como em Lisboa; a estatua de D. Pedro e a exposição, como no Porto, e mil outras cousas, fontes perenes e inexauriveis, para todos os folhetinistas.

Apezar de tudo, não abandonamos o proposito de desempenhar a nossa tarefa, levando ao fim esta revista; o que vamos proseguir.

Illucidar os leitores — e as leitoras, bem entendido, ácerca dos mais palpitantes acontecimentos e factos succedidos de ha pouco, ou propinquos a ter lugar, é dever obrigatorio do revisteiro.

Conformando-me e seguindo esta tão vetusta praxe, notifico-lhes a proxima indicação d'um drama intitulado — *Espinhos da vida* — da mimosa penna do nosso sympathico amigo, o sr. Bernardo Doutel.

O nome do auctor é o maior elogio que podemos fazer á sua produção; abster-nos-hemos pois do quaesquer commentarios ou panegyricos, indispensaveis para muitos escriptores, mas completamente superfluos para o sr. Doutel.

E pedimos-lhe com instancia, visto ter ainda alguma duvida em dar á estampa o seu livro, que não queira privar o publico de apreciar o seu lindo drama — perola esplendente que lhe ha de engrinaldar a fronte de auctor.

Hontem bouve concerto no theatro Academico, dado por Mr. Manuel Filibert, artista italiano. Quarta feira sobe á scena em

D. Luiz o drama — *Rainha Sancta Isabel*. Consta-nos que a direcção tem empenhado todos os seus esforços, não se poupano a despesas para o bom exito d'aquella peça, que com ancia é esperado pelo povo conimbricense.

Podia-lhes ainda contar muita cousa, mas lucrava eu d'este modo apresentar-lhes novidades, coisas que não sabiam já? Alcançaria eu com isso a benevolencia dos meus leitores, fazendo-lhes esquecer a semsaboria da revista?

Acabando com este aranzel, perguntar-me-hão de certo: E a revista da semana? Que factos notaveis se deram nella?

O mais notavel de todos é que os leitores ficaram sem revista.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

O General Prim foi intinuado pelo governo portuguez para sahir de Portugal, em consequencia do manifesto, que fez publicar nalguns jornaes hispanhoes, e que foi transcripto pela imprensa portugueza.

Esta intimação do governo occasionou na camara dos deputados renhida discussão, que terminou por uma votação em que o procedimento do ministerio foi approvado por uma maioria de votos. Grande parte da imprensa portugueza tem-se manifestado hostil a este passo do governo, que classificam de *despotico*.

Prim pois tem de sahir de Portugal.

A *Miscellanea Recreativa*, jornal de litteratura, redigido pelos srs. C. Gooldophin e A. Salazar d'Eça Jordão, escriptores de merecimento, suspendeu a sua publicação. Publicava-se em Lisboa.

Recebemos do nosso particular amigo e condiscipulo o sr. Moreira Guimarães, estudante premiado do terceiro anno theologico, uma carta que hoje não podemos publicar, em que nos promette uma serie de importantes artigos.

Agradecemos a offerta, e lisongeamo-nos por honrar nossas paginas com os mimosos escriptos d'este nosso amigo.

Segundo lemos no *Noticiarista* espera-se em Lisboa o general Concha, que vêm para se bater com o general Prim, por causa do que a seu respeito disse este illustre emigrado no seu manifesto.

Será verdade? perguntamos nós.

Na ultima pagina do numero 5 d'esta folha, onde se lê Augusto Mendes Simões de Carvalho, deve ler-se Augusto Mendes Simões de Castro.

Recebemos e muito agradecemos as seguintes obras:

« O sepulchro em Perrho » poemeto traduzido do verso sueco por Costa Gooldophin. Esta obra, publicada no fim do anno passado, foi-nos agora offerecida pelo seu illustre auctor.

« Carta ao eminentissimo senhor M. Pinheiro Chagas » pelo mesmo auctor. No logar competente annunciamos esta obra.

Não ponde levar-se á scena hontem, sabado 24, a Rainha Sancta Isabel. Diz-se que subirá á scena na quarta feira proxima. Espera-se enchento.

O sr. Duque de Loulé vai, segundo affirmam os jornaes, substituir na presidencia da camara dos pares o sr. Conde de Lavradio, que volta para Londres.

Julga-se que entrará brevemente em discussão o projecto do sr. ministro da justiça, ampliando o principio da desamortisação dos bens das confrarias, junctas de parochia e dos estabelecimentos pios. Avante! restam ainda para desamortisar os bens dos cidadãos portuguezes.

Recebemos para publicar uma « Meditação » e uns versinhos do sr. Costa Gooldophin, escriptor de reconhecido merecimento, e já bem conhecido por suas produções. Agradecemos a offerta.

ACROSTICO

Mimosa é no prado a flor
Vio despontar primeiro d'aurora;
Risonho na mente é o amor
Ineitando p'lo Bem que adora.
Vnceia-lhe o seio d'esposa,
Nessa vista que solta fagueira;
Nos labios desponta minosa
Vmagia, qual brisa ligeira.

Coruche, 20 de Fevereiro de 1866.

A. S. C. A.

O PANORAMA

Semanario de litteratura
e instrucção

Publicou-se o 8.º numero, adornado de bellas gravuras, e contendo varios artigos dos srs. Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Eduardo Augusto Vidal e Candido de Figueiredo.

Em Lisboa — Subscreve-se no Escriptorio, Typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho, n.º 6 — Lisboa, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscriptada ao administrador d'esta folha — Miguel Soares Monteiro.

Assignatura

Por anno 1\$300 — Estampilhado 1\$560
Semestre 650 — " 780

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero no acto da entrega ou avulso 30 réis.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Carta ao eminentissimo senhor Manuel Pinheiro Chagas, pelo seu Estapafurdio admirador Costa Goodolphin.

Correspondencia tanto de redacção como de administração ao director M. F. Margalho, rua Larga, n.º 2.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.º 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	300

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À INOCENCIA DE AMBOS OS SEXOS

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Março — 5

O CASAMENTO CIVIL E SEUS DEFENSORES

(Continuado do n.º antecedente)

El não é preciso ser vate para o poder dizer. É a mesma doutrina, é a mesma natureza da materia que tractamos, que o ensinam. Algum conhecimento da historia para nos mostrar a experiencia do passado, e alguma illustração para poder descortinar o futuro, é o sufficiente para nos illucidar na questão ventilada.

Argumenta-se que ha gentios e protestantes casados sem a interferencia da egreja, e que lá o estado, a lei civil, regula todos os effeitos do matrimonio, e o mesmo matrimonio; argumenta-se que nos mais remotos tempos usavam os povos do matrimonio não sacramento; que para elles então, como hoje para os apóstolos do casamento civil, o matrimonio não era mais que a união carnal dos dous sexos, e que nunca se lembraram os sacerdotes das antigas religiões de arrogar a si o direito da celebração de taes actos.

Aos primeiros respondemos, que se aquelles, porque são gentios ou protestantes, turcos ou arabes, idolatras ou atheus, o fazem e podem fazer, não acontece o mesmo com-nosco, porque somos catholicos.

Do gentio ou do protestante ao catholico vae grande differença. Combatemos o casamento civil contido no codigo, entre catholicos, e não entre sectarios d'outras religiões e apóstolos d'outra fé. Combatemol-o como catholicos, porque a face dos principios dogmaticos da nossa fé o não podemos abraçar sem renegarmos nossas crencas.

Regeitamol-o como regeitamos tudo o que não é conforme com a palavra de Deus. Christo disse: *o matrimonio é um sacramento*; é impio o que diz que elle é apenas um contracto. A palavra de Deus affirma que o caracter moral, que toda a virtude do matrimonio consiste em elle ser sanctificado pela graça divina e purificado pelo lume da religião.

É este caracter divino, que o sacramento imprime no matrimonio, sanctificando a união dos dous sexos, purifica a sociedade e é uma fonte limpa de moralidade.

Fora do sacramento o matrimonio é immoral, porque consistindo então apenas na união carnal dos dous sexos, serve só para fomentar a devassidão dos costumes e desregramento das paixões; verdade esta que nem os mais disfarçados sophismas e cavilhosos enredos dos propugnadores do casamento civil nunca se atreveram a destruir.

Que importa ainda que os antigos povos, antes de diffundida pela humanidade a luz do evangelho, recebessem desde os mais primitivos seculos o matrimonio sem ser sacramento, ou sem ser ministrado pelos sacerdotes da religião? Que admira que assim succedesse? Não daria azo a maior admiração, que já então elles o recebessem como sacramento, como dotado da graça divina, que hoje a egreja lhe confere, quando só passados seculos, apenas quando soon a hora feliz da redempção humana, só na lei promulgada por Christo é que lhe foi concedido esse dom divino?

Que importa, repetimos, que nos antigos povos, que nos gentios, que ainda entre o

judeus, como querem os nossos adversarios, se dê o matrimonio sem a interferencia da egreja, que la fosse despidido da graça divina que lho imprime o sacramento? Não vimos tambem entre elles levantarem-se altares á corrupção, premiar-se o vicio e admittir-se o repudio? E quem se lembrará hoje, em pleno seculo dezenove, á face do mundo civilisado, e entre as nações mais cultas, deificar o vicio, erigir altares á devassidão, e premiar a corrupção dos costumes?

Continúa.

M. F. MARGALHO.

PULVIS!

Ao meu amigo Antonio de Padua Ferreira.

Meigos prazeres
Da juventude
São alaúde,
Que d'alma cae:
São vagas notas
D'echo sentido,
No valle ouvido
Ao som d'um ai.

São vãos solços,
Que o nauta solta,
Quando d'envolta
N'ondas do mar
Esconde a fronte,
Em que seu norte
Termina a morte
Com seu penar.

São rosa branca
Que desfallece,
Ou que morresse
Ao sol erestar;
São pios tristes
D'ave agoureira,
Tenue poeira
Solta pelo ar.

São os gemidos
De tenro infante,
De mãe que cante
Sentada ao pé,

E que lh'infiltra
Ao innocente,
Mui docemente,
As leis da Fé.

São luz furtiva
Aos olhos d'alma,
Arida palma
Já sem freseor,
São tão ligeiros
Qual paraizo,
Lá num sorriso
Que diz: — amor. —

São como a ave
Que busca o ninho,
E que o raminho
Encontra só;
Sua firmeza
É a do brejo,
Ou a d'um bejo,
Nuvem de pó.

S'as vezes duram
Algum momento,
São como o vento:
Torna a soprar;
E se desfazem
Qual sonho leve,
Ou como a neve
Ao sol raiar.

A. FERREIRA DE FREITAS.

Villa Real — Setembro 1865.

MEDITAÇÃO

Quando o suor da agonia nos orvalhar a fronte, e o fel extravasar do nosso calix, lembremos a palavra do justo, levantemos o pensamento ás idealidades do céu, e acharemos conforto em meditação de tamanha suavidade.

D. A. A. PLACIDO.

Homem! atomo subtil perdido no oceano das desventuras, que seria do ti se não viesse o balsamo da religião sarar-te um pouco as profundas chagas que os outros homens rasgam no teu seio? Que seria de ti,

debil arbusto, quando o infortunio te vem açoitar a fronte? cairias por terra, como a planta emmurcheada e para sempre, se a esperança, candida filha do céu, não viesse reanimar-te ainda? Que seria de ti neste lutar afanoso em que o seio se te rasga, neste caminhar terrestre, quando vês uma a uma, irem-te cahindo as tuas mais queridas illusões?

Que seria de ti quando esmagado pelo peso do infortunio, os mais por te verem na fronte estampado o sello da desgraça, te vêm cuspir na face com o sarcasmo da indiferença?

Quando tens de sumir no teu seio o orgulho proprio da tua dignidade, e tens de deixar expirar em teus labios o desafogo ás afrontas com que te cobrem, e deixas correr pelas faces magoadas um sorriso, como se em vez de cholera que te veio do coração, e se te derramou nos labios, como veneno, tivesses empunhado uma taça do necar?

Que seria do pobre, quando gelido e faminto, cercado de creancinhas a pedirem-lhe pão, estendendo a mão emmagrecida ao caminhante que passa cheio do orgulho e vaidade, como um ser privilegiado dos revezes e martyrios da existencia, não escuta as supplicas que tão do intimo d'alma lhe acudiram aos labios? Depois no entrar no seu pobre albergue, frio e humido, deserto de tudo, alumiado por uma luz baça, quasi a extinguir-se, e o comparar ao palacio do rico, esclarecido por mil lumes, com ricos salões, onde as harmonias resôam e os perfumes resendem, que seria da sua imaginação, vendo-se humilhado, falto de tudo, subjugado aos caprichos dos outros homens, ecreados de quanto a terra possui para tornar a vida um pouco risonha e cheia de encantos, meditando nesta desharmonia nesta apparente distancia que existe entre o pobre e o rico, nas differenças, finalmente, que a sociedade forma entre irmãos? Abalar-se-hia a fé no seu coração? Extinguir-se-lhe-hia a esperança? Morrer-lhe-iam as crengas de tudo quanto ha de nobre e sublime no espirito do homem?

Talvez, talvez, se não fora a philosophia,

que descendo á mento do homem, como uma luz, lhe abre de par em par o livro do mundo, e lhe faz notar todas as grandezas, vaidades, soberbas e orgulhos, que desaparecem e se evaporam como o fumo á mais ligeira viração.

Talvez, se não fora a philosophia, que, qual figura da verdade, guia o homem ao passado e lhe mostra ruínas sobre montões de ruínas, e, conduzindo-o á beira dos tumulos com o sorriso nos labios, exclama: «eis tornados em cinzas, imperadores, reis e nobres, a cujas vozes milhões de homens obedeciam, inclinando a fronte de respeito; distingui agora as cinzas d'uns e d'outros? Perguntae aos vermes por quo não respeitavam tambem aquelles que passaram no mundo cheios de vaidade? que elles vos responderão: — porque são todos eguaes, e ao chegar á heira d'este caminho despiram o manto das trivialidades humanas.

Mas não é só a philosophia que esclarece o espirito do homem, que o anima a supportar todos os revezes, e quasi sorrindo, levar aos labios a taça do soffrimento com aquella resignação com que Socrates, á voz do Arcopago, empunhou a taça da cieuta. Uma luz, clarão de fé, vem irradiar em nossas almas, e nos dá força e valor para tomarmos resignados a pesada cruz.

E essa luz, esse balsamo que nos fortifica no meio das angustias, é esse pharol, esse clarão divino que se esparge na fronte do homem ao contemplar a abobada immensa, onde milhões de astros entoam essa musica sonora que se vai juntar aos canticos angelicos, e ao coro harmonioso que as virgens soltam juncto do throno do Altissimo, perfume celestial que se abriga no coração, e faz com que os revezes e os infortunios esmoreçam ante nós, como a onda altiva quebrando-se nos rochedos. Porque o homem no intimo da sua meditação, desvia os olhos da terra, e quasi esquecendo-se dos seus soffrimentos, ergue-os ao eó, e a esperança d'uma vida de delicias que ha além, que existe para elle segundo lhe ensina a fé, e segundo o ensinou e predisse aquelle que expirou no alto do Golgotha, lhe faz sorrir dos males terrenos, e

aceitar a coroa de martyrios com alegria, porque ella lhe predestina a outra que ha de eingar de gloria no reino das Bemaventuranças.

COSTA GOODOLPHIM.

Condiscipulo e amigo — Quizera tambem offerter-te para o teu interessante *Album Litterario* algum fructo do meu trabalho; está porem tão mal sasonado, que não é sem receio que t'o remetto, pedindo-te que de perto e côm cuidado o examines minuciosamente.

Ilas de por certo sentir-lhe o travo da verdura, e reconhecer quão incompetente é o fructo autonigo para vir occupar o espaço, que de ha muito pertence a escriptos mais apurados, e de mais fino e delicado gosto.

Sê franco: põe de parte nossa amizade, e se vires que o mesquinho não tem forças ainda para supportar o sol da publicidade, deixa-o jazer *in aeternum* no baratro do esquecimento: pois o elle ser d'um condiscipulo não é motivo assás forte para dessecar algumas das viçosas vergonteas, que tão verdejantes se ostentam na tua publicação.

Fascinado pela mesma idéa, que a fez nascer, preso-me tambem de prestar culto ao progresso do seculo em que vivemos, e procuro recêber em meu peito, senão o raio, ao menos o reflexo que de si emette o radiante sol, que fecunda as myriades de intelligencias, que o contemplava.

A estas tributo o mais sincero respeito, e curvo sempre a fronte, quando vejo passar em minha frente os denodados campeões, verdadeiros granadeiros da numerosa milicia, por toda a parte se agrupa em torno da bandeira, cuja magica legenda exprime o caracter da nossa epocha — *Fraternidade e Progresso*.

Filho do seculo desenove, nascido d'entre o povo, tenho como este, a que me preso de pertencer, as mesmas crenças, as mesmas aspirações.

A experiencia veio mostrar-me a veracidade de suas maximas, e fazer-me co-

nhecer d'um modo o mais claro, o quanto a humanidade deve aos valentes paladinos que de viseira levantada entram nos enenamentos certames da intelligencia.

Porem, caro amigo, bem sabes que no meio dos contendores, nem todos se apresentam de lança em riste para defende-rem as verdadeiras aspirações, os justos sentimentos, as legitimas pretensões da intelligencia, e confundindo o ouro em o ourapel, as côres naturaes com os arrebiques, empregam suas forças para debellarem a verdade, e fazerem triumphar o erro, collocando sobre o altar, queimando incenso, não á densa da sciencia, mas á prostituta, que os fascina.

Quem deixará de lamentar, quando vês por exemplo o poderoso genio de Werther idealisar o desespero do coração; a fecundidade da grandiosa imaginação do fausto idealisar o desespero do espirito?

Os grandes genios, ainda desvairados, têm merecimentos incontestaveis, e não é sem razão, que ante elles se curvam vassallos e reis, pois a verdadeira realceza é sem duvida a do genio, a do merecimento.

O que acontece na poesia, tambem se observa na prosa.

Ouve-se todos os instantes citar Pelletan, Quinet, Scheleicim-acher, Lucke, e muitos outros, e proclamal-os como os unicos bemfeitores da humanidade, ou os seus melhores amigos, pelas snas idéas eminentemente liberaes; porem eu, caro amigo, pormais que pense e medite, lei-a e torne a lêr não vejo motivos para tantos hymnos; nem tambem encontro razão nas lugubres endexas em que outros lamentam os productos de vigorosas intelligencias.

Superior a todos os livros existe um; neste encontra-se o verdadeiro progresso, e apesar de sua antiguidade é nelle que a humanidade colhe incessantemente a nova seiva, que a vivifica, e a faz caminhar ávante na senda do progresso. Já vês pois nestas ultimas palavras qual o objecto dos mesquinhos artigos (se tal nome lhes cabe), que pretendo publicar no teu *Album Litterario*.

O teu condiscipulo
D. MOREIRA GUIMARÃES.

SORRISO!..

(no album do meu amigo J. A. P. C.)

Como é bello ver as vagas
transluzentes a correr;
a brisa amena e fagueira,
no seu constante gemer!

Como é lindo o verde plaino,
todo esmaltado de flores,
quando nelle então fruimos
as delicias dos amores....

Que magia, — ao romper d'alva,
o trilo do rouxinol;
como enleva ao fim da tarde
o lucifro pôr do sol!

Quão gentis são as estrellas,
lá no céu a scintillar!
a noite quanto venefica
a tibia luz do luar.

Mais bello — porem, — que a brisa,
noite, vaga, estrella e flor,
é o virgineo sorriso,
de Maria... o meu amor!...

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

O JAPÃO

Religião dos Japonezes

Os Japonezes têm tres cultos: o Boudhismo professado pelo povo; o culto de Confucio professado pelos sabios, porque só elles o podem comprehender; e finalmente o Sintó, culto dos antepassados ou dos kamis (antigos heroes).

A maioria do povo adora Syaka ou Boudha; esta religião, a que chamam Boutsdô, admite a Metempsychose; suppõe um inferno em que os impios estão cercados de fogo e de horrendos precipícios; erê tambem um paraíso governado pelo poderoso Deos Amida, divindade singular, que elles representam por um homem com ca-

beça de cão, montando um cavallo de sete cabeças. Seu filho Canon é tambem sumamente venerado; pinta-se sob a forma d'um gigante com 20 braços armados com frechas.

O Boudhismo é a religião popular, porque fere a imaginação com as figuras.

A religião de Confucio ou o Syoutil (via philosophica,) tem poucos sectarios: os Japonezes que professam esta religião são pela maior parte — deistas, pouco distantes do se converterem um dia ao christianismo: erêem em uma alma do Universo. Os philosophos confucianos fazem consistir a suprema felicidade numa vida virtuosa: segundo um escriptor japonês a doutrina de Confucio resume-se nestes cinco mandamentos:

Dsin, viver honestamente.

Gi, fazer justiça a todos.

Rê, ser affável e benevolento.

Tsi, defendei as leis do governo.

Sin, ter a consciencia pura.

O Sintó, que está esteitamente ligado com o Boudhismo, reconhece um ser supremo e deoses inferiores. A veneração dos antepassados erigida em religião, eis o que constitue o Sintó.

Os sectarios de Sintó têm templos rodeados de magnificos jardins, a que dão o nome de *Mias*. Os sintoistas não comem de carne de qualidade alguma, e evitam qualquer contacto com corpos inanimados.

Ha entre os padres do Sintó alguns que, pretendendo passar por medicos, preparam remedios, cuja efficaçia é bastante duvidosa: « para sarar um doente mandam-lhe escrever a historia dos seus soffrimentos e engolir o papel em pilulas! »

O seu sabio diagnostico vem sempre acompanhado de pyrases e gestos cabalisticos.

A cruel perseguição movida pelos Japonezes contra a religião christã, que no seculo 16 contara tão grande numero de proselytos, obrigou os missionarios portuguezes a abandonar o Japão. — Talvez que uma arrogancia culposa e exaggeradas pretensões dos missionarios portuguezes fossem a causa da horrorosa mortandade que

assignalaram o anno de 1638. O que porem é certo, é, que com a partida dos Portuguezes a religião christã foi extincta, e execrada como aquelles pelos Japonezes. — Ein razão do horror que o Japão tem ás nossas creanças é preciso que os nossos missionarios se não empenhem em fazer proselytos, alias não poderemos conservar com elle relações algumas. —

Querer extender o dominio do christianismo no Japão, seria não só abolir um culto, mas o proprio governo que é essencialmente theocratico, porque o mikado é para os Japonezes uma incarnação da Divindade.¹

Continua

UM AÇORIANO.

Sr. redactor: — Agradeço o benevolo acolhimento que se digna dispensar aos meus tenues versos, e quem foi tão bem hospedado, não deve deixar de continuar a buscar tão benigna hospitalidade. — De v. — att.^o e venerador obr.^o

CANTO MATUTINO

Ces chants aériens sont mes concerts chéris:
Je préfère aux parfums qu'on brûle en nos lambris
Le souffle ambulant du zéphyre.
VICTOR HUGO

Rasgam-se as sombras tetricas,
Da noite longo manto,
E a natureza, um canto
Eleva ao Creador :

Desprendem sons harmonicos
No bosque as ledas aves;
Perfumes mil, suaves
Allia a tenra flor.

Do horizonte os labios
Transpondo nesse instante
A aurora, cambiante,
Nos traz viver e luz:

¹ As relações que a França, Inglaterra e mesmo Portugal, mantêm actualmente com os Japonezes são boas; e ha bem fundadas esperanças de que todo o Japão em breve se abrigará á sombra benéfica da bella arvore plantada ha 19 seculos.

A flor ostenta perolas,
Cristaes, do céu cabidos;
Crocaes, rubins fulgidos
Ao mar descem a flux.

Da vaga o meigo anhelito
Que exbala, suspirando,
Se vem de brando e brando
Na praia deslisar:

Das auras co'o murmurio
Se ajuncta o mago hymno,
E o canto matutino
Se expande pelo ar.

Rasgam-se as sombras tetricas,
Da noite longo manto,
E a natureza um canto
Eleva ao Creador,

Desprendem sons harmonicos
No bosque as ledas aves:
Perfumes mil, suaves
Allia a tenra flor.

Coimbra — Fevereiro de 1866.

Um assignante do seu Jornal.

Sr. Redactor.

Pedindo-vos que vos digneis alistar o meu nome no numero dos assignantes do —Album Litterario—, permitti que eu tome a liberdade de vos offerecer a *produção* minha que mando inclusa, e de implorar para ella o mais humilde canto de vosso jornal.

Vejo nas paginas do vosso Album tantos ingenhos noveis erguendo os seus primeiros vôos, tantas lyras incipientes soltando as suas primeiras harmonias, tantas pennas juvenis aventurando os seus primeiros rasgos, que me animo a vir pedir-vos este favor.

Gosto de ver a mocidade empenhada em tão affanosas lidas, e creio sinceramente na vantagem d'estas tentativas litterarias, que preparam para maiores commettimentos.

Eu tambem sou moço, e tambem nmo as lettras. A poesia especialmente leva-me desvelos infindos. Nas horas que me restam livres dos trabalhos que todos nós temos,

delixio-me em cultivar-a com todos os extremos da minha alma, e até onde o permite a fraqueza de meu ingenho. Se o que remetto merecer da vossa bondade a publicação, no que vos peço a maior franqueza, continuarei a enviar-vos alguns fructos modestos do meu trabalho, fazendo o que em mim caiba por não desmerecer completamente do posto que vos peço na rectaguarda d'essa brilhante cohorte de escriptores e talentos novos, da qual serei o infimo.

Vosso admirador e collega
Antonio Xavier de Sousa Cordeiro.
 Coimbra, Fevereiro de 66.

REVISTA

O assumpto que mais prende a attenção dos habitantes d'esta Lusa Athenas, é sem duvida o novo drama representado em D. Luiz.

Fallarei pois d'elle, com especialidade, na minha revista de hoje, para assim ir de accordo com o desejo dos meus bondosos leitores, em geral.

Foi na ultima quarta feira. Entrei no theatro, e de subito se offereceu a meus olhos o quadro mais bello d'um paraizo de fadas, d'um ramilhete de flores lindas, d'um céo finalmente de estrellas a scintillar.

Por toda a parte grinaldas de flores dispostas artificiosamente; simples mas engraçados enfeites de velludo preto, collocados com certa negligencia magica.... servindo de coroa a essas deusas de cabellos louros, pretos e castanhos, que as tornavam rainhas.

Tal era, minhas amaveis leitoras, em simples esboço, a perspectiva dos camarotes do theatro de D. Luiz nesta noute encantadora.

Não me julguem comtudo tão perdulario no queimar do incenso, a ponto de ficar em chammas. Não. Apenas exprimo o que sinto, e creio dizer ainda assás pouco dos anjos que povoam as apraziveis margens do placido Mondego!...

Soou o apito, o panno ergueu-se ligeiro e a representação começou.

Subiu á sena o apparatuso drama, original do sr. conego Soares Franco, denominado — *Rainha Sancta Izabel*.

Esta producção de ha muito desejada pelo publico e academia conimbricense, correspondeu na verdade á nossa expectativa, corroborando mais uma vez os bem merecidos encomios que lhe têm sido tecidos pelos escriptores mais abalizados do nosso paiz.

A amenidade de estylo e o bem escolhido dos prototypos, collocam esta obra em paralelo com as melhores procreações dos nossos auctores dramaticos

O desempenho foi regular.

Carlota Vellozo no papel de *Rainha Sancta*, patenteou mais uma vez os eninentes dotes que possui. Maria Joanna comprehendeu perfeitamente e executou com mestria a parte de *D. Maria de Gusmão*, que, ousamos dizer, difficilmente será excedida por outra qualquer actriz. Alves, com quanto seja um actor de bastante merecimento, tem todavia no meu modo de pensar, muita exaggeração; apesar d'isso não desmereceu do conceito em que pelo publico é tido.

Oliveira, Amaral, Jacintho e Dias, desempenharam os seus papeis muito razoavelmente. O publico manifestou-lhes a sua approvação, chamando a todos por diferentes vezes ao proscenio, e não deslembrando tambem o auctor.

O scenario era dos melhores que alli tenho visto; as mutações de scena eram bem executadas e instantaneas; e a direcção do theatro é digna dos maiores louvores pelos esforços que empregou para pôr em scena tão lindo drama.

Ha alguns anachronismos a notar, não só em quanto a actores, mas tambem relativamente ao scenario. Restringir-me-hei porem a apresentar dois dos mais salientes, mesmo porque impossivel se me tornaria fazer uma minuciosa analyse nas limitadissimas raiaes d'esta revista.

No primeiro acto apparece uma vista da antiga cidade de Coimbra, e muito me admirou ver alli representados os arcos de

S. Sebastião, quando elles só foram construídos dois seculos depois, em 1568, no reinado de D. Sebastião, tendo cooperado especialmente para a sua edificação, o grande valido d'aquelle monarcha, Martim Gonçalves da Camera.

Ora sendo isto assim, como claramente se vê em diversos chronistas, é manifesto aquelle erro.

Outro tambem que notei foi: no primeiro acto apparecer o filho de D. Maria de Gusmão, menino de 12 annos, e fallar-se em D. Affonso, filho legitimo de D. Diniz, como sendo criança tambem; e no ultimo acto, decorridos talvez 26 annos, reapparecer o primeiro figurando a mesma idade, quando pelo contrario o segundo apparece já homem perfeito, coroado rei, e com 34 annos de idade, estando em analogas circumstancias. Com estas pequenas reflexões não é intuito meu deprimir ninguém; porém são estes factos tão sensiveis, que não posso deixar de nelles fallar, pois que a missão imparcial de revisteiro está superior a todas as considerações pessoas.

No sabbado e domingo foi de novo á scena o mesmo drama. continuando a ter bastante concorrência. Quarta feira é o beneficio dos actores Alves e Carlota Veloso. O espetaculo é bom, e espera-se grande enchente, pois que aquella actriz goza das sympathias do publico conimbricense.

A escacez de noticias obriga-nos a fiar hoje por aqui, e a não podermos como desejavamos, satisfazer á avida curiosidade das nossas leitoras.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

Recebemos e muito agradecemos um exemplar do *Compendio dos principios elementares de Arte Poetica*, 2.^a edição publicada pelo sr. F. A. Duarte de Vasconcellos, distincto estudante do 5.^o anno juridico e digno professor legalmente habilitado para todos os preparatorios. É uma obra de muito aprego, que mostra o quanto seu illustre auctor se interessa pela instrucção, e revela a grande copia de seus conhecimentos scientificos e litterarios.

Publicamos hoje a carta que o sr. Xavier Cordeiro nos dirigiu, pedindo-nos a publicação d'essa sua poesia, e promettendo-nos mais, algumas das suas produções.

Agradecemos as benevolas expressões que nos dirige, e logo que possamos daremos publicidade á poesia que nos enviou.

—*—

Está gravemente doente a ex.^{ma} esposa do sr. commendador Francisco d'Oliveira. O estado melindroso de s. ex.^a tem causado serios cuidados a toda a sua ex.^{ma} familia.

O PANORAMA

Semanario de litteratura
e instrucção

Publicon-se o 9.^o numero, adornado de bellas gravuras, e contendo varios artigos dos srs. Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Eduardo Augusto Vidal e Candido de Figueiredo.

Em Lisboa — Subscreve-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho, n.^o 6 — Lisboa, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, subscripta ao administrador d'esta folha — Miguel Soares Monteiro.

Assigatura

Por anno 1\$300 — Estampilhado 1\$560

Semestre 650 — " 780

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero no acto da entrega ou avulso 30 réis.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Correspondencia tanto de redacção como de administração ao director M. F. Margalha, rua larga, n.^o 2, Coimbra.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua larga, n.^o 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	300

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À MOCHIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 9

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Março — 15

O CASAMENTO CIVIL E SEUS DEFENSORES

(Continuado do n.º antecedente)

Não se argumente pois com os costumes dos povos antigos, entregues a uma barbaria de costumes, embora mesmo o façam só para mostrar o primitivo character do matrimonio, porque de tal argumentação nunca se poderá tirar conclusão de grande vantagem para nossos adversarios.

Estude-se e compare-se tambem o character moral da humanidade nas suas diferentes epochas.

A humanidade antiga não é a mesma humanidade de hoje. Uma differença radical de costumes, uma desigualdade perfeita de pensamentos e idéas, uma desconformidade profunda de circumstancias estabelecem entre o presente e o passado uma distancia consideravel, que todos reconhecemos, mas que o philosopho e o pensador mais facilmente avalia e admira.

O christianismo operou na humanidade uma revolução completa. A sociedade passou por uma nova transformação. Os antigos costumes foram abolidos; as velhas instituições foram-se pouco a pouco desmoronando, e tudo deu lugar a um novo edificio social, cuja pedra angular é o christianismo.

Desde esse momento augusto da regeneração social a humanidade é outra, porque mudaram os costumes, variou a vida humana, e alterou-se o organismo social.

Uma nova vida appareceu, vida mais perfeita, vida mais conformo á dignidade do

homem, vida mais suave em seus costumes e mais adequada ao seu fim.

Os idolos cahiram por terra, quebrados pela espada da maldição fulminada pela razão do homem, mais bem instruido, mais bem ensinado, pela revelação divina; os falsos oráculos emmudeceram á voz do verbo de Deos.

Uma nova epocha se marcou no constante correr do tempo, mas uma epocha mais feliz, mais gloriosa.

Que vale para o caso em questão que noutros tempos, entre os povos embrutecidos pela selvejaria de seus costumes, se usasse do matrimonio sem a interferencia, mais ou menos directa, do poder clerical? Ainda assim nada se prejudica a questão, apesar de que por um estudo circumspecto e por uma analyse imparcial dos costumes antigos, e compulsando-se a historia da antiguidade, chegaremos a reconhecer que no povo hebreu o matrimonio, embora não revestido ainda das formalidades que hoje nelle encontramos, era subministrado pelos antigos sacerdotes da religião.

Era, é verdade, aos chefes de familia que cumpria a celebração de taes actos; mas tambem é verdade, porque é a historia que o diz, que elles exerciam a duplicada função de chefes de familia e de patriarchas da religião, porque então, como diz o sabio Muzzarell, o poder civil era inseparavel do sacerdocio, e então os chefes de familia regulavam e dirigiam o matrimonio, como sendo padres.

E isto mesmo se deprehende pelo decorrer da historia d'aquella nação. Quando

a direcção do poder civil passou para as mãos do rei, que Deos lhe deu, quando a theocracia acabou na Judea para dar lugar á realza, nenhuma influencia exerceu então a auctoridade real sobre o matrimonio.

Ainda quando pela força das eventualidades e das vicissitudes, por que passou aquella nação, o governo d'aquelle povo passou para o poder dos reis estrangeiros e idolatras, e o povo hebreu foi transportado para Babilonia, reservaram os patriarchas, os sacerdotes, para si o direito de regularem e dirigirem o matrimonio.

E que então os conquistadores, embora barbaros, embora selvagens, souberam respeitar aos conquistados estas regalias religiosas que lhes suavisavam o horror e attenuavam o peso da escravidão!

E que então os conquistadores, embora idolatras, sabiam respeitar os direitos da mesma egreja que não reconheciam, que não abraçavam, e que até hostilisavam; hoje são os proprios filhos da egreja do Christo que levantam sua mão sacrilega para a esbofetear!

Continua.

M. F. MARGALHO.

DOIS CAMINHOS.

Caminho da virtude alto e fragoso
 Porém no fim suave e delectoso.

Luziadas DE CAMÕES.

Na terra ha dois caminhos a seguir;
 o primeiro que vai direito ao céo,
 um outro que no inferno vai cair.

Ha no fim do primeiro um rico véo
 que tem em letras d'ouro—« vem sorrir. —
 Mas no fim do segundo—» vem ser réo. —

No termo do primeiro, do Senhor
 os anjos formam e'rôas d'alvos lyrios
 todos com a legenda—« eis um penhor»—

Tem em torno de si formosos cyrios
 aos quaes se lê—« segui a luz do amor,
 ó vós que vivestes em martyrios. »—

No termo do segundo um facho ardente
 eil-o mostrando em letras infernaes
 a suprema sentença, a dôr pungente.

E os demonios sorrindo bem fataes
 as phrases vem dizer— « eternamente
 ás penas condemnados sois, mortaes!» —

Uns vêm buscar o premio, a flicidade
 por que de S. Miguel lá na balança
 teve mais peso a luz da eternidade.

Tiveram no Senhor vivo da esp'rança,
 exerceram na terra a caridade
 por isso um dia encontram a bonança.

Aquelles que tiveram cá na terra
 a mira nas riquezas vão do mundo
 as mesquinhas paixões que o orgulho encerra;

Lançando-se no abysmo mais profundo
 que nossa alma vicia e nos emperra
 seguiram dos caminhos o segundo.

Os olhos ergue então para as alturas,
 e contemplando o quadro magestoso
 intimas queixas lança de amarguras.

E quem viveu na terra poderoso
 maldiz as illusorias aventuras
 que lho perderam dom tão precioso.

Mas é tarde. Qu'importa ao navegante,
 que no alto mar o rumo já perdeu
 e com a morte lucta agonisante,

Ver uma estrella vivida no céo,
 se o triste já vida tão distante
 fitando a nova luz depois morreu.

Então segui na terra o verdadeiro
 espinhoso caminho da virtude
 lembrando-vos o dia derradeiro;

Segui a viva luz que vos escude,
 que vos seja um amigo companheiro
 até aos umbraes d'um ataude.

Acceitao resignado o soffrimento;
 aos hombros inclinae pesada cruz,
 e tendo sempre em Deos o pensamento,

O caminho segui que nos conduz
das trevas ao mais vivo luzimento ;
buscae p'ra sempre a eterna luz
da terra desprezae vão ornamento.

COSTA GOODOLPHIM

A SOLIDÃO

(PRIMEIRO PASSO LITTERARIO)

Quando por noite estava a lua dardejando seus pallidos raios, e a lympa murmura brandamente amor, e a aragem perpassa veloz nos salgueiros, e o rouxinol trina escondido no arvoredor, eu amo a solidão.

Ahi á beira do mauso ribeirão minha alma corre veloz, meu pensamento eleva-se ligeiro. É que em cada pallido raio da lua comprehendendo um brado da immensidade; em cada murmúrio da lympa ouço um cantico de amor; em cada sopro da aragem sinto um hymno de harmonias; em cada trinado do rouxinol admiro uma saudação do respeito.

E o meu pensamento divaga pela immensidade, seguindo aquelle brado, que antes creara; e a minha alma extasia-se ante esse cantico de amor, esse hymno de harmonias, essa saudação de respeito que presenciei.

Então o mundo para mim comprehende só essa lua brilhante que me alumia, essas estrellas baças que marchetam a abobada celeste, essa lingueta prateada que a meus pés corre, essas arvores gigantes agitadas levemente, essas avesinhas occultas pela folhagem que me arrebatam com o seu dulcíssimo cantar.

Como é assim bella a natureza ! Que doce encanto, que mysteriosa voluptuosidade em cada objecto que faz parte d'esta scena !..

O céu não está ao occidente armado com os formidaveis castellos de nuvens que em pouco tempo o encobrem até o oriente; em vez das nuvens medonhas ha a limpidez, ha o azul celeste tão difficil de imitar : o ribeirão não tem a impetuosidade da torrente, da enchurrada, só tem a brandura,

e murmúrio : as arvores têm o encanto, o adorno da folhagem em logar da nudez, da solidão do inverno : as avesinhas têm o canto em vez do silencio; têm a alegria em vez do temor; têm o prazer em vez da tristeza; têm a vida em vez da morte.

E eu, elevando-me pelo pensamento, cheguei a crer na felicidade perpetua, julguei-me num outro mundo.

Mas este meu enlevo, este meu extasis não foi de longa duração; porque outra scena bella tambem, tambem sublime, me despertou, me accordou. Despontava o dia...

Do lado do oriente appareceu uma tenue claridade; era o dia que se annunciava.

Essa claridade, tão fraca a principio, foi crescendo pouco a pouco. As cores decompunham-se; a pallida luz da lua ia fugindo, ia desaparecendo, e a clara luz do dia avançava, crescia: as sombras da noite davam lugar ás sombras do dia: a morto fugia ao reaparecer a vida.

E as avesinhas, despedindo-se saudosas dos ultimos raios da lua, e saudando os primeiros annuncios do dia, redobravam o cantar; e as arvores, abanando-se ligeiramente, recebiam altivas as ultimas gottas do roscio; e o ribeirão, murmurando suave, acompanhava com gemidos o canto das aves.

E a claridade cresceia sempre, e o dia apresentava-se esplendido de galas e bellezas.

O sol apparecia então. Ao passo que elle crescia no horisonte, nova cor tomavam os objectos.

Que pureza de aromas !... que magias de bellezas !... Que pincel para esta scena !?... Que poeta para este thema !?... Ha um pintor, ha um poeta, mas um só.

Esse poeta, esse pintor é Deus....

A.

FELIZ AO JOGO

(CONTO DE HOFFMANN)

A linda villa de Pymont, ponto de reunião de uma sociedade excessivamente curiosa, no mez de junho de 18... foi eoncorrida, como nunca, por esses ociosos de

todos os paizes, que têm diuheiro e tempo de sobejo. Este verão foi rendoso para os industriaes do bom tom, que vão em busca de fortuna ás bolsas alheias. Os empresarios das casas de jogo tinham assestado as suas mais fortes baterias, e desenvolvido todas as seducções do luxo como chamarrizes da caça do jogo que o diabo lhes enviava todos os annos. Os ducados, os luizes, as dobras scintillavam ao clarão das luzes; os equivocos barões acudiam de toda a Europa em romaria ao altar da fortuna.

Os estabelecimentos de banhos são mais celebres, em regra, pelo grande concurso que reúnem para o jogo, do que pelas virtudes das suas agnas. Ahi se encontram individuos que não pegam em cartas, mas que seguem com a maior attenção todas as peripecias do jogo, como se tomaram parte nestas lutas. Outros ha que suppõem que é de bom tom, perder com boa cara algumas moedas todos os dias.

Comtudo, na epocha a que me refiro, estava ahi um joven barão, que segundo creio era allemão, e cujo nome deixo em silencio, respeitanto certas conveniencias, o qual não se deixava arrastar pela mania geral. Muitas vezes era encontrado nos passeios dos arredores, envolto em profundas meditações. A maior parte do tempo fechava-se no seu quarto, dias e dias, sem que ninguém podesse devassar a sua mysteriosa existencia.

Verdadeiro heroe de romance, moço elegante, rico e de nobre linhagem, deixava correr a seu respeito uma infinidade de historias galantes, com o que não se enfiava.

Os outros rapazes da sua idade commettavam o seu extravagante viver, e sobretudo a sua insistencia em não querer frequentar a casa do jogo; e não sabendo explicar este proceder, segundo elles, extraordinario, chamavam-lhe avarento. E sem o saberein, conseguiram assim tiral-o da apathia que tanto os preocupava.

O joven barão quiz desmentil-os formalmente, e um bello dia apresentou-se na casa do jogo, resolvido a arriscar uma consideravel quantia. A sorte foi-lhe propicia.

Não se mostrou abalado por esta primeira victoria, deixou a parada sobre a mesa, e ganhou esta e todas as outras com rara felicidade. Os outros jogadores, que o tinham acoimado de avarento, agora chamavam-lhe louco. Elle nada disse, mas castigou os falladores, ganhando-lhes o diuheiro. Pouco a pouco se foi habituando por tal modo a esta distração, que já não podia passar sem ella.

Uma noite, quando o banqueiro acabou de tallar, o barão lançando uma vista de olhos por todos os parceiros, viu um homem de meia idade, que parecia observal-o com notavel insistencia. Aquelle olhar penetrante impressionou-o sobre modo; todavia conservou-se silencio.

No dia seguinte viu esse mesmo homem á mesa do jogo, sentado em frente d'elle, e fixando-o attentamente. Este proceder offendeu o barão, e impacientando-se, levantou-se e disse-lhe: — «Muito me obsequiarieis, se escolhesseis outro lugar, ou se deixasseis de fitar os olhos em mim d'esse modo.»

O desconhecido sorriu-se com ar triste, cumprimentou-o, e retirou-se sem lhe dirigir uma só palavra. Na noite seguinte collocou-se no mesmo lugar, e fitando o barão com um olhar ainda mais penetrante.

Continua.

A FILHA DA MORTE

Ao meu amigo V. Lopes do Amaral

Sentado numa floresta
ô rouxinol esentavas,
e o susurro das aguas
d'um rio que alli passava;

Das mais aves o gorgocio,
das pastoras o cantar,
e o balido das ovelhas,
qu'andavam a apascentar.

Estava neste retiro!
gosando a amenidade,
quando divisei um vulto
sublime de magestade.

Vi-o sentar-se o receioso
d'este modo ousei dizer:
quem és tu, mortal ou deosa,
e quo vens aqui fazer?

Respondeu-me entre soluços:
ah! . eu sou filha da morte!
Que unida co'os passarinhos
venho chorar minha sorte.

Coimbra, 16 de setembro de 1865.

JOSÉ MARTINS DUARTE JUNIOR.

O JAPÃO

Continuado do n.º antecedente.

II

Os dois Imperadores

O *Mikado* (filho do céo) ou imperador espiritual, que os Europeus, sem razão, chamam—Daíré por attribuirem ao Imperador o nome d'um palacio, reside em Miako, capital religiosa do Japão.

A auctoridade do Mikado é nulla, mas em compensação é adorado e tido como descendendo directamente dos deoses.—Apesar de todas as homenagens que os Japonezes lhe prestam, a sua vida não é mais do que um longo martyrio, se suppozermos um desditoso principe, que não tem o direito de fazer uso dos pés, porque tocar no chão seria macular sua sancta pessoa; e que se não expõe aos raios do sol porque um Imperador como elle poderia offuscar o astro do dia. Teremos exactamente um malaventurado Imperador espiritual do Japão; os Mikados mal podem fazer um movimento que não assuste seus subditos. Outra deviam estar immoveis durante algumas horas do dia diante d'uma multidão que attentamente lhe observava as variações do semblante, e os movimentos involuntarios de seus olhos, etc. etc. o que era para ella outros tantos agouros. —

Um Mikado ainda novo encheu de susto todo o Imperio por não poder permanecer num logar; julgavam, que tremores de terra

e inauditas desgraças iam destruir completamente o bello Imperio do «Sol nascente»; desde então os padres julgaram conveniente abolir este uso que podia fazer vacillar a fé dos Japonezes, e os Mikados deixaram de se appresentarem sob o aspecto de idolos, e de serem adorados como pagodes.

Em quanto dorme o Mikado, cortam-lhe os cabellos, a barba e as unhas, que são cuidadosamente conservadas como preciosissimas reliquias. Os pratos em que lhe servem as iguarias são immediatamente quebrados; os maiores males cahiriam sobre o *atrevido* que ousasse tocar em tão preciosos e sagrados vasos.

O chá destinado ao imperador não se põe em contacto immediato com o homem; o individuo, a cujo cuidado está a colheita d'elle, cobre a cara com um véo e só colhe as folhas com luvas. —

O Mikado tem 12 mulheres, uma só das quaes goza das prerogativas de esposa.

O *Syogoun*, imperador temporal ou, melhor, general dos exercitos, tem um poder illimitado em todo o imperio; dirige os negocios d'estado, mas favorece as honras prestadas ao imperador espiritual, com a condição do ser respeitada a auctoridade. Passa annuadas revistas ás chamadas — tropas invenciveis — mas que nunca viram diante de si fogo inimigo. Vai de 5 em 5 ou de 6 em 6 annos a Miako a ter com o imperador espiritual; a entrevista dos dois soberanos é objecto de preparativos a um anno todo; o Mikado apparece em um soberbo palanquim, cujos *gullejos* são os senhores d'alta sociedade.

Os dois imperadores presentam-se mutuamente, o devem separar-se satisfeitos um com o outro.

III

Justiça

A justiça é muito severa no Japão, a menor culpa é punida com terriveis castigos; os jogos d'azar são prohibidos, os *delictos* de cada rigorosamente reprimidos.

A mulher que se casa segunda vez, estando vivo ainda o seu esposo, é decapita-

da. O motor de discordias é desterrado (barbaramente). Os alienados que commettem algum crime são julgados como criminosos, e por taes condemnados á morte. O inspector d'uma prisão, quo por negligencia deixar escapar um criminoso, é as mais das vezes condemnado a ser decapitado. O individuo que favorece uma evasão é punido com o derradeiro dos castigos. O escravo que ferir sen senhor é crucificado; o filho que levantar a mão contra sen pae é decapitado; o desastrado conductor que esmagar alguém é barbaramente degolado como assassino. Os ladrões mais culpados soffrem o mesmo castigo. Todos os outros malfeteiros têm por castigo — bastonadas.

A justiça é expedita, ás vezes um processo é instaurado e concluido no mesmo dia; raras vezes se differem as condemnações; os pedidos de perdão são em regra infructiferos.

As leis draconianas que governam os japonezes fazem d'elles uma nação quasi exemplar; os crimes são rarissimos; os costumes conservam-se puros. Os viajantes europeus são concordes em admirar as leis do Japão: Reampfer preferiu-as ás da Europa, e Thunesberg participava pouco mais ou menos as mesmas idéas.

Infelizmente a crueldade preside ás execuções, não se satisfazem com dar a morte ao criminoso, bastantes vezes o martyrisam. Por exemplo, os grandes malfeteiros são enterrados, até meio, na estrada publica, e cada passageiro é obrigado a fazer entrar uma serra de pão que lhe penetra as carnes do pescoço; ás vezes este supplicio dura 8 dias, porque tomam a precaução de dar alimento ao desgraçado criminoso.

A denuncia está erigida em principio: os japonezes cumprem um dever denunciando o seu melhor amigo, se sabem que elle commetteu algum crime. — Os delatores recebem uma remuneração, o que não deixa de ter sua influencia em almas ambiciosas e avidas de dinheiro. O principal magistrado da cidade é o *Nimbau* que dirige as pesquisas policiaes; cada rua tem um *oltona* ou commissario particular.

Continúa.

DOR E SAUDADE

Vivi! passaram meus dias
D'illusões, crenças e amor!
Só me resta, hoje, da vida
Uma saudade querida,
Com que alimento esta dor.
E que dor! ai! quem me dera
Só do presente viver!
Se o passado m'esquecesse,
Se no futuro pudesse
O meu peito esperança ter!
Mas não pode, que a saudade
Do que amei, do que senti,
Não pode n'alma acabar.
E quando a dor me matar,
Morrerei, vendo-te a ti.

E. A. F. DA C.

A MINHA PRIMA

D. ADELAIDE LEOPOLDINA DE JESUS TEIXEIRA

Ainda é cedo, Adelaide, não pares;
Vas contar os festões do jardim,
Mariposa dos astros deseida,
Vae posar no botão do jasmim.

Nessa brisa que sopra fagueira
Teu futuro entrega ao desdem;
E, mil risos soltando dos labios,
Vae, exulta ao brincar da eecem.

Vae, exulta: a innocencia permite
Doce vida no seio abraçar,
Primavera de esperanças vestida,
Meigas crenças nos vêm afagar.

Os teus dias de encantos e brilho
Se enamoram de tanto folgar:
Vive, pois, embalada no goso,
— Em doçuras a vida a passar.

E sósinha, comtigo brincando,
Vae das aguas sentir o frescor,
E no meio das noites perscruta
De teus sonhos o terno verdor.

É tão crente, tão bella, tão linda
Essa quadra de meiga isenção,
Que do céo té os anjos desejam
Ter por throne esse teu coração.
Coimbra, 20 de fevereiro de 1866.

J. MARIA P. DE MAGALHÃES.

O AVENTUREIRO

Ao meu amigo Francisco Antonio Marques Giraldes

Vento em popa o mar rasgava
Pequena e linda embarcação;
Em pé na proa um manecbo
Entoava esta canção:

Não conheço a minha patria,
Tenho por norte o destino;
Rio, desprezo a riqueza,
Cumpro um preceito divino.

Tenho um coração, mas livre.
O amor não o inflamma,
Sou insensível á gloria,
Nem se quer conheço a fama!

Não conheço a minha patria, etc.

Debalde irado o mar berra,
Não tenho medo ao seu rugir:
Affronto a morte, não temo;
Ao p'rige costume sorrir.

O vento em furia sopra,
O raio fenda os outeiros,
A náó quebre o cachopo,
Luctarei com os aguacéiros.

Não conheço a minha patria, etc.

Venha tambem a desgraça
Com toda a sua cohorte;
Que com forças não a temo,
Com ellas resisto á morte.

Não conheço a minha patria.
Tenho por norte o destino,
Rio, desprezo a riqueza,
Cumpro um preceito divino.

J. J. DE SOUZA CAVALHEIRO

REVISTA

No dia 7 tivemos em D. Luiz, o beneficio da incomparavel Carlota Velloso.

Mais um triumpho alcançado pelo talento sempre joven e robusto da nossa distincta actriz, e mais uma nota de febril arrehatamento, que difficilmente se apagará do coração d'aquelles a quem deixam extasiados os recursos de tão portentoso genio!

Foi á scena — *Magdalena* — drama já por vezes admirado pelo nosso entendido publico, e — *Lagrimas de Mulher*, — do sr. F. A. de Carvalho, estudante muito conhecido do 5.º anno de direito.

Este talentoso manecbo que, na sua carreira litteraria tão exuberantes provas tem dado do seu talento e applicação, quiz mostrar mais uma vez aos seus collegas e contemporaneos que se, por meio da palavra, arrebatava os seus ouvintes, com a penna na mão arranca palmas e bravos retumbantes, capazes de lisongear provadas reputações, saciadas de coroas e de estrondosos triumphos.

Os cartazes diziam que — *as Lagrimas de Mulher*, — é uma imitação; d'alguns jornaes pareceo deprehender-se que é original, e ha finalmente quem suspeite que não passa de traducção.

Seja como for, o que é certo, é que qualquer das coizas requer muito talento e estudo, que nos comprazemos em ver reunidas no illustre academico.

A — *Rainha Sancta Isabel*, — continua attrahindo numerosas enchentes.

Á alta sociedade conimbriense succederam-se as classes menos abastadas, e a estas finalmente os habitantes das aldeias circumvisinhas, de que nas ultimas recitas tanto nos camarotes como na plateia se viam curiosos types de jaqueta e carapuça.

Quanto pode o fanatismo pelas virtudes e milagres de tão illustro rainha!

Lembramos á direcção do Theatro de D. Luiz, que, se é costume em toda a parte conceder-se aos redactores de differentes jornaes um logar nas salas de espectaculo muito estranhamos que para comuoseo se

faça uma excepção a esta regra por toda a parte estabelecida.

Reconhecemos a nossa insufficiencia como apreciadores, e portanto a incapacidade necessaria para tecer um elogio; no entanto com o pequeno sacrificio de 400 réis cada noite, sem soffrer consideravel desfalque, cumpria com um sagrado dever.

Já vê a illustre Direcção que não supplicamos, declarando-lhe além d'isso que a sua falta de delicadeza nunca poderá ser a causa de deixarmos de continuar a frequentar os seus espectaculos como até aqui temos feito.

Sabbado é o beneficio dos actores Pereira e Maria Joanna, que têm jus á protecção do publico. Sobe á scena a *Cisterna d'Alby*, drama em 3 actos; — *Lágrimas de mulher*, comedia em um acto e a opera comica tambem num acto, — *os Dragões da rainha*.

Por hoje nada mais.

M. C.

Uma questão importante para Coimbra prende hoje a attenção publica: é a mudança do mercado. Quer a camara que elle se construa na Horta de Sancta Cruz; reclama o interesse do publico que elle se faça na Sotta; e é esta a opinião seguida por quasi todo o commercio, e a maior parte dos proprietarios, e a que abraçam todos os que olham sensata e imparcialmente para o futuro d'esta terra.

A indole d'este jornal e suas dimensões não permitem que traetemos esta questão na altura em que se acha, e lhe demos o desenvolvimento que merece; todavia é-nos lieito manifestar nossa opinião. O mercado na Horta, concluido como deve ser, fica caro e imperfeito, indo assim engrossar o numero dos desperdicios, que Coimbra tem lamentado; na Sotta fica caro, mas veremos todos que os recursos do municipio foram bem empregados.

Disse-se que o conselho municipal approvava a mudança do mercado para a Horta; consta porem que alli apenas se approvou a verba exigida para a mudança, e não o local para onde se devia mudar.

Recebemos uma poesia do nosso collaborador o sr. Eça Jordão, distincto escriptor de Lisboa, a qual hoje não podemos publicar, o que faremos no numero seguinte.

—*—

Recebemos e agradecemos, a 4.^a edição da *Nova Taboada* do sr. Bandeira. Vem muito melhorada e acompanhada do novo systema metrico-decimal, de modo a facilitar a intelligencia d'aquelle systema.

O PANORAMA

Semanario de Literatura e Instrução

Publicou-se o 10.^o numero, adornado de bellas gravuras, e contendo varios artigos dos srs. Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Eduardo Augusto Vidal e Cansido de Figueiredo.

Em Lisboa — Subscreve-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho, n.^o 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, sobscriptada ao administrador d'esta folha — Miguel Soares Monteiro.

Assigatura

Por anno 1\$300 — Estampilhado 1\$560

Semestre 650 — " 780

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero no acto da entrega ou avulso 30 réis.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Correspondencia tanto de redacção como de administração ao director M. F. Margallo, rua Larga, n.^o 2, Coimbra.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.^o 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	360

IMPRESA DA UNIVERSIDADE.

ALBUM LITTERARIO

JORNAL LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À MOÇIDADE DE AMBOS OS SEXOS

N.º 9

Publica-se todos os dias 5, 15 e 25 de cada mez

Vol. 1

1866 — Março — 25

O REMORSO

Do nada surge o homem á voz omnipotente do creador; obra perfeita saída das mãos de Deos, reflexo brilhante da divindade, synthese da criação, grande, sobrenatural e divino, era o fim a que estava destinado.

Levanta-se porem a tentação infernal, que, valendo-se da fragilidade humana, arrasta o homem ao despenhadeiro do peccado, e lança em sua dignidade uma mancha terrivel, que para sempre o emodoo.

O seu brilho primitivo offusca-se pela sombra do peccado; a sua dignidade primordial desaparece diante de sua covardia, e sua consciencia ennegre-se pelo horror do crime.

Após o delicto vem a condemnação. O homem, degradado em sua dignidade, cai da altura em que foi collocado, e lança-se no lodaçal imundo da corrupção.

Segue-se a ordem natural das cousas.

Volviendo então o homem os olhos para o passado, vê lá o que no presente não encontra; nos seus primeiros dias, no primeiro raiar da sua existencia, divisava elle ainda o sol brilhante que o alumia; no presente via apenas a negridão do crime, que o avilta.

Lá via elle ainda o homem, imagem do creador, reflexo das perfeições divinas, passar uma vida brillante de magestade, esplendida de graça; então via acompanyado a sombra carregada da maldição, o horror do crime commettido.

E isto attribulava-o; isto compungia-lhe a alma. Semelhante ao homem que, passando uma parte da vida no meio dos attractivos da riqueza, e que, entregue a uma vida prazenteira, passara no mundo uma existencia deliciosa e atravessara os annos da sua mocidade florida sem nunca ver no horisonte da vida a mais tenue nuvem que lhe annuvasse o sol da existencia, o lhe fizesse prever no futuro a aproximação da borrasca, se encontrou depois, sem o esperar, a braços com a indigencia, sem que d'essa felicidade passada podesse aproveitar mais que sua triste recordação, a qual, longe de lhe poder suavisar a dor do mal presente, lhe arreigava mais a dor, trazendo a seus olhos, com mais carregadas cores ainda, o quadro terrivel de suas desgraças, sentia seu coração enlutado pelo triste véo da desventura presente.

Daqui estava já a estrella do seu futuro! emnuclado o horisonte da sua vida!

O passar ligeiro da sua existencia ia deixando após de si o rasto da sua desgraça.

Agonizante era então o existir do homem. Atravessando com passo tremulo a amplidão do tempo ia vendo ficar após de si, e cada vez mais afastados, os momentos da sua felicidade, passados no meio das delicias do mundo; volvia para lá seus olhos, e ainda descobria ao longe essa felicidade, que lhe escapara, e que tão mal d'ella se havia aproveitado; olhava o seu presente, e via-se por toda a parte acompanyado da desgraça; fitava os olhos no futuro, e via-o sempre tenebroso.

Convencido da sua culpa, gemia sobre o

remorso horrivel do peccado; desobediente a Deos, sentia o horror da maldição celeste.

M. F. MARGALHO.

NOITES D'OCIO

Acabei de ler a bella collecção de versos de Diogo de Macedo. Não esperava que tão cedo violasse as leis d'um excessivo recato a que espontaneamente se tinha submettido.

Vi retratado no livro aquelle bom senso e jovialidade, que distinguia a Diogo de Macedo entre os academicos da minha convivencia. O seu livro ubriu-se por um soneto onde se revela o character despretencioso do auctor:

Quizera ser poeta d'olho aberto,
Ser poeta de lei, cantor vigente;
Não de cuecas vate impertinente,
Não como sei que sou, leigo inexperto.

É um bello exemplo dado aos principiantes de não trocar a sua individualidade pela dos outros. Como não se encontram naturezas identicas, succede, a cada passo, passarem-se torturas por não podermos ser o que Deos não quiz que fossemos.

O auctor da *Cruz da Ermida* não se embaraça com a gloria dos outros, e contente como a sua sorte, tira da sua harpa sons de muita valia.

A *Bacchanal* está descripta com muita perfeição e conhecimento do coração humano. O bardo, descreido da saudade e do mundo pela desillusão no amor, é uma situação que sempre move e nos interessa. No meio do seu canto diz elle:

Mas soubessem que bagas d'agro prauto
Resvalam pela face ao desgraçado,
Que em vez de me eulparem e rirem tanto
A todos dêra lagrimas men fado.

Por todo o livro se encontram muitas e variadas descripções, sempre naturaes, novas e interessantes. O poeta lançava mão da penna, e escrevia os seus versos, livro de peias, que não fossem as da propria inspiração.

Não sei quem me disse que um critico sagaz tomara de ponta a bella poesia, de Diogo de Macedo — o Napoleão. Acreditei a segunda vez que me responderam affirmativamente. Diogo de Macedo chama a Napoleão um tyranno; o critico chama-lhe o superlativo dos heroes, e accusa de insciencia ou de falta de reflexão aos que dizem o contrario.

Coitado do critico, que por fim de contas só mostrou falta de cabedal nos seus dizeres. O poeta, ao menos nesta parte, sabia mais do que elle.

A prova de que o poeta não ignorava o que o critico lhe veio dizer são os versos por que abre a poesia:

Sim! os heroes do mundo são deoses a meu ver;
Os céos lhes dão a corôa, direitos e poder,
Os céos os tornam reis. Se alguém disser que não,
De certo não coahece quem é Napoleão!...

O critico queria dizer mal e não sabia de quê. O poeta não se infleira entre os idólatras de Napoleão porque não quer, porque entendeu aquellas palavras de Napoleão erguido sobre os rochedos de Sancta Hellena: «tudo se paga.»

A Providencia podia servir-se do braço de Napoleão, e todavia ser Napoleão um tyranno, como de feito tem sido considerado.

No livro sente-se por vezes apparecer a alma e a vida do poeta. Não indico os logares. Quem ler o livro com attenção sente-o bem.

Correcto na fórma, com quanto não seja proselyto obsequioso e infallivel da poetica d'Aristoteles, Diogo de Macedo é um poeta estimavel e esperançoso pela imaginação e gosto, erudição e liberdade, que revelam todas as suas producções.

L. P.

O SCEPTICO.

Meu ser voou na aza d'aguia negra.
(JOÃO DE DEUS)

Dos olhos fugiu-me a luz,
Do meu poito o coração;
E agora pesada cruz
Me roja a fronte no chão.
Ja não ha formosa estrella
Que dardeje na procella
D'esta vida os seus fulgores;
Perdi para sempre a aurora,
E no mundo tenbo agora
Só gelos, trevas e dores.

Tudo que outr'ora affagava
A minh'alma tão ardente,
Dos desenganos a lava
Anniquilou de repente.
Veiu um dia da desgraça
O tufão que nunca passa
O resto encher-me de pó;
E na rapida passagem
Em mim ercou a voragem
Que hoje me opprime sem dó.

Pois n'este peito partido
Viveram já puras crenças,
Que, a nunca terem morrido,
Eram riquezas immensas.
Nos labios tive sorrisos,
No mundo vi paraísos,
E juncto a imagem da fé;
Em tudo via o fulgir,
Mas foi por tanto sentir
Que nada resta de pé.

Oh! triste é a sorte que hoje
As minhas horas fulmina:
Tudo que é bello me fuge
Sómente a dôr se approxima.
Hoje não vejo no mundo
Senão um antro profundo,
Em que o soffrer se condensa;
Inferno horrivel, biante,
Em que se ostentá gigante
Sempre o phantasma — descrença.

Este terrivel estygma
Da minha vida é a lei;
O contrario é um enigma
Que decifrar já não sei.
Em balde busco no espaço
Um vestigio d'esse laço
Tão doce que me prendeu;
É em vão que a vista cança,
Bem fatal desesperança
Lhe affirma que se perdeu.

Dos olhos fugiu-me a luz,
Do meu peito o coração;
E agora pesada cruz
Me roja a fronte no chão.
Já não ha formosa estrella
Que dardeje na procella
D'esta vida os seus fulgores;
Perdi para sempre a aurora,
E no mundo tenho agora
Só gelos, trevas e dores.

Lisboa, março de 1866.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO

Sr. Redactor

Nas poucas horas, que me restam dos meus trabalhos escholares, não posso deixar de desenfadar-me, e entretenho-me num brinco innocente: faço versos, (se os poetas me concedem este nome para lhes dar) e alguns desses offereço-os para o *Album* de v. que como a estrella de Gaspar, Belchior e Balthasar, que os levou a Bethleem, nos conduz ao sanctuario da imprensa, a essa luz radiante da civilisação.

Eu segui o caminho; e deixei que algumas debeis estrophes fossem, como o nauta que perdido vai mariando pela bussola do destino, demandar um porto amigo; e ellas acharam-o; por isso, meu caro redactor, envio-lhe algumas mais, a que espero dê e mesmo rumo, e não deixe envolver no turbilhão das ondas.

Quizera que fossem dignas do *Album Litterario*, hoje com especialidade, que famo-

sos e conhecidos escriptores foram hastear ali a sua bandeira litteraria.

Lá diviso S. Dias, o minoso poeta, que além da inspiração natural tão bem sabe harmonisar a arte com a natureza.

Vejo M. Guimarães, que se levanta agora do seio do povo para prégá-lhe a Epopeia de Christo. Elle que me desculpe pela antecipação do segredo, que me dêa.

J. L. da S. Vianna vai tambem, por alguns momentos, delcitar os leitores do *Album*. Os que d'antemão desejarem conhecer o lcam as *Scenas de felicidade*, na *Miscellanea Recreativa*, o bello e excellente livro—*Como é o mundo!*... e, enfim, os bem elaborados artigos do *Diario Commercial* sobre melhoramentos das colonias.

Trabalhae, meus amigos; que o trabalho é um legado da idade nova.

Deixae os improvisados Aristophanes da epocha, que buscam numa gargalhada estúpida esgotar a admiração dos outros como Sophocles pela tragedia, e trabalhac.

Esquecei-vos e lêde comigo uma verdade que transcrevo d'uma versão — Cruzes e vento — «Os homens são todos como a rapoza, criticam o que não têm, e mesmo ás vezes tractam de metter a ridiculo o que no fundo do seu coração invejam. Pobre humanidade! a natureza não nos fez bons, e a educação só nos ensina a occultar os nossos defeitos» e trabalhac, pois, jovens escriptores, e não temais as criticas dos que se envergonham de sahir das sombras. Basta-lhes o seu castigo.

Não sepulteis vossas aspirações, mas redobrac vossos esforços.

Quando se vos apresentarem esses criticos ineditos, baixos reproductores do monodrama da Grecia, primitivo *mimo*, voltae as faces, para que um sorriso de desprezo se lhes não anteponha á passagem.

Os que forem leaes, e não ignobeis, que se apresentem, analyse, critiquem, e o aggreddido lhes responderá perante o publico, tribunal imparcial onde se ajustam opiniões.

Seu obr.º e dedicado
A. FERREIRA DE FREITAS.

O INVERNO DOS POBRES.

Grand Dieu!.... tant d'horreurs!

(BEAUCHAMPS.)

Já se enluta a natureza,
já sopra o vento gelado,
murcharam viços do prado,
caí a folha sem vigor!
Já o sol esconde o rosto
das nuvens densas no seio,
nem já s'escuta um gorgeio,
nem já rescende uma flor!

Nas desnudadas campinas
só os gemidos do vento;
tolda a luz do firmamento
tristonho manto sombrio;
avança o rispido inverno,
quadra de pranto e folguedos:
para o rico — dias ledos,
para o pobre — a fome e o frio!

P'ra vós, ditosos de mundo,
não tem o inverno durezas:
vossas festas são defesas
ao frio agoute dos ventos!
Ruja embora a tempestade,
zombais da sua inclemencia,
que vos respeita a opulencia
nos faustosos aposentos!

E repetem-se os folguedos
saraus e bailes... sem fim!
a vertigem de festim
vos accende os corações:
vossos sentidos deslumbra
da festa o quadro risonho;
é p'ra vós a vida um sonho
d'encantadoras visões!

Ai! mas lá fóra, incansavel,
a dor flagella, extenua
a miseria seminua,
presa da negra indigencia!
Chegae ás vossas janelas,
vêde através da vidraça
o fantasma da desgraça,
o contraste da opulencia!

Vêde a miseria estampada
n'esses rostos macilentos;
ouvi os tristes lamentos
que os pobres mandam aos céos!
o grito da desventura
nos sons da festa abafado,
esse grito angustiado:
« Dáe-me uma esmola por Deos! »

« Dae esmola ao pobre velho,
« á orphan desamparada,
pela miseria arrastada
aos horrores da perdição!
Esmola... á mãe sem conforto,
que não tem na terra um ninho
onde abrigue o seu filhinho,
que ella estreita ao coração!

Oh! correi a soccorrel-os,
ide estender-lhes a mão:
levae n'ella o vosso pão,
no peito amor e carinhos;
e tereis por premio justo,
d'infinito mer'cimento,
o vosso contentamento
e as benções dos pobresinhos.

Ricos! ditosos da terra!
vêde que é bello, que é sancto,
enxugar o acerbo pranto
quando a desgraça o verteu!
Esmola... quantas doçuras
'nesta palavra bendicta!
p'r'os desgraçados — a dicta,
para os felizes — o céo!

Coinbra, janeiro de 66

ANTONIO XAVIER DE SOUSA CORDEIRO.

FELIZ AO JOGO

(CONTO DE HOFFMANN)

(Continuado do n.º antecedente)

O barão enfadou-se então; parecia-lhe altamente injurioso o proceder d'esse individuo cujo nome até ignorava, dirigindo-se a elle com a expressão da colera concentrada, disse-lhe:

— « Se vos apraz olhar para mim d'esse modo, a mim não me apraz continuar a soffrel-o. »

Depois com um gesto imperioso, como de quem está disposto a tudo, apontou-lhe para a porta.

O desconhecido sorriu-se, cumprimentou-o, e retirou-se mui tranquillamente, como da primeira vez.

Este sangue frio, que parecia natural, cada vez embaraçava mais o barão. Recolhendo-se a casa, e não podendo dormir, pensou nesta aventura, quando de repente lhe pareceu ver diante de si o vulto do seu problematico adversario. Nesta especie de hallucinação apparecia-lhe o desconhecido trajando modestamente, ainda que a sua physionomia denotasse um homem superior á condição que indicava o seu trage: — « Na verdade, disse consigo o barão, procedi mal em apoquentar este pobre homem, que não me fez mal algum. É talvez um velho jogador empobrecido, que contemplava com inveja os productos metallicos da minha extraordinaria fortuna. Quando o encontrar hei de desculpar-me do meu arrebatamento, e procurarei com delicadeza prestar-lhe algum serviço. »

Não tardou a occasião que desejava. Logo no dia seguinte, a primeira pessoa com quem deu de rosto foi o mysterioso desconhecido, que vagarosamente gyrava pelo passeio dos banhistas.

O barão approximou-se d'elle, e disse-lhe:

— Sinto bastante ter sido hontem tão grosseiro convosco. Peço-vos que me desculpeis....

— Senhor barão, respondeu o homem de meia idade, não me deveis nenhuma satisfação. Se algum de nós se houve mal, fui eu.

— Ora esta! disse consigo o barão um pouco confuso á vista da impassibilidade do desconhecido; este maganão é de um sangue frio incrível; travemos conhecimento com elle.

E o barão continuou a conversa com o desconhecido acerca de cousas indifferentes, e soube trazer a terreno o ponto que queria tratar, fallando, com apparente indifferen-

ga, de certas complicações que ás vezes sobrevêm, e que influem por um modo desagradavel em alguns caracteres. E com phrases dissimuladas, tentou fazer comprehender ao desconhecido, que mui feliz seria, se pudesse pôr a sua fortuna ao jogo á disposição de um homem honrado victima dos rigores da sorte.

— Bem vos comprehendo, sr. barão, respondeu o desconhecido, julgaes que sou algum pobre diabo, que invejava os vossos ganhos, e daes-me provas de uma generosidade que eu vos agradeço; porem não sou tão pobre, como parece indicar a minha sobrecaçaca. Tenho muitas necessidades que satisfazer neste mundo; o dinheiro não me tenta; se julgaes haver-me offendido, affianço-vos que todo o oiro que ahi se joga não poderia resarcir-me do desgosto que me causastes.

— Creio que tambem vos comprehendo. Acreditae que muito me custaria recusar a um cavalheiro a reparação que elle julgaria dever exigir de mim. Estou portanto ás vossas ordens.

— Para quê, meu caro senhor? redarguiu o desconhecido; um duello seria mui desigual entre nós, e, além d'isso, o duello, na minha opinião, é um gracejo de máo gosto, porque raras vezes dá a victoria á justiça. Ha todavia casos em que a terra é acanhada de mais para que nella vivam dois homens, e um d'esses homens, embora esteja encarrapitado no cimo do Caucaso, e o outro submergido em uma mina, deve morrer, para que o outro possa respirar mais á vontade. Estes casos, felizmente, são raros. Em quanto a nós, parece-me que não chegámos a tal extremo. Que provaria um duello entre nós? Se tivesse a desgraça de vos matar, custava talvez uma existencia esperancosa, e, se eu succumbisse, acabaveis com bastantes soffrimentos. Assim, já vêdes que entre nós não ha egualdade de circumstancias. De resto, declaro-vos que me não considero offendido. Olhava para vós de um modo que vos não agradava. Convidaste-me para sabir da casa do jogo e... eu annui ao vosso desejo... Que mais quereis?

Esta explicação, dada com apparente

tranquilidade, parecia comtudo occultar uma dor profunda. O joven barão sentiu-se commovido. Repetiu formalmente os obsequiosos protestos de quanto sentia bavel-o offendido, e attribuiu o seu arrebatamento á impressão repentina que lhe causara o seu olhar fixo.

— Ora pois, disse o desconhecido com alguma animação, se é verdade que o meu olhar produziu em vós tanto effeito, possa elle nunca apagar-se da vossa lembrança, e oxalá esta recordação vos exempte dos perigos que receio vos assaltem no futuro. Ah! eu vol-o supplico, se é possível terdes alguma confiança em mim, não vos entregueis á paixão do jogo que começa a dominar-vos; combattei-a com todas as forças, antes que ella vos subjugue, porque se não conseguirdes vencel-a, eu vol-o prognostico, dentro em pouco sereis um homem perdido e deshonorado!

Continua.

SONETO

Esfaimado mendigo, esfarrapado,
O sancto óbolo a todos vai pedindo;
E d'alguns duro — não — vais sempre ouvindo,
D'essas almas mesquinhas, de máo fado!

De porta em porta vai elle arrastado,
Porque 'tão negra fome o vai delindo;
E supplicas a Deos vai erigindo,
Esp'rando que dos seus seja lembrado!

Negra a sorte que assim tanto crucia
Aquelles que ás mercês andam da sorte,
Pedindo a cada qual o pão do dia!

Dae esmola de vida ao que á morte
Quer fugir; e na extrema d'agonia
Em vão procura quem sua dor conforte!

15 de novembro de 1865.

HENRIQUE DE MACEDO

O JAPÃO

Continuado do n.º antecedente.

IV

Agricultura, industria e commercio

«Os japonezes, diz Mr. Fraissinet, têm um methodo bastante singular para fertilisar os seus terrenos. Tem sempre grandes montões de materias feccas e de todas as outras immundicies, e misturam-no ou com casca de ostras, ou com as cinzas de estofos velhos. Este adubo produz admiraveis effeitos.»

Os agricultores não pagam fóros; os campos apparentemente mais estereis são cultivados com todo o esmero, que sempre triumpho do solo ainda o mais ingrato; quando é impossivel mover a charrua no flanco das montanhas os japonezes usam de pás para trabalhar a terra, a lei estimula o zelo do cultor, porque se elle esprezar o seu campo, sabe que o seu visinho mais activo tem direito de considerar o campo como propriedade sua.

Os horticultores costumam, como na China, agorcentar as plantas, mas sabem tambem o meio de as augmentar; aperfeçoam as especies e tornam-nas bastante productivas. — Quantos Japonezes excitariam inveja aos nossos jardineiros, se podessem mandar os seus productos para as nossas exposições! — Meyran affirma que não é raridade o encontrar-se rabanetes com 50 ou 60 arrateis de pêso. — Siebold falla d'uma especie de alfaca, cujas folhas chegam a ter um metro de comprimento.

As bellas artes são ainda mal conhecidas; o desenho está ainda na sua infancia; porque a perspectiva é-lhes ainda desconhecida; a musica é dissonante e composta de gritos.

As sciencias fazem poucos progressos: desde ha muito que a bussola está em uso entre elles, assim como alguns instrumentos de physica; todavia os japonezes nem procuram inventar outros nem aperfeçoar os que possuem. — A industria está num es-

tado florescente; as obras de gommalaca são maravilhosas, e os especimens que d'ellas possuimos mal nos podem dar uma idéa da sua perfeição. — Até hoje os objectos verdadeiramente elegantes ainda não foram exportados. É admiravel a tempera que dão ao aço; os sabres dos soldados podem cortar um prego de ferro sem que façam bôccas. A belleza da poreclana é proverbial. — As fabricas da seda são magnificas. — A organização do trabalho é sensivelmente diversa da nossa; não ha manufacturas em que vivam instinctamente milhares de operarios; o trabalho faz-se *em familia* i. é. a maior parte do tempo em casas particulares que depois entregam isto, aos mercadores o producto de sua industria. Mestres e operarios estão todos quasi na mesma ordem de egualdade; só ha distincção para o merito e para a experiencia.

O governo reserva para si o monopolio de exportação de cobre e camphora; os particulares commerciam em bambú, em *sahi lieôr* proveniente da fermentação do arroz, com cera d'arvore, com laca (*gomme*) porellanas etc., etc.

V

Caracteres. — Usos. — Costumes

Os Japonezes têm um caracter muito pacifico, soffrem as maiores injúrias sem que mostrem a menor alteração, todavia em ponto de honra são assás sensiveis e melindrosos. —

Todo o individuo offendido por qualquer palavra, não provoca o offensor, mas dá-se pressa a suicidar-se afim de não sobreviver á affronta; a idéa de *harakiri* ou suicidio está tão profundamente arreigada no animo dos Japonezes, que até já tem por divertimento o suicidio; na primeira occasião arrancam a espada e rasgam o ventre; se acontece encontrarem-se dois soldados no caminho e tocarem com os sabres um no outro, julgam que seria vergonhoso sobreviver a uma tal affronta, e por isso suicidam-se immediatamente. — Quando um Governador se desenhida na execução de qual-

quer ordem do Syogoun, salva-se da des-honra fazendo duas incisões no ventre.—

As pessoas bem educadas devem saber o modo por quo se hão de comportar no grande dia do harakiri; é essencial ter entre os seus vestidos um branco, destinado á solemnidade do suicidio.

As festas são frequetes. Ha em Oasaka alguns theatros, a que concorrem muitos curiosos. Representam-se dramas, comedias o scenas mimicas. As atrizes são substituidas por jovens, que imitam perfeitamente os gestos o intonações feminis.

O trajo dos Japonezes é simples; as me-smas mulheres têm poucos adornos. O avental é o indispensavel complemento da *toi-letted'* um Japonez, qualquer que seja a classe a quo pertencer.

As mulheres de distincção não recciam apresentar-se em publico e passear, como fazem as elegantes e formosas europeas.

Apesar da ampla liberdade de quo gozam, poucos exemplos ha de adulterio.

Os casamentos são muito simples: os dois esposos accendem archotes e ficam d'a-bi em diante considerados como legalmente unidos.

Os funeraes dão por vezes occasião a grandes procissões. Varias mulheres se dirigem ao logar, onde deve ser depositado o cadaver, e espalham flores no caminho que o cortejo deve seguir; os meninos, trajando os seus melhores vestidos rodeiam o *norimon* que conduz o morto; a filha mais moça leva um archote para lancar fogo á pyra. Em todo o Japão se tributa profundo respeito aos mortos.

A exposição rapida que apresentamos aos nossos leitores, só pode dar uma idéa approximada do Japão e dos seus habitantes; para bem fazer comprehender um tão curioso paiz seria necessario dedicar-lhe muitos volumes; os limites porcm de nossas columnas nos obrigam a resumir os numerosos documentos que temos á vista.

O artigo que escrevemos não é um tractado, mas simplesmente um summario de estudos mais profundos.

Este artigo foi extrahido d'uma noticia,

que acerca do Japão deu Mr. Richard Costambert, num dos n.ºs do jornal — *La science pour tous*. — Lembrei-me de o traduzir com o unico fim de familiarisar os leitores e leitoras com os costumes extravagantes dos Japonezes.

O PANORAMA

Semanario de litteratura
e instrucção

Publicou-se o 11.º numero, adornado de bellas gravuras, e contendo varios artigos dos srs. Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Eduardo Augusto Vidal e Candido de Figueiredo.

Em Lisboa — Subscreevo-se no escriptorio, typographia Franco-Portugueza, rua do Thesouro Velho, n.º 6 — Lisboa, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, sobscriptada ao administrador d'esta folha — Miguel Soares Monteiro.

Assignatura

Por anno 1\$300 — Estampilhado 1\$560
Semestre 650 — " 780

O importe é pago adiantado.

Vende-se em todas as livrarias do costume. — Numero, no acto da entrega ou avulso, 30 réis.

No Porto — Assigna-se e vende-se em casa da Viuva Moré.

Correspondencia tanto de redacção como de administração ao director M. F. Margalho, rua Larga, n.º 2, Coimbra.

Assigna-se no escriptorio da redacção, rua Larga, n.º 2.

Preços: sem estampilha	Anno	1\$200
	Semestre	600
	Trimestre	300
" com estampilha	Anno	1\$440
	Semestre	720
	Trimestre	360

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE.